

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Anna Paula Ramos

Entre caravanear e acampar: um olhar crítico sobre o êxodo centro-americano contemporâneo

Mestrado em Relações Internacionais

São Paulo
2023

Anna Paula Ramos

Entre caravanear e acampar: um olhar crítico sobre o êxodo centro-americano contemporâneo

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, processos e atores”, na linha de pesquisa “Governança, Política Internacional e Política Externa”, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Cláudia Alvarenga Marconi.

São Paulo

2023

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Ramos, Anna Paula.

R175 Entre caravanear e acampar : um olhar crítico sobre o êxodo centro-americano contemporâneo / Anna Paula Ramos. – São Paulo, 2023.

133 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Cláudia Alvarenga Marconi.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, São Paulo, 2023.

1. Imigrantes – Estados Unidos. 2. Mexicanos – Estados Unidos. 3. Imigrantes – Estados Unidos – Condições sociais. I. Título.

CDD 325.73

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente pesquisa busca contribuir com a elucidação das experiências dos imigrantes do Triângulo Norte da América Central, à medida que percorrerem as rotas mexicanas para os Estados Unidos, pois se perpassa um conjunto de vulnerabilidades nesse ambiente, a ser discutido em vista de se fomentar ações eficientes para minimizar os seus efeitos.

This research seeks to contribute to the elucidation of the experiences of immigrants from the Northern Triangle of Central America, as they travel the Mexican routes to the United States, as there is a set of vulnerabilities in this environment to be discussed to encourage efficient actions to minimize its effects.

Esta investigación busca contribuir al esclarecimiento de las experiencias de inmigrantes del Triángulo Norte de Centroamérica, en su recorrido por las rutas mexicanas hacia Estados Unidos, pues existe un conjunto de vulnerabilidades en este entorno, que serán discutidas para poder fomentar respuestas eficientes para minimizar sus efectos.

Anna Paula Ramos

Entre caravanear e acampar: um olhar crítico sobre o êxodo centro-americano contemporâneo

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, processos e atores”, na linha de pesquisa “Governança, Política Internacional e Política Externa”, sob a orientação do Prof.^a Dr.^a Cláudia Alvarenga Marconi.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cláudia Alvarenga Marconi (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Prof. Dr. William Torres Laureano da Rosa (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)

Prof.^a Dr.^a Carolina Moulin Aguiar (Universidade Federal de Minas Gerais)

Prof. Dr. Reginaldo Mattar Nasser (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Prof.^a Dr.^a Evorah Lusci Costa Cardoso (Centro Universitário Álvares Penteado)

São Paulo, 06 de outubro de 2023.

Aos meus pais e à minha irmã pelo eterno apoio.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Cláudia Alvarenga Marconi, que me despertou uma racionalidade crítica sobre os assuntos, que permeiam as nossas discussões. Por ter orientado, desde a graduação, de maneira cuidadosa e com liberdade para eu pudesse desenvolver o meu senso de pesquisadora. Pelo acolhimento no ingresso no mestrado num período pandêmico e, posteriormente, na compreensão de minha jornada de conciliar a vida acadêmica com a atividade profissional. Pela confiança depositada em meu potencial e pelos lembretes de minha capacidade intelectual.

Aos meus professores, por transmitirem os seus conhecimentos e instigar a buscar novos horizontes. Amplio esse agradecimento aos meus professores da graduação, no Centro Universitário Álvares Penteado, por me apresentarem o panorama das relações internacionais, de modo que me gerou o anseio por seguir na área acadêmica.

À Profa. Carolina Moulin Aguiar e ao Prof. William Torres Laureano da Rosa pela leitura meticulosa, comentários e contribuições no trabalho de qualificação, que foram fundamentais à elaboração sequencial da minha dissertação.

À equipe do Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas por serem solícitos frente às minhas dúvidas.

Aos meus pais, Christianne e Paulo, que não mediram esforços para que pudesse concretizar os meus sonhos. Por terem me encorajado, incondicionalmente, desde o momento em que decidi ingressar na graduação de Relações Internacionais, um curso distinto de nossa realidade, e, ainda mais, na circunstância de minha escolha por cursar o mestrado. Por serem compreensivos e amorosos nos momentos de minha ausência, gerada pela necessidade de dedicação à vida acadêmica.

À minha irmã e melhor amiga, Danielle, pelo pleno apoio e ternura, principalmente com as palavras de conforto, que buscavam me lembrar de minha competência e instigar a minha autoconfiança. Por muitas vezes ser mais do que um pilar emocional, mas também me auxiliar nas revisões de minhas produções e ouvir atentamente as minhas ideias. Estendo também esse agradecimento ao nosso irmão canino, Ceni, que nos longos dias e nas noites adentro de escrita e pesquisa, sempre esteve me fazendo companhia com o seu amor fiel e alegria imensurável.

Ao meu avô materno, Antônio, por desde a minha infância ter incentivado os meus estudos e sempre se mostrado interessado em minha pesquisa. À minha avó materna, Terezinha, por ter despertado em mim o amor pela leitura, que foi crucial à minha escolha de seguir na área acadêmica. À minha avó paterna e segunda mãe, Therezinha, que partiu desse plano no

momento em que estava no processo seletivo para ingressar no mestrado, por olhar por mim e me abençoar onde estiver.

Ao companheiro Leonardo, pelo amor, paciência e compreensão. Pelo incentivo cotidiano, principalmente nos momentos de angústia e questionamentos, ao reafirmar o meu potencial de finalizar essa etapa em minha jornada. Por celebrar, calorosamente, as minhas conquistas e tornar a vida mais leve.

Aos meus amigos, que, em muitas ocasiões, foram o meu refúgio alegre e ouvintes de minhas preocupações. Agradeço, em especial, os meus amigos, que fiz na graduação e levo para vida, por terem me apoiado a seguir na vida acadêmica, desde a época que elaborei o projeto de Iniciação Científica.

Por fim, agradeço a Deus, às forças da Mãe Natureza e ao meu anjo da guarda, por iluminar e guiar meu caminho.

RESUMO

A presente pesquisa pretende, de modo geral, construir um olhar crítico sobre o êxodo centro-americano contemporâneo, ao ponderar a interação entre as práticas das caravanas migratórias e dos acampamentos informais erguidos nas cidades no norte do México, a partir do entendimento de que os imigrantes se empregam dos métodos de trânsito do corpo coletivo e visível e corpo individual e invisível, com as suas respectivas estratégias, para se locomoverem. Para tal, é proposto um diálogo entre a discussão teórico-conceitual dos Estudos Críticos das Migrações com a paisagem empírica do corredor migratório América Central - México - Estados Unidos, de maneira a compreender o imigrante como agente ativo dessa dinâmica de atravessamento, em paralelo às ações dos Estados para exauri-los. Essa interação foi materializada em três dimensões centrais: (i) na compreensão das fases da migração centro-americanas anteriores às caravanas migratórias e aos acampamentos informais; (ii) no delineamento das políticas migratórias estadunidenses e mexicanas, em especial as formuladas e concretizadas durante o governo de Donald Trump; e, por fim, (iii) na caracterização do duplo emprego dos métodos do corpo coletivo e visível e do corpo individual e invisível pelos centro-americanos, no momento de ingresso tanto nas caravanas migratórias quanto nos acampamentos informais. Constatou-se, assim, ser fundamental uma ampliação nos estudos sobre o êxodo centro-americano contemporâneo em dois sentidos: numa reflexão sobre o viés da imobilidade com os acampamentos informais e numa abordagem como essas duas práticas migratórias – as caravanas e os acampamentos – tidas coletivas são também concretizadas na esfera individual do cotidiano do migrar da América Central pelo México.

Palavras-chave: caravanas migratórias; acampamentos informais; êxodo centro-americano; Estados Unidos; México.

ABSTRACT

This research intends, in general, to construct a critical look at the contemporary Central American exodus by considering the interaction between the practices of migration caravans and informal camps erected in the cities of northern Mexico, based on the understanding that the immigrants use the transit methods of the collective and visible body and the individual and invisible body, with their respective strategies, to move around. For such, a dialogue is proposed between the theoretical-conceptual discussion of Critical Migration Studies and the empirical landscape of the Central America - Mexico - United States migration corridor to understand the immigrant as an active agent of this dynamic of crossing in parallel with the actions by States to exhaust them. This interaction was materialized in three central dimensions: (i) understanding the stages of Central American migration before migration caravans and informal camps; (ii) in the delineation of US and Mexican migration policies, especially those formulated and implemented during the Donald Trump government; and, finally, (iii) in the characterization of the double use of methods of the collective and visible body and the individual and invisible body by Central Americans when entering both migration caravans and informal camps. It was therefore found to be essential to expand studies on the contemporary Central American exodus in two senses: in a reflection on the bias of immobility with informal camps and in an approach to how these two migratory practices, caravans and camps, are considered collective actions that are also realized in the individual sphere of everyday life when migrating from Central America through Mexico.

Keywords: migration caravans; informal camps; Central American exodus; United States; Mexico.

RESUMEN

Esta investigación pretende, en general, construir una mirada crítica sobre el éxodo centroamericano contemporáneo, al considerar la interacción entre las prácticas de las caravanas migratorias y los campamentos informales levantados en ciudades del norte de México, a partir del entendimiento de que los inmigrantes utilizan los métodos de tránsito del cuerpo colectivo y visible y del cuerpo individual e invisible, con sus respectivas estrategias, para desplazarse. Para ello, se propone un diálogo entre la discusión teórico-conceptual de los Estudios Críticos de Migración con el panorama empírico del corredor migratorio Centroamérica – México – Estados Unidos, con el fin de comprender al inmigrante como agente activo de esta dinámica de cruce en paralelo con las acciones de los Estados para agotarlos. Esta interacción se materializó en tres dimensiones centrales: (i) comprender las etapas de la migración centroamericana previas a las caravanas migratorias y los asentamientos informales; (ii) en el diseño de las políticas migratorias estadounidenses y mexicanas, especialmente las formuladas e implementadas durante la administración de Donald Trump; y, finalmente, (iii) en la caracterización del doble uso de métodos del cuerpo colectivo y visible y del cuerpo individual e invisible por parte de los centroamericanos, al ingresar tanto a caravanas migratorias como a campamentos informales. Se consideró entonces fundamental ampliar los estudios sobre el éxodo centroamericano contemporáneo en dos sentidos: en una reflexión sobre el sesgo de la inmovilidad con los campamentos informales y en un acercamiento a cómo estas dos prácticas migratorias –caravanas y campamentos– eran consideradas acciones colectivas también se realizan en el ámbito individual de la vida cotidiana cuando se migra desde Centroamérica a través de México.

Palabras clave: caravanas migratorias; campamentos informales; Éxodo centroamericano; Estados Unidos; México.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquematização da tipologia do êxodo centro-americano	25
Figura 2 – Motivos da migração de menores desacompanhados.....	68
Figura 3 – Primeira onda das caravanas migratórias caminhado à cidade de Tijuana.....	91
Figura 4 – Imigrantes abrigados no centro esportivo Benito Juárez em Tijuana.....	94
Figura 5 – Localização geoespacial do campo informal em Matamoros.....	100
Figura 6 – Tendões no acampamento <i>El Chaparral</i> em Tijuana	102
Figura 7 – Mapeamento avançado das dinâmicas do êxodo centro-americano	108

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Apreensões na fronteira estadunidense de mexicanos e não mexicanos.....	65
Gráfico 2 – Apreensões na fronteira estadunidense de menores desacompanhados.....	67
Gráfico 3 – Apreensões na fronteira estadunidense sob o <i>Title 42</i> e o <i>Title 8</i>	85

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Rotas migratórias no México	44
Mapa 2 – Triângulo Norte da América Central	45
Mapa 3 – Malha ferroviária do trem de carga <i>La Bestia</i>	60
Mapa 4 – Cartografia crítica desenhada por imigrantes centro-americanos	61
Mapa 5 – Cidades fronteiriças estadunidenses e mexicanas sob o MPP	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiado
CBP	<i>Customs and Border Protection</i>
CDC	<i>Centers for Disease Control and Prevention</i>
DHS	<i>U.S. Department of Homeland Security</i>
HHS	<i>Department of Health and Human Service</i>
IIRIRA	<i>Immigration Reform and Responsibility Act</i>
INM	<i>Instituto Nacional de Migración</i>
IRCA	<i>Immigration Reform and Control Act</i>
MPP	<i>Migrant Protection Protocols</i>
TNAC	Triângulo Norte da América Central
TVPRA	<i>Trafficking Victims Protection Reauthorization Act</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS À LUZ DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA.....	29
2.1	Os Estudos Críticos das Migrações.....	31
2.2	Conceituando sobre o trânsito migrante	37
2.2.1	Mobilidade migratória: governada ou autônoma?.....	38
2.2.2	Imobilidade migratória: consequência ou paciência?.....	40
3	A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-POLÍTICA DO TRÂNSITO MIGRANTE DA AMÉRICA CENTRAL	43
3.1	Cuidado com os “<i>feet people</i>”: o início do êxodo	50
3.2	O <i>La Bestia</i> e o modo invisível de migrar	58
3.3	Emergência humanitária? A crise dos menores desacompanhados	64
4	A INGERÊNCIA ESTADUNIDENSE NO CORREDOR MIGRATÓRIO AMÉRICA CENTRAL - MÉXICO - ESTADOS UNIDOS	71
4.1	Donald Trump: exceção ou manutenção da coerção?.....	72
4.2	Externalizar a fronteira para imobilizar os imigrantes	76
4.2.1	<i>Migrant Protection Protocols</i>	78
4.2.2	<i>Title 42</i> : proteção ou contenção?.....	83
5	UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O ÊXODO CENTRO-AMERICANO CONTEMPORÂNEO	87
5.1	As caravanas migratórias	87
5.1.1	O modo de caravanejar da América Central.....	88
5.1.2	Corpo coletivo, visível e em movimento.....	89
5.1.3	Sobreviver nas caravanas: as lutas diárias e individuais	92
5.2	Os acampamentos informais na fronteira México-Estados Unidos.....	97
5.2.1	Corpo coletivo, visível e assentado: os campos de Matamoros e Tijuana	99
5.2.2	Busca por segurança, através da invisibilidade: ser mulher ou criança nos acampamentos	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS.....	115

1 INTRODUÇÃO

“Sabemos que este camino es especialmente difícil para nuestros hijos, pero ¿qué podemos hacer? En nuestro país no tenemos futuro. Llegar a Estados Unidos es una cuestión de vida o muerte. O vivimos todos o morimos todos.” (Dania *apud* Rojas, 2018). Essa declaração é de uma imigrante hondurenha, que saiu de seu país com seu marido e os quatro filhos rumo aos Estados Unidos. A percepção de Dania retrata a milhares de centro-americanos, que diariamente são forçados a fugirem de suas casas e se expor aos riscos do trajeto pelo México e da incerteza se irão conseguir alcançar o território estadunidense.

No enquadramento do êxodo centro-americano, o ato de migrar não é apenas uma escolha, uma decisão econômica por um emprego mais vantajoso ou uma busca pelo *American Dream*¹. É uma questão de sobrevivência, é a última esperança em fornecer a si e sua família a oportunidade digna de viver,

Central America has become a factory of migrants: There is no access to resources, to economic or educational opportunities and no trust in government actors [...] These people are not chasing the American dream – they’re fleeing a Central American nightmare. (Ruelas *apud* García, 2015).

O caminho da América Central até os Estados Unidos, através do México, é um dos mais perigosos do mundo e desafia tanto as capacidades físicas quanto psicológicas dos imigrantes², sendo um mosaico de experiências adversas, já que não há um esforço efetivo dos governos em fomentar rotas seguras e ordenadas para esse trânsito (Wolf, 2020). Apesar disso, a situação em seus países de origem é de precariedade e violência estrutural, fazendo com que os centro-americanos considerem esse percurso mais seguro do que as suas casas,

They are walking along roads, up hills and across borders; they are tired and hungry, and their feet hurt. Many are travelling with children as people are leaving lives of poverty and deadly gang violence and looking for a safe future in the United States. (Pallister-Wilkins, 2019).

¹ O *American Dream* é um *ethos* nacional dos Estados Unidos, em que se há a propagação de diversas ideias de liberdade e da oportunidade de sucesso e prosperidade para qualquer pessoa, que trabalhe arduamente (Smith, 2016). Nesse sentido, o autor James Truslow Adam definiu essa noção sendo “[...] that dream of a land in which life should be better and richer and fuller for every man, with opportunity for each according to his ability or achievement.” (1931, p. 23).

² No presente trabalho, adotou-se o termo imigrante para se referir a todo o centro-americano, independente do seu *status* migratório, seguindo o entendimento empregado pelos autores Eduardo Torre Cantalapiedra e Dulce María Mariscal Nava “[...] término migrantes incluimos a todos los que se movilizaron con independencia del motivo de la emigración y el grado de voluntariedad en la decisión de emigrar. Por tanto, incluimos a quienes se definen como refugiados [...], migrantes por razones laborales, migrantes que se desplazan por situaciones de pobreza extrema, migrantes que buscan reunirse con sus familias, entre otros.” (2020, p. 2). Essa escolha é embasada na compreensão de que é comum que os imigrantes centro-americanos tenham mais de uma motivação para sua decisão de migrar (Cantalapiedra; Nava, 2020, p. 2). A exceção será no capítulo dois, em que, ao trazer o contexto da “crise dos refugiados” na Europa para contextualizar a abordagem teórica instrumentalizada na presente pesquisa, foi utilizado o termo refugiado e deslocado forçado, conforme é empregado nos escritos originais europeus.

Diante de um ambiente com uma variedade de fatores de expulsão, conforme será relatado no capítulo “A construção histórico-política do trânsito migrante da América Central” (3), a migração da América Central, especificamente³ da região do Triângulo Norte (TNAC), formada por El Salvador, Honduras e Guatemala, é contínua aos Estados Unidos, sendo caracterizado por três principais componentes,

[...] 1) its large quantitative dimension and direction towards the United States; 2) the prevalence of illegal status; and 3) having suffered countless abuses and attacks by criminal groups and immigration authorities [...] (Cantalapiedra; Nava, 2020, p. 3).

Para se dimensionar numericamente os últimos anos, desde 2019, aproximadamente, dois milhões de centro-americanos foram apreendidos pelas autoridades estadunidenses na fronteira entre o país e o México, segundo dados do *Congressional Research Service*⁴ (Meyer, 2023, p. 1). Além disso, segundo um relatório⁵ divulgado em 2021 pelo *World Food Programme*⁶, mais de 43% das famílias do TNAC indicaram o desejo de emigrar permanentemente (Soto *et al.*, 2021, p. 5), o que demonstra que a tendência não é de diminuição desse fluxo para os próximos anos.

Em vista de denotar as condições vivenciadas pelos cidadãos do Triângulo Norte, a organização não governamental, Médicos Sem Fronteiras, atuante na assistência humanitária tanto nos países centro-americanos quanto nas rotas migratórias mexicanas, definiu a conjuntura dessa região como uma “The epidemic of violence and the deterioration of economic and social conditions [...]” (2020, p. 4). A ONG interpreta também que as circunstâncias de violências nesses três Estados são semelhantes às de zonas de guerras, onde atuam no fornecimento de assistência médica (Médicos Sem Fronteiras, 2020, p. 4).

Já a organização não governamental defensora dos direitos humanos, Anistia Internacional, publicou um relatório intitulado de “*Víctimas Invisibles. Migrantes en movimiento en México*”, em que relatava as violações massivas sofridas pelos imigrantes ao transitar pelo México. Essa conjuntura é descrita como uma combinação entre as agressões e

³ É pertinente destacar que, ao abordar a migração da América Central, refere-se, especificamente, à advinda da região do Triângulo Norte, conforme é discutido pela literatura latino-americana (Hernández, 2019). Além disso, sabe-se que cada um desses três países, que compõem o TNAC, possui as suas próprias dinâmicas migratórias (Durand, 2016). Todavia, para fins metodológicos, serão abordados em conjunto, já que a presente proposta não é decompor individualmente os países, mas compreender como se deu o exercício da agência migrante centro-americana, em função das práticas migratórias como será elucidado na figura 1.

⁴ Setor do Congresso Nacional dos Estados Unidos responsável pela consolidação de dados e a elaboração de relatórios sobre temas de interesse nacional e a serem debatidos entre os congressistas.

⁵ Intitulado de “*The Complex Motivations and Costs of Central American Migration*”, esse relatório tem como objetivo analisar as motivações e os custos da migração dos nacionais de El Salvador, Guatemala e Honduras (Soto *et al.*, 2021).

⁶ Programa Alimentar Mundial.

os crimes cometidos pelos cartéis mexicanos e os abusos de força das autoridades migratórias e policiais (Anistia Internacional, 2010).

Percebe-se, portanto, que o ambiente do TNAC e das rotas migratórias do México inserem os centro-americanos numa sensação de estarem à “mercê da própria sorte”. Essa impressão de esquecimento pode ser entendida como uma consequência do “apagamento”, que a América Central sofre perante a comunidade internacional em duas direções (Palicer, 2017). Em primeiro lugar, é possível pontuar como a região centro-americana, bem como todos os seus processos, são, relativamente, poucos debatidos no *mainstream* da Relações Internacionais, se comparado com as demais localidades da América Latina, fazendo com que “[...] term Central American always already emerges from a series of erasures [...]” (Cárdenas, 2018).

Em segundo lugar, apesar da América Central possuir laços políticos e econômicos com os Estados Unidos, as suas questões não estão entre as prioridades na agenda de política externa estadunidense, apesar de terem uma posição histórica importante na ascensão desse país como uma superpotência global (McCormick, 2019). Todavia, por ser o principal destino dos fluxos migratórios centro-americanos, nos últimos anos, o governo estadunidense formulou pacotes de ajudas econômicas⁷ ao Triângulo Norte, que, por enquanto, não obtiveram resultados relevantes, em vista de diminuir o contingente de imigrantes tentando alcançar o seu território,

Whoever has been in government since the 1990s, the U.S. as a power has allowed the situation in these countries to degenerate to the point where there is now an immigration “boomerang effect” which calls Washington’s attention to the situation in these countries in a way that poverty and endemic violence alone would not. (Cohen, 2017, p. 7).

Por consequência, a migração do TNAC, mesmo sendo uma dinâmica contínua e histórica, como será evidenciado ao longo deste trabalho, possuía discussões pautadas, sobretudo, em quatro dimensões: (i) nas perspectivas da migração laboral; (ii) nas condutas do México ora para conter ora para regular os centro-americanos em seu território; (iii) na violência cometida por atores não estatais nas rotas de trânsito mexicanas e (iv) no modo como os Estados Unidos criminalizam esses movimentos (Barquero, 2021). Isto é, uma agenda direcionada às

⁷ Pode-se citar dois importantes pacotes de ajuda, que serão detalhados nos próximos capítulos: o *Alliance for Prosperity in the Northern Triangle* (Aliança para Prosperidade do Triângulo Norte), lançado na gestão presidencial de Barack Obama no ano de 2014, e o *U.S. Strategy for Addressing the Root Causes of Migration in Central America* (Estratégia dos EUA para abordar as causas profundas da migração na América Central) do governo de Joe Biden e iniciado em 2021. Um dos principais apontamentos, por parte da sociedade civil, do motivo pelo qual ambas as iniciativas não terem obtido efetivos resultados é que, ao transferir quantias bilionárias aos governos da região, os Estados Unidos estão financiando os atores estatais corruptos, que são um dos causadores da precariedade da região (Narea, 2021).

abordagens vistas como as “tradicionais” do debate migratório – laboral, vulnerabilidade e segurança.

No que tange os estudos brasileiros referentes à migração centro-americana, até então não há uma agenda de pesquisa consolidada, como a Érica Sarmiento apontou na introdução do seu livro, *Migrações forçadas, resistências e perspectivas: América Central, México e Estados Unidos (2016-2020)*⁸,

[...] comecei a questionar o quanto a América Central está excluída e distante das reflexões acadêmicas no Brasil e, até mesmo, dos debates em nossas salas de aula. Se a história do México e os intercâmbios acadêmicos já não se caracterizam por sua abundância, o caso da América Central é uma lacuna a ser preenchida [...] (2021, p. 23).

Em certa medida, esse esquecimento ou modo de ver a migração centro-americana sofreu um revertério com a formação das caravanas migratórias, a partir de outubro de 2018 (Correa-Cabrera; Koizumi, 2021, p. 2), ao trazer um novo modo de migrar pelo México, que se opunha ao já estabelecido nessa paisagem migratória⁹: solitário ou em pequenos grupos. Essa prática se consolidou devido a um conjunto de fatores como, por exemplo, a deterioração das condições estruturais do TNAC e a violência vivenciada nas rotas mexicanas,

El fenómeno de la caravana ha significado una explosión de una realidad cotidiana. La caravana viene ocurriendo a diario, y seguramente en menos de un mes sale de Honduras la misma cantidad de personas que se vio en la salida masiva en un solo día. La caravana de todos los días ha sido silenciosa, solapada, discreta, privada, invisibilizada y hasta vergonzante. Pero con esta explosión se ha convertido en visible, pública y hasta dignificante. La caravana migratoria es la expresión del rechazo masivo a un gigantesco modelo de exclusión social. (Moreno, 2019, p. 30).

De maneira inicial, pode-se elencar cinco pontos principais de como se construiu essa prática migratória: (i) viajar em grandes grupos; (ii) abranger diferentes núcleos populacionais, tais como mulheres, crianças e idosos; (iii) ter a pretensão tanto de proteção corpórea entre os imigrantes quanto um caráter político, ao denunciar as condições do TNAC como consequência, sobretudo, da interferência dos Estados Unidos na região; (iv) evidenciar a autonomia dos imigrantes, ao projetarem estratégias ao longo do caminho para alcançarem a fronteira com os Estados Unidos; e (v) ter evidência na grande mídia, tornando os participantes das caravanas

⁸ O livro *Migrações forçadas, resistências e perspectivas: América Central, México e Estados Unidos (2016-2020)*, da autora Érica Sarmiento (2021), é uma das principais contribuições recentes da literatura brasileira, que se debruça na compreensão crítica da migração centro-americana e das políticas estadunidenses, em especial as orquestradas pelo governo de Donald Trump. Ao longo desta dissertação, serão indicadas outras contribuições de autores e autoras brasileiras, que também se debruçam sobre essa temática, num esforço de demonstrar que é um assunto em potencial na agenda de pesquisa do país.

⁹ Ao instrumentalizar esse conceito ao longo da presente pesquisa, conversa-se com o de *borderscape*, que, em suma, entende a paisagens fronteiriças sendo “[...] constituted by *features, discourses and practices* that occur at the intersection of (in) security and (im) mobility.” (Tallis, 2021, p. 411).

visíveis, ao cruzarem as fronteiras e transitarem por territórios tidos como excludentes (Cantalapiedra; Nava, 2020, p. 5).

A agenda de pesquisa latino-americana, em especial os autores e as autoras do México, fizeram movimentos na direção de compreender esse ponto de inflexão do êxodo centro-americano. Segundo o autor, Eduardo Torre Cantalapiedra (2022a, p. 3), há quatro principais linhas de pesquisa: (i) a que entende as caravanas migratórias como forma de mobilidade; (ii) como uma expressão do movimento social centro-americano; (iii) a que busca entender tanto as respostas dos Estados Unidos e do México quanto o modo como esses politizaram a migração centro-americana; e, por fim, (iv) como se deu o destaque midiático e a influência das redes sociais digitais na formação desse trânsito.

Elencando exemplos das principais contribuições das linhas de pesquisa citadas, a que se debruça no entendimento das caravanas migratórias como uma forma de mobilidade, tem-se o estudo de Eduardo Torre Cantalapiedra e Dulce María Mariscal Nava (2020). Esses autores compreendem as caravanas como uma estratégia de sobrevivência dos centro-americanos para alcançar seus objetivos migratórios, ao fornecer uma viagem, relativamente, segura e possível a todos aqueles que decidam adentrar no grupo.

Já nos estudos desse fenômeno como uma expressão dos movimentos sociais, a autora Rosario de la Luz Rizzo Lara (2021) realizou uma análise detalhada das duas caravanas, que ocorreram no final de 2018. Em tal investigação, foram listados quatro pontos para sustentar a correlação entre as caravanas migratórias e os movimentos sociais transnacionais:

[...] 1) tienen un objetivo colectivo de caminar juntos para llegar a Estados Unidos atravesando México de manera segura. 2) Afrontan el régimen de fronteras y políticas migratorias de ambos países, diseñadas para reducir el tránsito migratorio irregular – en el caso de México la llamada frontera vertical 3) Tienen un cierto grado de organización (las asambleas en las que se tomaban algunas de las decisiones de mayor relevancia; se organizan para lograr recursos para transportarse; entre otros) logrado con el apoyo de activistas, organizaciones religiosas, miembros de las OSC, etc. 4) Con cierta continuidad temporal, en tanto que las caravanas han seguido vehiculando el tránsito de miles de migrantes hacia el Norte en los últimos tres años [...] (Lara, 2021 *apud* Cantalapiedra, 2022a, p. 10).

A terceira perspectiva vai de encontro com a pretensão de elucidar como o governo estadunidense instrumentalizou esse episódio da migração centro-americana, em vista de promover as suas medidas arbitrárias contra os imigrantes e consolidar a sua agenda anti-imigração. Além disso, os estudiosos dessa linha buscam compreender também como o México, em grande parte devido à influência e pressão dos Estados Unidos, priorizou as políticas de controle dos fluxos migratórios sobre as condutas de proteção dos direitos humanos dos imigrantes (García; Call, 2020).

Por fim, a quarta linha foca na compreensão de como a imprensa noticiou as caravanas, bem como essa fez e faz a representação da temática da migração forçada nesta região. Ademais, esses estudos buscam ilustrar a importância da tecnologia ao longo desse trânsito migrante, em especial como as redes sociais auxiliaram na fomentação da caminhada (Pfleger, 2019; Tiscareño-García, 2021).

Há mais duas perspectivas que merecem destaque, pois se propõe um diálogo com ambas para compreender a fase contemporânea êxodo centro-americano. A primeira é desenvolvida por María Dolores París Pombo e Verónica Montes (2020), que ao discutirem sobre as caravanas migratórias, buscam associá-las como a noção de visibilidade, “[...] cómo la visibilidad del éxodo centroamericano significó una estrategia para confrontar la violencia contra las personas migrantes y la criminalización de la movilidad humana en México.” (Pombo; Montes, 2020, p. 11). Logo, para as autoras, ao se “fazerem visíveis”, os imigrantes almejam ter segurança no trânsito pelo México.

Já a segunda perspectiva é das autoras Amarela Varela Huerta e Lisa McLean (2019). Nesta análise, há a medição do poder político das caravanas migratórias, a partir do emprego dos conceitos de autodefesa e luta imigrante, além do entendimento desse movimento como uma nova forma de transmigração¹⁰,

Desde esta perspectiva, las caravanas son una rebelión, una insurgencia de las víctimas del neoliberalismo en América Central, al mismo tiempo que una insurrección al gobierno fronterizo establecido por los estados de la región. Desde nuestra perspectiva, la praxis de moverse en masa, salir de las sombras y exigir con sus cuerpos el derecho que tienen los caravaneros a preservar su vida y que esta se habite con dignidad, constituye una nueva forma de lucha migrante. (Huerta; McLean, 2019, p. 167).

Todavía, apesar de se dialogar com esse sentido de visibilidade e da luta migrante, entende-se que, ao refletir sobre a constituição da fase mais recente da migração centro-americana, há uma dupla lacuna. Essa é percebida em duas direções: (i) ao trazer somente as caravanas migratórias como uma visualidade da fase contemporânea e (ii) apenas o entendimento desse momento sob o olhar de uma migração coletiva.

Para contextualizar a primeira lacuna é válido apresentar brevemente, em razão de ser abordado com maiores detalhes no capítulo “A ingerência estadunidense no corredor migratório América Central – México – Estados Unidos” (4), o contexto da política migratória

¹⁰ Transmigração se refere, em suma, à percepção de que a migração e a globalização estão interligadas, já que há um contínuo movimento de construção e expressão de identidades, ao passo que as pessoas se deslocam entre os países. Com isso, o transmigrante é o imigrante presente nos deslocamentos contemporâneos, que “[...] organiza e cria múltiplas e ‘fluidas’ identidades, baseadas em sua sociedade de origem e nas sociedades adotivas [...]” (Ianni, 1996, p. 03).

estadunidense. Como apontado por Margarita Núñez Chaim, Amarela Varela-Huerta e Valentina Glockner, os Estados Unidos conduzem uma

[...] gubernamentalidad migratoria a partir de políticas y dispositivos de control cuya racionalidad y herramienta principal revela una creciente racialización e ilegalización de las personas en situación de movilidad, la negación del derecho al asilo y la obstrucción de los mecanismos legales para la migración. (2023, p. 6-7).

Mantendo, portanto, essas diretrizes, a gestão migratória estadunidense, ao mobilizar também as ações mexicanas, criou medidas que interrompesse a mobilidade das caravanas migratórias, sendo duas que tiveram maiores impactos sobre o cotidiano desses imigrantes. A primeira foi o programa *Migrant Protection Protocols*¹¹ estabelecido no final de 2018, que “prendia” os centro-americanos em território mexicano e os obrigava a aguardar a análise de seus pedidos de asilo nesse país. A segunda medida se deu na circunstância das medidas restritivas para conter a disseminação do vírus da Covid-19. Em março de 2020, o governo estadunidense ordenou o fechamento total de suas fronteiras terrestres, com invocação do *Title 42*, da *Public Health Safety Act*¹², criando, assim, um limbo constante de desproteção, pois os imigrantes foram impedidos de acessar qualquer categoria de proteção fornecida pelas leis do país (Iturralde; Piñeiro; 2021).

Com esse dismantelamento orquestrado do processo de asilo dos Estados Unidos e o fechamento total das fronteiras durante o período pandêmico, à medida que eram expulsos, os imigrantes construíram acampamentos informais nas principais cidades nortistas do México para se abrigarem até que fossem permitidas as suas entradas (Tapia, 2023; Cantalapiedra, 2022b). Consequentemente, essas regiões, que antes eram zonas de trânsito relativamente contínuo do corredor migratório América Central - México - Estados Unidos, transformaram-se em locais de imobilidade com condições precárias, já que os imigrantes não tiveram auxílio estrutural e financeiro dos governos mexicano e estadunidense para se estabelecerem. Em outras palavras, ao se verem de frente com novas políticas, que visam exauri-los e impedi-los de alcançar o Estados Unidos e solicitar asilo, os imigrantes criaram possibilidades de manterem os seus projetos migratórios¹³ com o erguimento de acampamentos informais, principalmente, nos municípios de Matamoros e Tijuana, localizados no norte do México.

¹¹ Protocolos de Proteção aos Migrantes.

¹² Título 42 da Lei de Serviço à Saúde Pública.

¹³ Ao se referir ao termo projeto migratório, converge-se com o entendimento construído por Sueli Siqueira, “[...] um projeto construído socialmente que inclui um deslocamento espacial, social e que se viabiliza a partir da interação do sujeito com os diferentes territórios percorridos no processo emigratório. É elaborado e reelaborado pela dinâmica das relações sociais e pela forma como o indivíduo interage com a dinâmica e as possibilidades materiais e imateriais a eles colocadas.” (2017, p. 570).

De modo distinto do observado nas pesquisas sobre as caravanas migratórias, as vivências desses acampamentos informais ainda são pouco exploradas pela literatura latino-americana, mesmo que demonstre uma continuidade da agência centro-americana. A partir da coleta do material bibliográfico à escrita dessa dissertação, pode-se dividir as contribuições em três principais conjuntos utilizados na discussão empírica dessa visualidade.

O primeiro é constituído pelos artigos da autora Bertha Alicia Bermúdez Tapia (2021, 2023) e dos autores Sarah Blue, Jennifer Devine, Matthew P. Ruiz e Carol Anne Starnessobre (2021) sobre o acampamento informal na cidade mexicana de Matamoros e pelo diagnóstico do acampamento em Tijuana elaborado pelo autor Eduardo Torre Cantalapiedra (2022b), tendo um objetivo voltado às análises da agenda de migração latino-americana. Já o segundo é formado por pareceres e relatórios dos atores não governamentais, como, por exemplo, Médicos Sem Fronteiras (2021) e *Global Response Management* (2021), que atuaram nesses espaços, mediante uma lacuna assistencial do poder estatal no fornecimento de ajuda humanitária. Por fim, o terceiro conjunto é composto por escritos da literatura estadunidense da área de medicina (Laughon *et al.*, 2020; Mercado *et al.*, 2021) com foco na saúde dos imigrantes acampados. Essas contribuições visam compreender, a partir do viés clínico, os efeitos do assentamento sobre os corpos imigrantes.

Com isso, nota-se que essa ausência em estudos direcionados a um olhar crítico e que possa convergir as experiências do acampamento de Matamoros com o de Tijuana, ao construir, assim, um entendimento comum para como a prática de acampar se traduziu nas cidades mexicanas, apresenta-se como uma primeira lacuna a ser observada na construção da fase contemporânea do êxodo centro-americano.

A segunda lacuna vai de encontro com a observação de que há uma carência em trazer perspectivas que olhem para “dentro” das caravanas migratórias e dos acampamentos informais. Isto é, entender essas práticas coletivas também sob o ângulo de como o imigrante, visto como indivíduo, interage e se adapta ao trânsito cotidiano. Uma vez que, na maioria dos estudos, a direção tomada na compreensão dessas duas visualidades é como se fossem produtos coletivos totalizantes e que apresentassem os mesmos efeitos a todos aqueles que as integraram. Pensar, então, como o imigrante, sob aspecto individual, age nas caravanas e nos acampamentos se fundamenta a partir da ideia de que,

Migrants/refugees' movements — in both senses of the word — become the site for the emergence of incipient subjectivities that arise through the sheer act of movement, and particularly through the exercise of a freedom of movement, whereby movement itself instigates a kind of politics, challenging a border regime and the wider political order of things. (Stierl *et al.*, 2021, p. 25).

À face do exposto, esta dissertação está localizada no que se assimila ser uma dupla ausência em tanto trazer os acampamentos informais como um componente crucial nessa nova fase do êxodo centro-americano quanto em entender essa prática como a das caravanas também a partir do olhar individual do imigrante. Esse é o aspecto sobre o qual se formula o questionamento central aqui proposto: **como as caravanas migratórias e os acampamentos informais interagem entre si, ao constituir um novo modo de migrar centro-americano?**

Na tentativa de responder essa pergunta, partiu-se da noção das autoras Vered Amit e Caroline Knowles, em que essas defendem que a execução do projeto migratório, raramente, envolve um plano coeso e único, pois diante da conjuntura externa, os deslocados adquirem, ao longo do percurso, “[...] the capacity to improvise, to navigate a change of course, to make new choices, to respond to new possibilities.” (2017, p. 116). Tendo, assim, esse entendimento como ponto de partida, adotou-se uma tipologia, que foi instrumentalizada ao longo dessa dissertação, para tanto entender como as caravanas migratórias e os acampamentos informais se interagem quanto para ponderar as diferenças destas com as fases anteriores do êxodo centro-americano, sendo: práticas migratórias, métodos e estratégias de trânsito.

Entende-se que o principal instrumento utilizado pelos imigrantes à execução dessas dinâmicas são os seus próprios corpos. Com isso, ao ponderar a discussão sobre como o corpo é a ferramenta primária do projeto migratório centro-americano, além dos efeitos físicos, emocionais e mentais da gestão migratória sobre esses, busca-se se afastar das perspectivas corriqueiras, que analisam a migração sob a ótica securitizadora, laboral ou da vulnerabilidade. Aqui, o imigrante é compreendido como agente ativo de sua mobilidade e imobilidade, além do motor das transformações nos espaços de trânsitos institucionalizados e informais,

The particular bodies of (potential) migrants influence, amongst others decision-making about who will migrate, why, when, where to and in what way; personal embodied experience en route, at the border, in and out of the workplace; and (future) livelihood opportunities of both migrants and their relatives ‘at home’. (Winters, 2020, p. 243-244).

Como prática migratória, pensando como um ato de realização do projeto migratório, que tem como o objetivo primário alcançar o território dos Estados Unidos com vida, o êxodo centro-americano, entre 1970 e 2022¹⁴, foi executado em quatro expressões: a migração familiar, a migração laboral, as caravanas migratórias e os acampamentos informais. Dentro das práticas, os imigrantes necessitam optar pelo método de trânsito, que irão utilizar para que

¹⁴ O início desse recorte temporal em 1970 se dá em coerência com a literatura, que entende que a migração centro-americana, de modo contínuo e massivo rumo aos Estados Unidos, iniciou-se em 1970 (Durand, 2022). Já o término em 2022, justifica-se com o fim do acampamento informal em Tijuana, que foi destruído em fevereiro desse ano pelo governo mexicano (Mendoza; Morrissey, 2022).

essa se concretize. Isto é, o modo como irão agir e se comportar ao longo das rotas mexicanas. Como método, portanto, entende-se que há uma dualidade não excludentes, mas paralelas, ao ter o corpo físico como instrumento central: o corpo coletivo e visível e o corpo individual e invisível.

Ao pensar num corpo coletivo e visível, relaciona-se com um trânsito migrante formando por um agrupamento de pessoas, que pretendem serem vistas para ter direito à mobilidade e proteção, já que “[...] at a political level, visibility provides a first step to public recognition and demands for rights.” (Bridgen, 2018, p. 84). Isso se assemelha ao sentido trazido pelas autoras María Dolores París Pombo e Verónica Montes (2020) das caravanas migratórias como expressão de visibilidade.

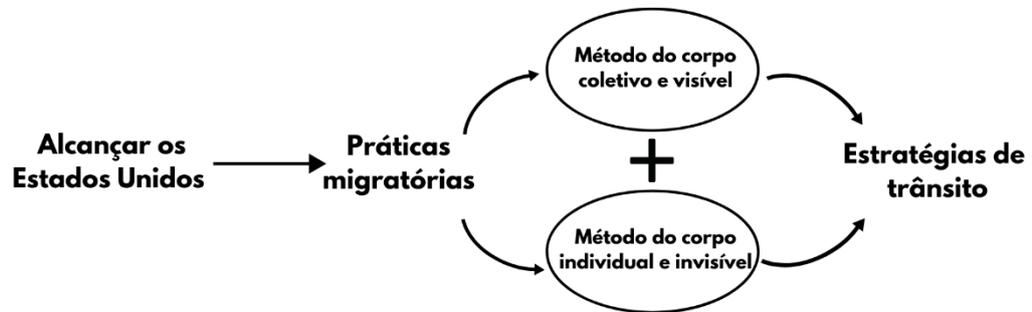
Já a segunda dualidade, refere-se a um processo migratório, em que se transita pelo território mexicano de modo camuflado e isolado, ao tentar se ofuscar dos postos de controle e dos atores não estatais criminosos. Para Martha Luz Rojas-Wiesner e Maria DeVargas (2014), no momento em que o imigrante como indivíduo se faz de invisível, ela/ele executa “[...] a mechanism for resisting and challenging the normative regulations within one’s environment. [...]” (p. 205), já que a invisibilidade e individualidade também são “[...] a way to avoid control and surveillance by others.” (p. 207).

A execução desses dois métodos se dá por meio da fomentação de estratégias de trânsito no decorrer do trânsito diário. Para Aída Silva Hernández, baseando-se nas experiências dos adolescentes centro-americanos, que migram desacompanhados,

[...] se definen las estrategias de tránsito como el uso por parte del adolescente, entendido como agente, de los recursos personales, interpersonales e institucionales que es capaz de poner a su alcance, en una secuencia de decisiones y acciones que se dirigen a hacer frente a los obstáculos que se interponen a la consecución de sus objetivos migratorios [...] (2015, p. 103).

Em resumo, o que se propõe com essas considerações iniciais é entender como a racionalidade centro-americana, tendo como pretensão alcançar o território dos Estados Unidos, construiu-se numa dimensão de realização das práticas migratórias. Sendo que essa execução se dá interligada com a escolha do método e no interior desses se fomenta as estratégias de trânsito. Portanto, essa caracterização será o fio condutor de como se decompõe a construção de um olhar crítico sobre a migração da América Central, ao lançar luz sobre o imigrante como agente ativo de seu projeto migratório e orquestrador dessa mecânica, juntamente com os Estados Unidos e o México tentando coibir os seus movimentos.

Figura 1 – Esquemática da tipologia do êxodo centro-americano



Fonte: Elaborada pela própria autora

Esse enfoque de conduzir o imigrante como protagonista da paisagem migratória está inserido no arcabouço teórico-conceitual denominado de Estudos Críticos das Migrações. À vista disso, propõe-se um diálogo entre o âmbito empírico da migração da América Central com essas perspectivas teóricas críticas, além dos conceitos latino-americanos já apresentados. De modo não exaustivo, pois será abordado com maior ênfase no capítulo “Os movimentos migratórios à luz de uma perspectiva crítica” (2), essa agenda desenvolve análises pautadas no imigrante como o centro da investigação, mas trazendo também os Estados e as fronteiras como componentes cruciais das paisagens migratórias (Casas-Cortes *et al.*, 2014).

Ao desenhar teoricamente a presente pesquisa ancorada nas discussões conceituais presentes nessa agenda de pesquisa, gera-se um afastamento metodológico das investigações, que trazem como ponto de partida os níveis dos Estados ou dos territórios (Vries, 2017). Em razão de que essa agenda visa “[...] approaching people seeking refuge as subjects rather than objects, taking seriously both their struggles for mobility and the detrimental effects of migration management.” (Vries; Guild, 2019, p. 2).

Com isso, almeja-se localizar essa dissertação num debate crítico¹⁵ das migrações em andamento (Correa-Cabrera; Koizumi, 2021), ao pensar o imigrante centro-americano como o agente autônomo, mas não negligenciando o papel dos Estados e a influência que o território

¹⁵ Uma importante contribuição recente da literatura brasileira a essa agenda crítica dos estudos migratórios é o livro *Dicionário crítico de migrações internacionais*, organizado por Leonardo Cavalcanti, Túlia Botega, Tânia Tonhati e Dina Araújo (2017). Algumas definições dessa obra foram utilizadas ao longo do trabalho.

pode exercer. Portanto, oferecer uma centralidade tanto ao imigrante quanto à América Central à literatura brasileira e, assim, ampliar as discussões sobre essa paisagem migratória para além da pauta laboral ou do viés da segurança.

Além disso, ao empregar esse vocabulário migratório crítico para construir um olhar sobre o modo de migrar centro-americano contemporâneo, busca-se verificar se e como os conceitos formulados, principalmente, na agenda migratória europeia, podem ser operacionalizados na compreensão dos processos migratórios no corredor América Central - México - Estados Unidos. Não se ambiciona inviabilizar a literatura latino-americana, mas compreender como essas noções, vistas como centrais na agenda crítica, podem ser aplicadas numa conjuntura migratória distinta da que foram esquematizadas.

Diante de tal formulação, tem-se como objetivo principal: discorrer criticamente sobre como as práticas migratórias das caravanas migratórias e dos acampamentos informais interagiram entre si frente às tentativas dos Estados Unidos e do México de exaurir os imigrantes.

Para atingir tal pretensão, há cinco objetivos específicos: (i) compreender como se consolidou o arcabouço teórico dos Estudos Críticos das Migrações, apresentando tanto os conceitos centrais dessa agenda quanto às noções de mobilidade e imobilidade migratória; (ii) traçar uma linha temporal das fases da migração centro-americana a partir dos anos 1970 até 2017, evidenciando os métodos e as estratégias de trânsito utilizados, como também os fatores de expulsão da região e as políticas migratórias estadunidenses e mexicanas nesse período; (iii) discorrer sobre a ingerência estadunidense sobre os fluxos migratórios da América Central, em especial as medidas executadas durante o governo de Donald Trump; (iv) delimitar a consolidação das caravanas migratórias e dos acampamentos informais como práticas construtivas de um novo modo de migrar centro-americano; e (v) elaborar criticamente como essas novas práticas interagem entre si e com as fases anteriores da migração centro-americana, a partir das duas dualidades do corpo coletivo e visível e corpo individual e invisível.

A fim de cumprir o que se promete, além da presente introdução e das considerações finais, organiza-se esta dissertação em quatro capítulos. No capítulo dois, “Os movimentos migratórios à luz de uma perspectiva crítica”, pauta-se a discussão teórica-conceitual sobre a agenda de pesquisa dos Estudos Críticos das Migrações. Aqui, além da problematização do porquê se fez necessário essa virada no modo de conceituar sobre os processos migratórios contemporâneos, desenharam-se os principais aspectos do entendimento sobre trânsito migrante, a partir da dicotomia da mobilidade e imobilidade migratória. Como também, apresentou-se as quatro conceitos-chaves, que auxiliaram na construção de um olhar crítico

sobre o êxodo centro-americano: regime de fronteira, luta imigrante, crise migratória e política de exaustão.

No terceiro capítulo, “A construção histórico-política do trânsito migrante da América Central”, será elucidado o panorama da migração originária do Triângulo Norte da América Central, a começar com a explanação sucinta dos principais fatores de expulsão da região, sendo esses: a instabilidade política, a pobreza enraizada, a violência generalizada e as consequências dos desastres ambientais. Em seguida, serão apresentadas três fases desse processo migratório, que antecederam à formação das caravanas migratórias e os acampamentos informais, de acordo com o entendimento formulado pela literatura latino-americana (Pederzini *et al.*, 2015, p. 6-7): (i) deslocamento forçado ocasionado pelos conflitos civis centro-americanos nas décadas de 70 a 90; (ii) os fluxos laborais e masculinos na primeira década do século XXI; e (iii) crise dos menores desacompanhados em 2014. Ao trazer essas três fases, buscou-se entender como o corpo migrante em questão – como, por exemplo, homem, mulher ou criança – instrumentalizou as práticas, os métodos e as estratégias de trânsito para alcançar a fronteira do México com os Estados Unidos. Concomitantemente, apresentou-se, de modo sucinto, as principais condutas estadunidenses e mexicanas durante essas fases, tanto para impedir que essas práticas se concretizassem quanto para aumentar a coerção nas fronteiras.

Já o quarto capítulo, “A ingerência estadunidense no corredor migratório América Central - México - Estados Unidos”, está dividido em dois momentos para compreender o cenário político em que as caravanas migratórias e os acampamentos informais estavam inseridos. Na primeira seção, tem-se uma breve explanação sobre as condutas de Donald Trump, no que tange à pauta migratória. Já na segunda, é apresentada a noção de externalização de fronteira para, em seguida, elucidar-se duas das principais políticas estadunidenses, que visaram obstruir o trânsito centro-americano, ao utilizar o território mexicano como local de contenção: o *Migrant Protection Protocols* e o *Title 42*.

No capítulo cinco, “Um olhar crítico sobre o êxodo centro-americano contemporâneo”, trouxe a discussão sobre a fase contemporânea do êxodo centro-americano. Na primeira seção, discorreu-se sobre a formação das caravanas migratórias pontuando tanto como os imigrantes construíram um corpo coletivo, visível e em movimento quanto como houve a necessidade, no interior dessa prática, de adotar o método da individualidade e invisibilidade, por parte de certos grupos vulneráveis. Já na segunda seção deste capítulo, demonstrou-se como os imigrantes, dotados de uma capacidade de ajustarem suas práticas, métodos e estratégias de trânsito frente à gestão migratória dos Estados Unidos, ergueram os acampamentos informais para operacionalizar a imobilidade desencadeada pelo desmantelamento do sistema de asilo

estadunidense. Isso se deu também num entendimento de que se pode observar tanto um corpo coletivo, visível e assentado quanto à adoção do método do corpo individual e invisível.

Por último, nas considerações finais, apresentou-se três ponderações observadas ao longo dessa dissertação e que poderão dar embasamento para possíveis caminhos de pesquisas futuras. A primeira se forma num sentido de que, ao longo das quatro fases do êxodo centro-americano, o panorama desse corredor migratório é formado por movimentos ontológicos entre os imigrantes e os Estados. Em outras palavras, as dinâmicas desses atores são correlatas e não são meras respostas às ações do outro, mas criações e ajustes, que se interagem entre si. A segunda ponderação elucida a importância de se trazer a esfera individual, tanto pensando nos efeitos das políticas estatais sobre os corpos em trânsito quanto como os imigrantes, mesmo inseridos em práticas migratórias coletivas, possuem experiência e desejos particulares. Logo, faz-se necessário uma investigação para o nível do indivíduo no interior do êxodo centro-americano. Por fim, a última ponderação vai de encontro com as duas primeiras ao entender que essa interação, ou seja, a execução das práticas e as condutas estatais, ocorrerem, fundamentalmente no México, fazendo, portanto, com que esse Estado possua um papel crucial na construção do modo de migrar centro-americano.

No quesito bibliográfico, em cada capítulo prevalecem fontes de pesquisa específicas. No segundo capítulo, livros e artigos científicos da literatura crítica europeia foram as referências utilizadas. No terceiro e quarto, empregou-se livros e artigos científicos da literatura estadunidense e latino-americana, como também documentos e relatórios governamentais, de atores intergovernamentais e não governamentais, que auxiliam os imigrantes nesse contexto e investigam as suas situações, e notícias em veículos da mídia regional. Já no quinto capítulo, além das fontes utilizadas nos capítulos três e quatro, foram operacionalizados os diagnósticos formulados por organizações defensoras dos direitos humanos, bem como as análises dos institutos de pesquisa mexicanos, em especial do *El Colegio de la Frontera Norte*.

2 OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS À LUZ DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Entende-se que o Sistema Internacional é formado por múltiplas transferências de conhecimento, bens ou mercadorias, sendo que essa gama está conectada pelos movimentos populacionais, visto que são esses que moldam, reforçam e minam as relações e instituições sociais. Logo, a história da humanidade está estreitamente ligada com os movimentos de mobilidade, “It is a truism to say that mobility has been a distinctive feature of human history, that human history is the history of human mobility.” (Mezzadra *et al.*, 2014, p. 61).

A partir dessa conexão e buscando refletir sobre a construção da migração moderna, o autor Douglas Massey (1999) delimita quatro grandes períodos migratórios: (i) período mercantil (1500-1800); (ii) período industrial (1800-1925); (iii) período de migração limitada (de 1925 até o final da II Guerra Mundial); e (iv) período pós-industrial (pós-1960). Conseqüentemente, os carecimentos de um saber sobre as migrações têm origem “[...] na expansão do capitalismo, às categorizações socioculturais baseadas na noção de racialização, à colonialidade do poder e às estruturas de dominação e desigualdade social.” (Cavalcanti *et al.*, 2017, p. 13).

Nesse enquadramento histórico, as preocupações, que nortearam a formulação dessa agenda de pesquisa, eram fundamentadas nas relações entre os Estados e os trabalhadores (Cavalcanti *et al.*, 2017). Os autores Sandro Mezzadra, Brett Neilson, Federico Rahola e Stephan Scheel (2014) apontaram que muitas das percepções dessa época continuaram ecoando nas análises contemporâneas, principalmente, por meio da interpretação da migração quase que, unicamente, fomentada pelo viés laboral, em que os Estados são detentores de uma estrutura permissiva para os trabalhadores se locomoverem entre os territórios nacionais – ou seja, a mão de obra desejada e necessária aos processos de industrialização. Como também através de reflexões apoiadas num ponto de vista do “nativo”, uma derivação do “nacionalismo metodológico”¹⁶, que moldou, e, em muitos casos, continua a moldar, os estudos sobre migração.

Com a empiria convergindo com essas perspectivas teóricas e vice-versa, entendia-se que essas formulações eram adequadas em sua totalidade (Mezzadra *et al.*, 2014). Porém, a partir dos anos 90 com o fenômeno da globalização, as migrações se tornaram mais complexas. A humanidade foi inserida na denominada “era das migrações”, com o mundo presenciando o

¹⁶ De acordo com a autora Bridget Anderson (2019), o “nacionalismo metodológico” é um modelo de estudo, que naturaliza o Estado-nação como o receptor dos processos sociais, logo, é a partir desse dispositivo que se define os objetos de investigação sociológica. Dessa forma, a ênfase recai sobre os atores estatais nos estudos de migração, tendo os imigrantes como objeto secundário e passivo.

ápice dos processos de interdependência tanto no quesito político e econômico quanto populacional (Castles; Miller, 1993). Por consequência dessa interconexão mundial,

[...] Estados nacionais caracterizados pela imigração, se transformaram, em pouco tempo, em países exportadores de mão de obra ou vice-versa. Outras áreas do planeta se tornaram lugares de trânsito, já que os migrantes não se movem necessariamente entre dois países, de A para B. [...] E a categoria do migrante, já que atualmente são diversificados os motivos e as formas das migrações: trabalho (temporário ou permanente), trânsito, união familiar, causas ambientais, aposentadorias, estudo, aspectos afetivos, gênero, conflitos, guerras, entre outros. (Cavalcanti *et al.*, 2017, p. 12).

Com heterogeneidade dominando o cenário internacional, os pressupostos teóricos foram desafiados, já que a conjuntura migratória não era mais pautada, exclusivamente, nos impulsos laborais (De Genova; Tazzioli, 2021). Essa inédita imprescindibilidade se tornou incontestável a partir da segunda década do século XXI, momento em que a literatura migratória entende que se iniciou a “era das crises migratórias”¹⁷, pois o número de deslocamentos forçados atingiu níveis atípicos, desde a Segunda Guerra Mundial¹⁸ (Moreira; Borba, 2021).

A título de ilustração, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiado (ACNUR), ator intergovernamental responsável por administrar as questões vinculadas ao deslocamento forçado no Sistema Internacional, em 2022, 108,4 milhões de pessoas foram consideradas deslocadas forçadas. Isto é, pessoas que foram obrigadas a saírem de seus países de origem devido à guerra, perseguição, violência e grave violação de direitos humanos (Acnur, 2023, p. 2). Logo, não mais somente os movimentos laborais se manifestaram na conjuntura internacional, mas também os de pessoas que tiveram de fugir de suas casas à procura de condições dignas de sobrevivência.

Em paralelo, os Estados, de maioria democracias liberais e defensoras de direitos humanos, ao se verem frente a esse influxo em suas fronteiras, responderam, principalmente, com um duplo movimento: ampliaram a fiscalização e contenção em suas demarcações territoriais e arquitetaram medidas jurídicas para dificultar o acesso aos seus sistemas de proteção humanitária. Diante dessa conjuntura, os imigrantes necessitavam buscar estratégias e

¹⁷ A literatura migratória identifica dois episódios como inauguradores dessa concepção: a “crise dos menores desacompanhados” nos Estados Unidos em 2014, que será abordada no próximo capítulo, e a “crise de refugiados” na Europa em 2015. É válido pontuar que houve, durante o início do século XXI, outros episódios vistos sob esse viés de crises migratórias como, por exemplo, o deslocamento de haitianos rumo à América do Sul e os fluxos contínuos originários dos continentes africano e asiático. Todavia, esses dois eventos citados são vistos como os “fundadores” dessa concepção, pois os principais destinos foram as grandes potências estadunidenses e europeias. Logo, impactaram diretamente na gestão que essas fazem de suas zonas de influências e fronteiras, bem como colocaram em xeque o papel que possuem tanto no acolhimento desses deslocados quanto no desencadeamento da precariedade vivida nos países de origem (Ziebarth, 2015).

¹⁸ Estima-se que a Segunda Guerra Mundial provocou o deslocamento forçado de, aproximadamente, 40 milhões de pessoas (Acnur, 2022).

rotas alternativas para que pudessem alcançar o destino pretendido e solicitar refúgio¹⁹ (Casas-Cortes *et al.*, 2014).

À vista disso, tanto dos Estados pautando suas gestões migratórias numa política de exclusão quanto dos imigrantes demonstrando a sua autonomia ao migrar, teve-se, como primordial, a construção de um novo arcabouço teórico denominado por Estudos Críticos das Migrações, em que os autores, de sua maioria europeus, trazem novos significados e perspectivas à compreensão das migrações forçadas contemporâneas. O cerne dessa conceituação é fomentar concepções, que interajam os três elementos principais do processo migratório: o imigrante, o Estado e o território (Casas-Cortes *et al.*, 2014).

Ao dialogar com esse quadro teórico-conceitual, o presente capítulo está dividido em dois momentos: o primeiro será abordado como se desenvolveu o novo olhar crítico sobre as migrações, trazendo, em especial, alguns conceitos basilares à construção da presente pesquisa. E, no segundo momento, tem-se um entendimento sobre o trânsito migrante, a partir da dicotomia entre a mobilidade e a imobilidade.

2.1 Os Estudos Críticos das Migrações

Como exposto, frente às mudanças, que vinham ocorrendo no caráter populacional migratório - de laboral para forçada -, os alguns teóricos constataram que a literatura tradicional não se adequava mais à totalidade das experiências empíricas. Tendo como o estopim desse incômodo a “crise de refugiados”²⁰, ocorrida no corredor migratório entre a Europa, a África e a Ásia, entendeu-se que pautar as análises somente pelo viés da criminalidade, vulnerabilidade ou laboral não era visto como satisfatório, diante das múltiplas facetas trazidas por esse episódio à realidade da comunidade internacional (Tazzioli *et al.*, 2018).

Fazendo um breve relato, a intitulada “crise de refugiados” é, geralmente, retratada tendo início na primavera no hemisfério norte em 2015, atingindo o pico no outono desse ano, e diminuindo, em março de 2016, com o fechamento das principais rotas de trânsito e com a

¹⁹ O artigo 1º da Convenção, emendado pelo Protocolo Adicional de 1967, determina que refugiado é “[...] toda a pessoa que, em razão de fundados temores de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer fazer uso da proteção desse país ou, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país em que residia como resultado daqueles eventos, não pode ou, em razão daqueles temores, não quer regressar ao mesmo.” (Acnur, 1951).

²⁰ A expressão “crise de refugiados”, como será abordado posteriormente, é arbitrária. A autora Baerwaldt (2018) aponta que, ao se empregar dessa noção, os Estados europeus buscaram demonstrar que era uma situação fora do comum, em que “[...] sees Europe as a continent under siege. Within this discourse, refugees and other migrants are ambivalently, and sometimes interchangeably, portrayed as victims and dangerous invaders – posing a threat to 'our' safety, economic well-being, cultural identity, language and values.” (Baerwaldt, 2018).

implementação de um acordo entre a União Europeia e a Turquia²¹ (Piguet, 2020). Até 21 de dezembro de 2015, segundo o ACNUR (2015), cerca de 972.500 refugiados cruzaram o Mar Mediterrâneo, que liga os continentes africano, asiático e europeu, numa tentativa de alcançar a Europa. Esse deslocamento forçado foi desencadeado, principalmente, pelas consequências da guerra civil na Síria e pela deterioração nas condições estruturais de outros países do Oriente Médio, como, por exemplo, o Afeganistão e o Iraque, que também presenciaram conflitos civis nos anos anteriores (Zaccara; Gonçalves, 2021).

Apesar de, teoricamente, a União Europeia ter mantido um discurso pautado no paradigma do acolhimento e na responsabilidade de proteger (Panebianco; Fontana, 2018), na prática houve a intensificação na fiscalização das fronteiras e os deslocados encontraram um endurecimento nas normas para solicitar o refúgio. A título de ilustração dessas respostas, têm-se o fortalecimento do mandato da *European Border and Coast Guard Agency*^{22 23} (Frontex) em 2015 (Perkowski *et al.*, 2023) e a assinatura e concretização do acordo de *Safe Third Country*²⁴ com a Turquia²⁵ em 2016 (Rygie *et al.*, 2016).

Portanto, em razão dessas transformações nos fluxos migratórios e num maior controle e militarização dos Estados de suas fronteiras, os estudiosos entenderam haver a urgência em adequar o arcabouço teórico para compreender essa nova paisagem migratória,

[...] forms of regulation, management, and control have in turn generated new patterns of knowledge production which actively seek to destabilize the taxonomies and governmental partitions that regulate and delimit differential forms of mobility and inclusion, and which likewise open up the subject positions of theorist, practitioner, and migrant to more relational analysis and cross-cutting practices. (De Genova *et al.*, 2014, p. 57).

Buscando uma virada conceitual e metodológica, os teóricos críticos desestabilizaram as ideias centrais da área (De Genova *et al.*, 2014), ao propor novas formulações, que relacionam o amplo conjunto das práticas coercitivas da gestão migratória com a luta dos

²¹ Neste enquadramento do corredor migratório entre a Europa, a África e a Ásia, a Turquia exerce um papel semelhante ao que o México executa no contexto da migração da América Central aos Estados Unidos, já que, como será detalhado nos próximos capítulos, ambos países são locais de passagem para os fluxos migratórios, tornando-se, assim, crucial às condutas de contenção dos países destinos (Marconi, 2012).

²² Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira.

²³ Criada em 2014 como a “Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional”, a Frontex é a principal instituição responsável pela coordenação dos esforços de fiscalização e de controle nas fronteiras externas da União Europeia. Em resposta ao aumento de refugiados chegando na Europa em 2015, a Comissão Europeia propôs prorrogar o seu mandato ao conceder o pleno direito e transformá-la em a “Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira” (Servent, 2018).

²⁴ Acordo de terceiro país seguro.

²⁵ Historicamente, os acordos de terceiro país seguro são firmados entre dois Estados para otimizar a administração do fluxo de deslocados em suas fronteiras, sob a premissa de que ambos os países possuem uma infraestrutura adequada para receber os requerentes e oferecer o asilo. Dessa forma, na conjuntura do acordo entre a União Europeia e a Turquia, os refugiados, que transitam pela rota vinda da Turquia a caminho da Europa, devem solicitar primeiro o refúgio no Estado turco, já que é considerado “seguro” (Rygiel *et al.*, 2016).

deslocados em busca de movimento e proteção humanitária (Tazzioli, 2020). Deste modo, partem da ideia de que “[...] the study of migration is complex, and that there is no definite or ‘right’ way of studying migration, hence pitching this process as fractured, divided, and contested.” (Centre for Critical Migration Studies, 2014).

Os Estudos Críticos das Migrações exploram, dessa forma, as abordagens que interagem com o imigrante, visto como agente ativo, com os Estados e os territórios, tendo um rompimento com a perspectiva do nacionalismo metodológico. A finalidade não é marginalizar ou minimizar o papel do Estado ou das fronteiras nesse contexto, mas trazer um olhar crítico sobre como esses três elementos – imigrante, Estado e fronteira – se interligam na construção e reformulação das paisagens migratórias (De Genova *et al.*, 2014).

Partindo, então, dessa intenção de se repensar o arcabouço teórico, quatro concepções são basilares à compreensão dessa virada conceitual²⁶: regime de fronteira, luta migrante, crise migratória e política de exaustão.

A caracterização do que são as fronteiras está no centro dos Estudos Críticos das Migrações, já que essas zonas começaram a desempenhar papel central em como os Estados coagem os indivíduos para não adentrar em seus territórios. Para os teóricos críticos, esse elemento não é somente um delineamento territorial, mas também uma construção social resultante das relações complexas entre os diferentes atores estatais e não estatais. Logo, tornaram-se móveis, podendo estar em “qualquer lugar”²⁷, não somente nas zonas divisórias de um Estado A para um Estado B, como afirmam Noel Parker e Nick Vaughan-Williams,

Borders are not only found at territorially identifiable sites such as ports, airports, and other traditional “border crossings”. Instead, they are increasingly ephemeral and/or impalpable: electronic, non-visible, and located in zones that defy straightforward territorial logic. (2009, p. 583).

Esgotou-se, assim, a noção de linearidade e territorialidade, pois esses locais manifestam uma complexidade no escopo espaço-tempo dos trajetos migratórios, por meio das imposições diárias sobre os corpos imigrantes, tanto com as dificuldades geológicas como as

²⁶ É válido destacar que, em razão da fundamentação teórica e empírica da presente dissertação, não será abordado todo o debate em torno desse arcabouço teórico, que é amplo e está em constante construção. Traz-se, portanto, exemplos de conceitos, que dialogam diretamente com a proposta deste estudo.

²⁷ Um exemplo de como as fronteiras são vistas como móveis, além do processo de externalização que será abordado no capítulo quatro, é como a fronteira dos Estados Unidos com o México foi internalizada. De acordo com Coleman, este processo é “[...] the growth of interior immigration policing practices [...]” (2007, p. 55). Isso ocorre através de uma interação entre os oficiais de imigração federais com a polícia local, ao executarem a fiscalização em locais como, por exemplo, fábricas, em busca de imigrantes em situação indocumentada. Com isso, a fronteira EUA-México abrange todo o território estadunidense, o que provoca elevados números de deportações (Coleman, 2007), bem como “[...] a pervasive sense of surveillance and fear of apprehension [...]” (Harrison; Lloyd, 2012, p. 376).

ameaças de prisão e restrições dos movimentos (Mekdjian, 2015). Nesse sentido, há a noção de **regime de fronteira** para estabelecer uma mudança epistemológica, conceitual e metodológica no modo de visualização e pesquisa das experiências fronteiriças (Hess, 2017).

Ao “de-naturalize the border” como o autor William Walters (2002) propôs, Sabine Hess (2017, p. 59) entende o regime de fronteira como uma abordagem construtivista, em que as fronteiras não são vistas como meras estruturas governamentais, mas também a partir da perspectiva das migrações, por meio uma multiplicidade de atores, movimentos e discursos. Esse pensamento converge com a definição de fronteiras de Sandro Mezzadra e Brett Neilson (2013, p. 3), em que essas são como “[...] social institutions, which are marked by tensions between practices of border reinforcement and border crossing”

Logo, o regime de fronteira, de acordo com Sabine Hess, Bernd Kasperek e Nicholas De Genova (2014),

It is the excess of these forces and movements of migration that challenge, cross, and reshape borders, and it is this generative excess that is subsequently stabilized, controlled, and managed by various state agencies and policy schemes as they seek to invoke the border as a stable, controllable and manageable tool of selective or differential inclusion. From this necessity arises a theoretical challenge not only to describe migration as an active force, but to also understand and accommodate how migration intervenes into the very centre of our production of theory [...] (p. 69).

Em outras palavras, o regime de fronteira é formado²⁸ tanto pelo ambiente físico quanto pelas práticas migratórias das pessoas em trânsitos e dos atores estatais,

[...] o conceito de “regime de migração e fronteira” refere-se a um espaço de conflito, negociação e contestação entre vários atores que disputam a definição política da migração e da fronteira. Essa noção permite a incorporação de atores cujas práticas estão relacionadas, embora não estejam organizadas de acordo com uma lógica ou racionalidade central, ou seja, possibilita entender a regulação como um efeito das práticas sociais. (Domenech; Dias, 2020, p. 3).

Em complemento a essa nova percepção das zonas fronteiriças, o imigrante passou a ser visto como protagonista do processo migratório. Para tal, os teóricos entendem que a pessoa em trânsito possui uma agência (capacidade de...) e, assim, pode instrumentalizar os recursos disponíveis para se opor às ações coercitivas dos Estados no regime de fronteira,

[...] as populações migrantes são analisadas como atores com agência, ou seja, com a capacidade de gerar práticas e acontecimento que propiciem mudanças, de maior ou menor escala, cujo âmbito e campo de possibilidade serão condicionados pelas limitações que impõem o próprio contexto (na condição de estrutura história de posições socialmente diferenciadas com possibilidade desiguais de acesso a recursos). (Cánovas, 2017, p. 60).

²⁸ Além desses, as organizações não governamentais e intergovernamentais, que atuam no auxílio humanitário aos imigrantes em trânsito, também constituem o regime de fronteira (Cuttitta *et al.*, 2021, p. 37).

Há, portanto, um rompimento de se pensar no imigrante como uma pessoa omissa e estática dentro do seu processo migratório, trazendo a **luta imigrante** como um elemento constitutivo do regime de fronteira (Domenech; Dias, 2020, p. 4), que pode ser articulada à compreensão dessa agência. As lutas, aqui referidas, são as experiências vividas pelos deslocados com a intenção de “[...] challenge, defeat, escape or trouble the dominant politics of mobility (including border control, detention, and deportation), or the regime of labour, or the space of citizenship.” (Tazzioli *et al.*, 2014, p. 80). Isto é, não são apenas respostas ou reações contra as políticas de controle estatal (Papadopoulou-Kourkou *et al.*, 2008), mas estratégias diárias de recusas e resistências, em que os imigrantes expressam/contestam as suas presenças,

[...] highlight the heterogeneity of migrant conditions and the diverse ways in which migrants are confronted with and struggle with power(s): struggles at the border, but also before and beyond the border line; struggles that are visible in the public arena or that remain relatively invisible. (Tazzioli *et al.*, 2014, p. 80).

É válido ressaltar que essa perspectiva de luta imigrante não tem a intenção de ser executada/vista como uma representação política ou como reivindicações dos direitos, como, por exemplo, os movimentos sociais de imigrantes. O propósito desta é dar conta de compreender os enfrentamentos vivenciados no cotidiano das travessias, “[...] consist in the mere fact of persisting in a certain space, irrespective of law, rights and the pace of politics of mobility.” (Tazzioli *et al.*, 2014, p. 82).

Neste enquadramento, em que os imigrantes buscam meios de transitarem pelas zonas fronteiriças para terem o direito à proteção humanitária, as ações dos Estados são entendidas a partir da construção de uma enunciada **crise migratória**²⁹. Para os autores dos Estudos Críticos das Migrações, essa crise não é apenas um estado temporário ou uma anomalia, mas uma condição estrutural da gestão dos Estados (Hess; Kasperek, 2017).

Com o aumento no número de deslocamento forçado desde 2014, os Estados, que eram os principais destinos desses fluxos de deslocamento forçado, utilizaram e instrumentalizaram a noção de estarem vivenciando uma “crise migratória”, em vista de legitimar o emprego de medidas coercitivas para afastar os imigrantes dos territórios e poderem se proteger frente a esses “invasores”. Isso é sustentado pelos atores estatais uma vez que, do ponto de vista político, ao denominar algo como “crise”, geralmente, denota a necessidade de uma ação, que não poderá ser “questionada” pelos demais atores envolvidos (Perre *et al.*, 2018).

²⁹ Para uma problematização da literatura latino-americana referente a esse termo, a partir de enquadramentos regionais, ver Santos; Veja, 2022.

Segundo os estudos críticos, o impasse é que, ao manipular esse termo em suas gestões, os Estados visam intensificar a percepção de ameaça e desproteção, e, com isso, embasar o uso de ferramentas excepcionais para conduzir políticas de contenção, que, na maioria dos casos, vão em desacordo com os princípios democráticos e de direitos humanos (Vries; Guild, 2019). Com a execução dessas condutas³⁰, há uma normalização da violência no gerenciamento das migrações por parte dos Estados, pois a questão migratória está sendo enquadrada como pauta da segurança,

[...] the refugee crisis puts forth the idea that 'we' are being flooded by 'them'. Through such imagery, an innocent We and a threatening Them are brought into existence – an odd distinction that appears divorced from actual historical and contemporary power structures. (Baerwaldt, 2018).

No arcabouço teórico dos Estudos Críticos das Migrações, há uma nova interpretação de como os Estados agem, ao se empregarem desse discurso de crise migratória para conter as pessoas em suas zonas de fronteira. Por meio da formulação da **política de exaustão**³¹, as autoras Marta Welander e Leonie Ansems De Vries (2016a) buscam entender os efeitos da gestão migratória sobre os corpos imigrantes. Com isso, esse conceito se traduz tanto como uma ferramenta arbitrária dos Estados, onde estes criam um ambiente hostil por meio de condutas que afetam a vida dos imigrantes, quanto como as experiências cotidianas vividas pelas pessoas em trânsito (Welander; Vries, 2016b)³².

Pensando nessas múltiplas vivências, as autoras Welander e De Vries constroem essa noção para elucidar como os Estados “[...] to deter, exclude and control through the mental and physical exhaustion of individuals.” (Welander, 2021, p. 30). Sendo uma abordagem estratégica e consciente dos atores estatais, a lógica empregada é a de obstruir os percursos dos imigrantes, forçando-os a se moverem constantemente (ou, em certa medida, os paralisando em ambientes adversos), até que sejam deportados ou que desistam de seus projetos migratórios (Welander; Vries, 2016b).

Visto que essa conduta está ligada diretamente ao cotidiano das travessias, a exaustão é “enxergada” a partir da combinação de diversos meios produtores de uma violência física,

³⁰ A título de ilustração, as medidas são o aumento no número de deportação, ampliação dos centros de detenção e intensa fiscalização das zonas fronteiriças (Baerwaldt, 2018).

³¹ Esse conceito foi formulado pelas autoras Marta Welander e Leonie Ansems De Vries (2016a) para explicar os processos violentos instaurados pelos Estados europeus para exaurir e conter os refugiados, inicialmente, no acampamento informal de Calais, na França, durante os anos de 2015 e 2016. Posteriormente, foi aplicado pela autora Marta Welander (2021) para elucidar a gestão migratória britânica e francesa frente à chegada dos refugiados em seus países entre os anos de 2016 e 2019.

³² Em suas pesquisas, as autoras apontaram que “So often, we heard people speaking in terms of ‘being so tired’ and of having been ‘completed exhausted’ by repeated evictions, detention, push-backs, deportations, sub-standard living conditions, fundamental uncertainty, the continuous threat and reality of violence and a range of other circumstances and practices that wore them down.” (Welander; Vries, 2016a).

psicológica e mental. Há a sensação de viver num limbo por um longo período, com contínuas experiências de incerteza, ilegalidade, falta de acesso aos direitos, condições precárias nos centros de acolhimento, destruição de espaços de convivência e criação de barreiras físicas (Vries; Guild, 2019).

Logo, a política de exaustão, diferentemente das demais ferramentas da governança migratória como detenções e deportações em massa, são “[...] a relatively subtle approach [...]” (Welander, 2020), o que dificulta a contestação de como essas condutas violam os direitos humanos e as normas internacionais humanitárias,

[...] could be understood as a manner in which liberal democracies continue to both counter-act and seemingly uphold their status as law-abiding nations at the same time, operating functioning asylum systems and paying lip service to international and human rights law. (Welander, 2020).

Os efeitos, portanto, dessa política são perceptíveis de maneira subliminar, como com sentimento de cansaço, tristeza, desesperança e ansiedade. Dessa forma, são percepções vinculadas diretamente com o corpo imigrante em trânsito, ao iluminar como a violência, por meio de micro práticas, desempenha papel crucial e mortífero nas zonas fronteiriças (Welander; Vries, 2016b).

Partindo desses conceitos apresentados, entende-se que as dinâmicas das migrações forçadas são constituídas por três dimensões: as zonas fronteiriças como espaços móveis e adaptáveis; os imigrantes como agentes ativos de seus projetos migratórios; e as ações dos Estados pautadas na produção de sentido de crise migratória. À vista disso, o motor dessa interação é o trânsito migrante, que se expressa em dois sentidos interligados: a partir da mobilidade e a imobilidade migratória, conforme será discutido na próxima seção.

2.2 Conceituando sobre o trânsito migrante

Pensar sobre o trânsito migrante se remete a algo amplo com diversas camadas, não podendo, assim, ser considerado apenas como um movimento linear, contínuo e preciso do país de origem ao de destino. Portanto, é, paralelamente, o impulso e a consequência direta do regime de fronteira, indo de encontro tanto com a capacidade dos imigrantes de ajustarem os métodos e estratégias da vida cotidiana do migrar, como também com a imposições dos Estados para dificultar essas passagens (Wurtz, 2021). A definição formulada pelo autor Papadopoulou-Kourkoula elucida esse sentido ao trazer o trânsito migrante como “[...] the situation between emigration and settlement that is characterized by indefinite migrant stay, legal or illegal, and may or may not develop into further migration depending on a series of structural and individual factors.” (2008, p. 4).

Tendo, então, esse fenômeno como uma “fragmented journey” (Collyer, 2010), a presente seção é construída a partir sobre a dicotomia da mobilidade e imobilidade migratória. Essa ponderação vai de encontro com a concepção de que a linha é tênue entre ambas as lógicas, já que os imigrantes se movem constantemente e, em paralelo, a permanecer imóveis por longos períodos nos espaços de trânsito³³, em razão dos obstáculos adversos instrumentalizados pelos Estados (Brigden; Mainwaring, 2016).

2.2.1 Mobilidade migratória: governada ou autônoma?

Ao refletir sobre a mobilidade se remete, essencialmente, “[...] ao movimento, dinâmica, inquietação, a emergência e a conectividade [...]” (Knowles, 2017, p. 490). Todavia, ao se referir, especificamente, à mobilidade migratória, há dois pontos fundamentais trazidos pela autora Martina Tazzioli (2020), que desmistificam essa concepção de algo fluído, já que há processos pelos quais algumas formas são facilitadas, enquanto outras são criminalizadas.

Primeiramente, no momento em que se explana sobre a **mobilidade migratória**, a ação não é vista pelos atores – como, por exemplo, pelos Estados – de um modo “positivo”. Em outras palavras, a mobilidade migratória é entendida como um problema, logo, como um deslocamento, que deve ser governado e controlado em prol dos interesses estatais (Tazzioli, 2020, p. 6). Segundo Bridget Anderson,

[...] migration signifies problematic mobility. People have always moved, and human movement is only contingently constituted as an object of investigation and a problem for policy [...]. “Migration” already signals the need for control and in public discourse is often raced and classed. (2017, p. 1532).

O segundo aspecto vai de encontro com a percepção de que a mobilidade migratória não é sinônimo de movimento, em razão de não ser um habitual deslocamento espacial e linear do ponto A para o ponto B, mas moldada de acordo com configurações específicas das relações de poder, que nas palavras da Martina Tazzioli “[...] determine the differential restrictions for people to move and move, therefore, mobility hierarchies.” (2020, p. 5). Dessa forma, a mobilidade migratória pode ser compreendida como uma ação política inserida num determinado contexto histórico-político e não como uma ação comum de “ir e vir” (Tazzioli, 2020).

³³ Os espaços de trânsitos são “[...] the kinds of informal and institutionalised places that people seeking refuge pass through and stay in.” (Vries, 2016). Isto significa que esses ambientes são móveis e variam de acordo com a ação e necessidade dos imigrantes naquele dado cenário de mobilidade.

Partindo dessas colocações, os teóricos críticos formularam uma interpretação sobre a mobilidade migratória em duas direções: como um ato governado e como uma força política (Huysmans *et al.*, 2021). A primeira perspectiva se fundamenta no entendimento de que “Migrants do not only move; they are also moved” (Huysmans *et al.*, 2021, p. 69). À vista disso, para determinar como os imigrantes irão se deslocar, os Estados empregam as infraestruturas espaciais e os aparatos legais num sentido de “[...] channeling, containing, and selecting migration.” (Huysmans *et al.*, 2021, p. 70).

Seguindo esse pensamento, a mobilidade pode ser compreendida a partir do aspecto de como os Estados buscam governar e recuperar o controle sobre os movimentos migratórios vistos como “indisciplinados” (Tazzioli, 2020), “[...] migrants are not only governed by being stopped, stranded, and pushed back at the border but also by being kept on the move and forced to remain in motion across convoluted geographies.” (Huysmans *et al.*, 2021, p. 70).

Como os Estados instrumentalizam recursos para controlar a mobilidade migratória, os autores críticos defendem, através do enquadramento empírico da gestão migratória da União Europeia, que há a construção de uma percepção de “hypermobility”³⁴ (Tazzioli, 2020, p. 4). Em outras palavras, a autora Martina Tazzioli (2020) aponta que ao “[...] the making of migration [...]”, os atores estatais arquitetam diversas táticas espaciais e biopolíticas – como, por exemplo, controle biométrico, exigência de autorização para deslocamento e detenção duradoura -, com a pretensão de manter os imigrantes em movimento e afastados dos países destinos. Logo, há a instauração de uma hiper mobilidade forçada, em que os imigrantes se veem exauridos pelo movimento prolongado e condição de impermanência (Tazzioli, 2020).

No entanto, ao ponderar a mobilidade migratória como um ato de se governar, deve-se ter em consideração que as tentativas estatais de controle não são em sua totalidade bem-sucedidas. À vista que, constantemente, as táticas estatais são confrontadas por “[...] multifarious movements, practices, desires, connections, and associations that challenge or escape the capacities of existing control mechanisms.” (Huysmans *et al.*, 2021, p. 73), que são instrumentalizados pelos imigrantes em trânsito (Mezzadra, 2016).

Há, conseqüentemente, uma lacuna não intencional, por parte da gestão migratória estatal, que abre a possibilidade, em certa medida, para os imigrantes materializarem os

³⁴ A literatura europeia entende que isso ocorre devido ao Espaço Schengen. De modo resumido, é uma área criada pelos países europeus, em que não há controles fronteiriços ou alfandegários. Logo, há a livre circulação de pessoas, bens e serviços entre esses territórios. Atualmente, os Estados signatários são: Bélgica, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Estónia, Grécia, Espanha, França, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Hungria, Malta, Países Baixos, Áustria, Polónia, Portugal, Eslovénia, Eslováquia, Finlândia e Suécia, assim como a Islândia, o Listenstaine, a Noruega e a Suíça (Marta, 2021).

movimentos, as passagens clandestinas e as habilidades de reivindicação (Tazzioli *et al.*, 2014). Pensando nesse sentido, pode-se analisar a mobilidade migratória também como uma força política fabricada pelos imigrantes.

Para ponderar a mobilidade migratória esse sentido, os teóricos críticos se empregam da perspectiva da luta migrante (Tazzioli *et al.*, 2014), já que o acesso aos meios de locomoção – como, por exemplo, vistos de entradas, aviões e estradas – não é igualitário às todas as pessoas em trânsito (Pallister-Wilkins, 2019). À vista disso, a mobilidade migratória é uma “força constituinte”, que provoca alterações sociais “de baixo” no regime de fronteira, evidenciando a autonomia dos imigrantes (Tazzioli *et al.*, 2014).

Portanto, ao entender o imigrante como um agente ativo do seu processo migratório, a mobilidade migratória como força política sobressai os cotidianos do deslocamento,

[...] they are struggles of (migrant) everyday life: they consist in the mere fact of persisting in a certain space, irrespective of law, rights and the pace of the politics of mobility. The issue of imperceptibility therefore helps to illuminate the more structural meaning of “migrant struggles” whereby migration always ultimately concerns the daily struggles in which migrants are involved, whether to stay someplace or to move on. (Tazzioli *et al.*, 2014, p. 82).

Um ponto importante a ser ressaltado é que, ao pensar a mobilidade migratória como uma força política, gera-se uma lógica de coletividade. Isso é fundamentado na percepção de que ao emergirem a sua mobilidade, os imigrantes cruzam os seus percursos, desejos e estratégias com outros imigrantes também em movimento. Há, portanto, uma leitura de que a mobilidade pode conceber um sujeito coletivo, em que há o compartilhamento de rotas de trânsito e a constituição de uma luta comunitária, em busca de segurança e proteção (Huysmans *et al.*, 2021).

Entretanto, os atos de deslocamento provocam atos correspondentes de assentamento, pois os percursos dos imigrantes não se traduzem apenas num movimento contínuo, mas também numa jornada fragmentada, por meio da parada, da espera e da contenção (Brigden; Mainwaring, 2016). Consequentemente, faz-se crucial compreender a mobilidade migratória, em conjunto, com a possibilidade de haver a imobilidade, como será proposto na seção seguinte.

2.2.2 Imobilidade migratória: consequência ou paciência?

Com a intensificação das ações estatais baseadas na contenção e fiscalização das zonas fronteiriças, as travessias migratórias têm se tornado cada vez mais longas e segmentadas. Em decorrência, os espaços de trânsito podem se transformar em zonas de assentamento, com os imigrantes vivenciando uma percepção de estarem “presos” em seus trajetos (Basok *et al.*, 2015).

A **imobilidade migratória** se torna, assim, uma característica dos projetos migratórios tanto numa noção física quanto temporal, como evidenciado pelas autoras Noelle Brigden e Cett Mainwaring “Many journeys are characterised by long periods of ‘sticky’ or even ‘suspended’ time spent waiting, stopping, and being stranded or contained.” (2016, p. 16).

Para embasar a percepção da imobilidade na caminhada migratória, o autor Joris Schapendonk (2012, p. 37) identifica três tipos de imigrantes imóveis, de acordo com a gestão migratória executada pelos Estados: (i) os *stranded migrants* (imigrantes encalhados), cujo trajeto em direção ao país destino foi bloqueado; (ii) os *stuck migrants* (imigrantes presos), que se sentem impossibilitados de seguir o trajeto desejado ou não que possuem recursos para retornarem aos seus países de origem; e, por último, (iii) os *settled migrants* (imigrantes estabelecidos), que optaram por permanecer no país de trânsito.

Por se referir a uma imobilidade diferenciada daquela provocada por uma política de detenção – isto é, resumidamente, uma situação em que o Estado aprisiona os imigrantes em centros institucionalizados sob um aparato jurídico –, Schapendonk (2012) compreende que há, em certa medida, uma autonomia dos imigrantes em poderem determinar o local, em que irão se assentar. Além disso, o autor reconhece que essas categorias são transitórias e que, dependendo da conjuntura, podem se alterar para uma mobilidade ou vice-versa.

Já a autora Melanie Griffiths (2014, p. 1994) propõe três subcategorias de imobilidade vinculada à questão temporal. A primeira categoria é denominada de *sticky time* (tempo pegajoso), que se caracteriza por uma espera prolongada e lenta. Já a segunda se refere ao *suspended time* (tempo suspenso), também entendido como limbo temporal, sendo uma situação, em que os deslocados sentem que suas vidas estão suspensas ou estagnadas diante das consequências das ações de contenção dos Estados ou quando estão presos em centros de detenção. Por último, o *frenzied time* (tempo frenético), que é o intervalo entre o momento em que os imigrantes recebem a notificação do processo de deportação até a concretização dessa expulsão.

Na maioria dos casos, os imigrantes “aceitam” essa forma de imobilidade, além dos riscos corporais envolvidos nesse assentamento, como um modo necessário para obterem a proteção humanitária almejada ou alcançar o destino desejado. Portanto, a “[...] immobility is a complex negotiation of risk, agency and visibility” (Brigden; Mainwaring, 2016, p. 10). Em consideração a isso, os imigrantes assimilam os períodos de espera, de parada e de contenção como inerentes à experiência migratória,

The patience to cope with indefinite periods of immobility becomes a survival resource, as the experience of immobility folds into the larger purpose of mobility. Moments of mobility occur within their forced immobility, and immobility occurs within the larger context of migration and lifelong journey to an unknown destination. (Brigden; Mainwaring, 2016, p. 10).

Em outras palavras, nos movimentos de ruptura da mobilidade, que são vivenciados por diferentes formas de recusas, reinícios e suspensões indefinidas, os imigrantes elaboram estratégias de trânsito para atingir os seus objetivos a curto e longo prazo. Logo, a imobilidade também pode ser vista como uma expressão da luta migrante, em razão dos imigrantes arquitetaram táticas para sobreviverem perante as medidas coercitivas estatais (Brigden; Mainwaring, 2016).

Com referência aos elementos teóricos-conceituais da agenda de Estudos Críticos das Migrações abordados até aqui, faz-se, no capítulo seguinte, uma explanação sobre o contexto do Triângulo Norte da América Central para elucidar as motivações de saída desses países, além de uma retornada história de três momentos do êxodo centro-americano anteriores às caravanas migratórias e acampamentos informais. À vista disso, será proposto uma viagem dos conceitos críticos dessa agenda de pesquisa à conjuntura empírica migratória centro-americana.

3 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-POLÍTICA DO TRÂNSITO MIGRANTE DA AMÉRICA CENTRAL

Na última década, testemunhou-se uma aceleração no percentual de deslocamento forçado, em que as pessoas em trânsito se empregavam de métodos e estratégias para se locomoverem com segurança e, assim, reivindicar o direito à proteção humanitária. Em paralelo, os Estados - predominantemente, os países democráticos liberais - criaram obstáculos, aprimoraram as barreiras em suas fronteiras e tornaram suas leis de asilo mais rigorosas (Bosworth *et al.*, 2018).

Essa percepção dos movimentos coercitivos dos Estados correlatos às ações dos imigrantes em trânsito, pode ser ilustrada na conjuntura migratória do continente americano (Cordero *et al.*, 2019). Os Estados Unidos, devido à sua estabelecida situação econômica³⁵, são tidos como o principal destino das migrações³⁶ na América, frente a uma debilidade política e financeira dos demais países da região. Isso é observado num entendimento de que há “tradição migratória” como um dos componentes da formação história e econômica desse Estado, tendo momentos em que a migração laboral foi utilizada como um dos principais mecanismos alavancadores da industrialização, através de uma política de “portas abertas”, incentivado, em certa medida, pela busca do *American Dream* (Durand, 2016).

Por consequência disso, formou-se o que Jorge Durand denomina de “[...] hemispheric migratory system, whose undisputed pole of attraction is the United States [...]” (2022, p. 15), constituído por três principais subsistemas: caribenho, mesoamericano e sul-americano³⁷. Cada um desses subsistemas migratórios possui as suas peculiaridades tanto demográficas quanto geográficas, criando o que nos estudos migratórios denomina de corredores migratórios,

[...] por corredor migratorio el espacio geográfico transnacional que ha sido moldeado por procesos sociohistóricos comunes o interconectados, la acumulación de tránsitos migratorios a través del tiempo y la relación desigual y de tensión entre movilidad/inmovilidad y control migratorio, así como por las relaciones de poder que dicha relación suscita a nivel local, nacional y transnacional. (Chaim *et al.*, 2023, p. 4-5).

³⁵ Com um PIB, Produto Interno Bruto, de USD 22.3 trilhões, em 2022, os Estados Unidos são a maior economia mundial (G1, 2023).

³⁶ Em 2021, o instituto de pesquisa em migração dos Estados Unidos, *Migration Policy Institute*, estimou que 45 milhões de imigrantes viviam no país, o que representa 13,6% da população. Desse total, 11 milhões estão em situação indocumentada, sendo que 2.1 milhões são da América Central. Os países do Triângulo Norte representam os maiores percentuais da população centro-americana, sendo El Salvador (741.000), Guatemala (724.000) e Honduras (490.000) (Ward; Batalova, 2023).

³⁷ O fluxo caribenho é formado, principalmente, por movimentos advindos do Haiti e de Cuba. O sul-americano, em maior medida, por venezuelanos, seguidos por colombianos e brasileiros. Por fim, o mesoamericano se refere aos fluxos originários do México e dos países do norte da América Central, especificamente El Salvador, Guatemala e Honduras (Durand, 2016).

Diante dessa perspectiva geral, o corredor mesoamericano, formado pelo México e pela América Central, é considerado um dos maiores do mundo posto à proximidade geográfica e os fatores políticos e econômicos, além das relações comunitárias e laços étnicos entre os países (McAuliffe; Ruhs, 2018). É oportuno pontuar que o México, neste enquadramento, além de ser um país emissor³⁸ de imigrantes ao território estadunidense, exerce um papel central de país de trânsito³⁹, ao abranger diversos meios de transporte e diferentes rotas de travessia da América Central até os Estados Unidos (Basok *et al.*, 2015).

Mapa 1 – Rotas migratórias no México



Fonte: Servicio Jesuitas a Migrantes (2014 *apud* Basok, 2015 p. 6)

De acordo com a *Servicio Jesuitas a Migrantes en México* (2014), associação religiosa que presta apoio humanitário aos imigrantes em trânsito pelo país, existem seis principais rotas utilizadas para viajar do sul do México até as cidades fronteiriças do norte: Tijuana e Mexicali, no estado da Baja California; Nogales, em Sonora; Ciudad Juarez, em Chihuahua; Piedras Negras, em Coahuila; e Nuevo Laredo, Reynosa e Matamoros, em Tamaulipas.

Embora, ao trazer tanto esse mapa com a explanação das rotas quanto o conceito de corredor migratório, possa se remeter à noção de um trânsito retilíneo pelo México, entende-se que,

³⁸ Em 2021, havia, aproximadamente, 10.7 milhões mexicanos vivendo nos Estados Unidos, o que representa 24% dos 45.3 milhões de residentes estrangeiros no país (Rosenbloom; Batalova, 2022).

³⁹ Os países de trânsito são aqueles que os imigrantes atravessam para alcançarem o país destino (Cornelius, 2018).

The geographic terrain, road infrastructure, and available transportation play an important role in the configuration of transit routes that traverse the Mexican territory from south to north. What at first glance appears as a straight line on a map is often the outcome of fragmented and circular trajectories involving return, rest, movement forward, and detours. (Basok *et al.*, 2015, p. 5).

Em outras palavras, a mobilidade migratória pelo México é muito mais um “labirinto”, confrontado pelas políticas mexicanas e estadunidenses, do que um movimento de passagem direta da fronteira sul com a Guatemala até a norte com os Estados Unidos (Basok *et al.*, 2015, p. 5).

Como pontuado na introdução, ao articular sobre a migração da América Central, refere-se à advinda da região do Triângulo Norte. Localizado no norte istmo⁴⁰ centro-americano, o termo Triângulo Norte foi popularizado, principalmente, pelos Estados Unidos para se reportar coletivamente aos três países componentes da região - El Salvador, Guatemala e Honduras -, que possuem uma integração econômica, além de compartilharem desafios como, por exemplo, pobreza generalizada, violência e corrupção (Cheatham; Roy, 2022).

Mapa 2 – Triângulo Norte da América Central



Fonte: Cheatham; Roy (2022)

Para a literatura, que visa compreender a formação e desenvolvimento dos países centro-americanos, a interferência dos Estados Unidos na região é um dos principais desencadeadores

⁴⁰ Geograficamente, a região istmo da América Central é constituída por 7 países (que estão localizados entre a América do Sul e a do Norte): Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Panamá. Já a região insular, conhecida por Caribe, é composto por 13 países independentes: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Cuba, Dominica, Granada, Haiti, Jamaica, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas, Trinidad e Tobago; e mais 11 territórios (ou ilhas): Anguilla, Antilhas Holandesas, Aruba, Guadeloupe, Ilhas Caimã, Ilhas Turks e Caicos, Ilhas Virgens Americanas, Ilhas Virgens Britânicas, Martinica, Montserrat e Porto Rico.

dessa precariedade estrutural. A Guerra Fria (1947-1991) marcou o início de um longo período desse intervencionismo, que dura até os dias atuais⁴¹. Isso pois, diante do cenário do conflito bipolar, a América Central foi utilizada como um “laboratório” para o governo estadunidense de suas políticas hegemônicas, principalmente, ao apoiar os regimes ditatoriais em El Salvador e na Guatemala, o que propagou a escalada na violência dos conflitos civis (Durand, 2016; Massey, 2021). A autora Érica Sarmiento aponta que,

Desde o final do século XIX, a região tornou-se um exemplo de intervencionismo estrangeiro, e passou a ser designada como “repúblicas bananeiras”, termo utilizado para se referir a um país pobre, corrupto, instável politicamente, pouco democrático e que atua em função dos interesses estrangeiros. [...] é importante ressaltar a violência empregada pelas empresas estrangeiras na região, em particular, da *United Fruit Company* e o apoio sistemático dos Estados Unidos em seus interesses econômicos e comerciais. (2021, p. 66).

Ao longo das décadas, com o agravamento da situação frágil vivenciada pelos cidadãos do Triângulo Norte, a migração, na maioria dos casos, tornou-se a única solução, em vista de se ter uma condição de vida digna (Wolf, 2020). Dessa forma, a saída da região pode ser entendida como uma expulsão, semelhante à perspectiva desenvolvida pela autora, Saskia Sassen, “O momento da expulsão é o momento de uma condição familiar que se torna extrema. Você não é simplesmente pobre, você está com fome, perdeu sua casa, vive em barraco [...]” (Sassen *apud* Felix, 2015, p. 1).

À vista disso, têm-se quatro principais fatores de expulsão (Cheatham; Roy, 2022), que, em conjunto, geram o trânsito centro-americano: a insegurança política; a pobreza enraizada; a violência generalizada e as consequências dos desastres naturais,

La migración forzada en países centroamericanos es resultado de diversas causas: inseguridad política o económico, desigualdad socio-económica, catástrofes ambientales, proyectos extractivos (minería, agricultura industrial, etc.), conflictos armados y otras formas de violencia organizada, como pandillas y cárteles o persecución o amenaza por parte de agentes del Estado. (Villalever; Schütze, 2021, p. 85).

De maneira não exaustiva, a instabilidade política pode ser explicada pela ausência de incentivos democráticos desde o período pós-independência da Espanha, momento em que os países centro-americanos eram comandados por oligarquias, que tinham como prioridade a manutenção dos interesses externos dos ingleses e, posteriormente, dos estadunidenses (Booth *et al.*, 2020). Como aponta Juliana Mércia Guilherme Vitorino,

Por isso é prudente voltar ao período colonial, porque é onde estão os inícios do desenvolvimento de um colonialismo interno que vige até os dias atuais. A

⁴¹ Atualmente, essa ingerência estadunidense se dá, sobretudo, através (i) dos investimentos das empresas multinacionais, (ii) dos pacotes estatais de ajuda financeira aos governos da região e (iii) da barganha para concretização das medidas de contenção dos fluxos migratórios (Smith, 2020).

fragmentação do poder durante a colônia influenciou o fraco controle sobre os territórios nacionais. Quando das independências, os Estados herdaram essa fraca capacidade de controle, o que dificultou, por sua vez, a centralização do poder. (2016, p. 63).

A fragilidade em se criar uma base democrática coesa, que foi exacerbada com os períodos ditatoriais a partir dos anos 70 e, posteriormente, com as guerras civis entre os anos 80 e 90, provocou elevados índices de corrupção⁴² (Pastor, 2011). Conseqüentemente, este apodrecimento das instituições políticas “[...] provoca um problema de legitimidade ou falta de legitimidade que impede a ação pública eficaz [...]” (Sarmiento, 2021, p. 69), já que essas não possuem força tanto internamente, para executar as ações cotidianas e de responsabilidade do aparato estatal, quanto externamente, pois há incidência de processos eleitorais fraudulentos e de desvio de verbas governamentais,

State structures are weak and underfunded due to limited tax collection and widespread corruption. With an underdeveloped civil service, appointments and hiring decisions often based on personal and partisan connections regardless of merit, leave public institutions with little ability to build public policy. Corruption damages democratic institutions and prevents governments from allocating the maximum of available resources for the enjoyment of human rights, particularly economic and social rights. (Wolf, 2020, p. 1).

A situação de pobreza também possui raízes históricas. No período colonial, como a região não possuía grandes atrativos - como a América do Sul e o México - para o reino da Espanha, foi posta num local secundário nos interesses coloniais (Booth *et al.*, 2020). Conseqüentemente, após a independência, que ocorreu em 1821, esses territórios não tinham uma infraestrutura para se desenvolver economicamente - como, por exemplo, uma malha ferroviária - e, assim, tornaram-se dependentes da agricultura e dos investimentos externos, através da figura do latifúndio (Vitorino, 2016, p. 81).

Hoje, a América Central, como um todo, está entre uma das regiões mais pobres do Ocidente, sendo que os três países do TNAC estão localizados entre os últimos na classificação do Produto Interno Bruto (PIB) da América Latina e Caribe (World Bank, 2022). O cenário se agravou, intensamente, com a pandemia de Covid-19. A título de ilustração, em julho de 2022, o governo hondurenho estimou que mais de 73% da população do país vivia abaixo da linha da pobreza, sendo que, aproximadamente, 54% estavam em extrema pobreza (Zapata, 2023).

Outra característica notória das economias desses países é que, além de estabelecer uma balança comercial pautada na exportação de bens agrícolas e na importação de materiais

⁴² O Índice de Percepção da Corrupção é o principal indicador de corrupção mundial e classifica os países numa escala entre 0 e 100. Em 2022, categorizou El Salvador com 33 pontos, a Guatemala com 24 e Honduras 23. No *ranking* geral, que contém 180 países, esses estão localizados, respectivamente, nas posições 111º, 150º e 157º (Transparency International, 2022).

industrializados (López; Gómez, 2020), são, parcialmente, subordinadas às remessas internacionais⁴³ enviadas por centro-americanos, que trabalham, principalmente, nos Estados Unidos. Nas palavras de Juliana Mércia Guilherme Vitorino,

As relações de dependência continuam sendo pautadas e exemplo delas podem ser observados nos países do Triângulo Norte Centro-americano, países que têm um longo histórico de relações coloniais/colonializadas e de dependência econômica: antes dos espanhóis, hoje dos Estados Unidos. Não necessitam dos Estados Unidos apenas para vender suas *commodities*, precisam dos empréstimos de instituições financeiras para empreender algum intento de melhora na vida de seus nacionais. Precisam dos Estados Unidos para negociar a permanência de seus nacionais naquele país através do TPS, a fim de garantir o envio de remessas para as famílias que já não contam com a capacidade de seus governos de garantir. (2016, p. 96-97).

Em razão desse enfraquecimento político e econômico, fomentou-se um contexto com múltiplas fragilidades,

Public services in the Northern Triangle are just as precarious. Health systems are characterized by low coverage, poor quality of health services, inadequate infrastructure, and limited access to essential medicines and treatments [...]. Access to affordable, quality education is equally limited. Education systems have poor infrastructure and inconsistent school coverage. In Honduras, for example, many schools do not have electricity or running water and depend heavily on the support of the teachers and families themselves. Factors such as a lack of financial resources, teenage pregnancies, violence, and gangs also lead to dropping out of school. (Wolf, 2020, p. 2)

Como consequência direta disso, há a incidência de uma violência sistêmica e generalizada cometida pelas ações de gangues urbanas⁴⁴, as *maras* e *pandillas*⁴⁵, que provocam uma situação de alerta constante (Correa, 2015). Os locais mais afetados por essa insegurança são os bairros das grandes cidades, que carecem de oportunidades empregatícias, acesso aos serviços públicos e aos projetos educativos e de integração social. Com isso, crianças e adolescentes

[...] join these groups in search of status, support, and belonging that they could not otherwise obtain, or are pressured to join. Once integrated into these structures, they carry out surveillance, drug sales, extortion, and other activities. Girls and women may be forced to form intimate relationships or perform support tasks. Gangs rule

⁴³ As remessas são entendidas, de modo geral, como aquelas porções de renda dos imigrantes internacionais com residência temporária ou permanente no país onde trabalham e que são transferidas ao país de origem (Pizarro, 2017). A título de ilustração da relevância dessas transferências às economias centro-americanas, no caso de Honduras, quase 18% do PIB do país advém dessas quantias (Marcía, 2019).

⁴⁴ Estudiosos apontam que os Estados Unidos contribuíram, profundamente, à formação desses grupos criminosos, em razão de terem deportado ao Triângulo do Norte uma grande quantidade de membros de gangues condenados. Com essa massiva política de deportação, as principais gangues de Los Angeles, *Mara Salvatrucha 13* e *Barrio 18*, também são as mais atuantes no TNAC (Dudley, 2012, p. 8-9).

⁴⁵ Nas palavras do autor Paulo Mortari Araújo Correa “Ambos os termos se referem a grupos que, majoritariamente (mas não unicamente), são constituídos por jovens do sexo masculino e cujos membros compartilham de uma identidade comum, o que inclui a adoção de um ou mais bairros ou regiões de sua cidade, como seu próprio território, o uso de formas de comunicação e expressão cultural específicas (entre gírias, gestos corporais, tatuagens, grafites em muros e ritmos musicais) e, até mesmo, a aplicação de rigorosas normas de conduta (2015, p. 67-8).

through fear and expect residents of the territories under their control to abide by their rules and collaborate when requested [...] (Wolf, 2020, p. 3).

Ao *governar* pelo medo (Sarmiento, 2021), a violência exercida por esses grupos atinge diversas camadas da sociedade, o que faz com que as taxas de homicídio no Triângulo Norte estejam entre as mais altas do mundo. Em 2021, estimou-se que 4,5% dos assassinatos em todo o mundo ocorreram nesses três países (Plotnikov, 2022). As taxas de feminicídio também são preocupantes. No ano de 2018 em El Salvador, a média foi de uma mulher sendo assassinada a cada 24 horas. Já em Honduras, 6,2 em cada 100 mil mulheres foram mortas em 2019, o índice mais elevado da América Latina e do Caribe (Bozmoski, 2021).

E, por fim, as consequências dos desastres naturais e das mudanças climáticas provocam um elevado contingente de deslocamento ambiental⁴⁶. O Triângulo Norte é uma das regiões mais propensas aos efeitos adversos do aquecimento global,

There is a high susceptibility to hurricanes and severe storms in Guatemala, but the country is also subject to volcanic activity and earthquakes. Similarly, droughts have affected the country since early 2010 and, more pronouncedly, starting in 2014-2015. [...] El Salvador has seen a consistent increase in extreme events, mainly storms, floods, and droughts. The country is also experiencing severe deforestation and land degradation, making it even more vulnerable to climate variability and change. [...] Honduras, the country faces similar risks to its neighboring countries with severe vulnerability to climate events such as hurricanes, tropical storms, floods, droughts, and landslides affecting agricultural production and critical infrastructure. (Muñoz-Pogossian; Chaves-González, 2021, p. 11-12).

Além das perdas humanas e econômicas, as pessoas são afetadas pela má gestão dos governos na prevenção e nos reparos desses eventos climáticos extremos, logo migrar⁴⁷ se torna a única opção (Muñoz-Pogossian; Chaves-González, 2021). É importante pontuar que essa migração desencadeada por desastres ambientais, não se alude somente às causas diretas - como, por exemplo, perder a casa numa enchente, - mas também os efeitos a médio e longo prazo, tais como a degradação do solo, que provoca tanto uma insegurança alimentar quanto um êxodo rural (Führ *et al.*, 2021).

Trazer essa breve exposição da conjuntura vivida pelos imigrantes centro-americanos em seus países de origem, auxilia na demonstração de que essas pessoas carregam uma força por toda a sua trajetória de vida, não somente no momento da migração. Ademais, é crucial

⁴⁶ Apesar de ainda ocorrer debates em torno da definição do que é o deslocamento forçado ambiental, pode-se trazer o entendimento adotado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), “[...] a expressão “refugiado ambiental”, considerando que este termo abarca os indivíduos que foram forçados a abandonar de modo definitivo ou permanente o lugar em que tradicionalmente viviam, em virtude da degradação do ambiente por razões naturais ou humanas e que afetou a sua existência, a ponto de colocá-los em perigo” (Pnuma *apud* Costa, 2011, p. 16).

⁴⁷ Um dos relatórios desenvolvidos pelo *World Bank* (2018), estimou que existirão entre 1.4 milhões e 3.9 milhões de deslocados ambientais advindos da América Central até 2050, representando 1,9% da população desse subcontinente.

para refutar a interpretação sustentada, principalmente pelos Estados Unidos, de que o fluxo centro-americano é uma migração com caráter exclusivamente econômico,

Indeed, contrary to popular understanding in the United States, Central Americans do not spontaneously migrate in search of the American Dream. Rather, conflicts and economic dislocations in their homelands directly motivated their migration, and Central Americans set out for the United States—often crossing several international borders and experiencing harrowing conditions in the process—because of existing links with family, friends, and employers already established there. These ties have been forged over a long history of sustained US political, military, economic, and cultural influence and interventions in Central America. Thus, when the conditions in Central America deteriorated to the point where many sought refuges elsewhere, the United States, as the strong state with multiple incursions in Central America, emerged as the destination of choice [...] (Abrego; Menjívar, 2022).

Expandido a análise para além da compreensão dos fatores de expulsão, deve-se ter de considerar mais duas variáveis para construir um olhar sobre a lógica êxodo centro-americano contemporâneo: as políticas migratórias dos Estados envolvidos - Estados Unidos e México - e o modo de transitar dos imigrantes pelas rotas mexicanas. Isso se dá em razão de entender que as paisagens migratórias são constituídas por dois movimentos: (i) dos imigrantes, que carregam no trânsito tanto os motivos de expulsão quanto os métodos e as estratégias de trânsito para conduzirem as suas mobilidades, e (ii) dos Estados, que possuem uma diretriz política em como agir perante as migrações não autorizadas.

Para ilustrar esses dois fatores, nas próximas seções serão apresentadas três fases⁴⁸ da migração centro-americana a partir de 1970 até 2017: os fluxos originários das consequências das guerras civis entre 1970 e 1990; os movimentos laborais dos anos 2000; e a crise dos menores desacompanhados em 2014. Ao longo desta explanação, propõe-se uma aproximação de como, ao executar as práticas migratórias, os imigrantes articularam os dois métodos: o corpo coletivo e visível e corpo o individual e invisível.

3.1 Cuidado com os “*feet people*”: o início do êxodo

Para a literatura latino-americana, a migração da América Central, de modo massivo e contínuo, teve início nos anos 70, em face da conjuntura política vivenciada pela região com as ditaduras militares em El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua⁴⁹ (Durand, 2022).

⁴⁸ É válido pontuar que as práticas migratórias não são excludentes entre si. Em outras palavras, por exemplo, no momento em que há a maior incidência da migração laboral masculina, havia a ocorrência, concomitante, de uma migração familiar com crianças desacompanhadas e mulheres transitando até os Estados Unidos. Todavia, por aspectos metodológicos e seguindo a divisão da literatura sobre a temática (Pederzini *et al.*, 2015, p. 6-7), o êxodo centro-americano, entre 1970 e 2017, foi dividido nessas fases com as suas respectivas práticas.

⁴⁹ Apesar da Nicarágua não estar localizada no Triângulo Norte, e, com isso, não ser contemplada nas discussões desta dissertação, os deslocados nicaraguenses tiveram papel crucial nesse momento da migração centro-americana. Logo, serão abordados na presente seção.

Contudo, o arcabouço teórico, referente a esses primeiros anos de trânsito migrante e direcionados à compreensão de como os centro-americanos se locomoviam pelo México, é escasso. Os estudos são voltados, em especial, a uma reflexão de como os Estados Unidos respondiam, principalmente, em matéria jurídica a esse novo deslocamento forçado (Menjívar; Abrego, 2012). Indo, então, de encontro com as formulações desse arcabouço, a presente seção será construída numa sequência temporal das políticas migratórias estadunidenses instrumentalizadas ora para conter ora regularizar a migração centro-americana entre os anos de 1970 e 1990.

Diante de um cenário de insegurança política ocasionado, relativamente, pelo quadro da Guerra Fria, esse fluxo inicial, demarcado entre os anos 70 e início dos anos 80, teve um caráter de exílio (Pastor, 2011). Essa especificidade é em razão dos países centro-americanos estarem vivenciando processos ditatoriais com intensa repressão política contra os opositores aos governos (Durand, 2022). Sob esse contexto, a década de 80 se iniciou com um agravamento na violência armada causadas pelas guerras civis na Nicarágua, em El Salvador e na Guatemala, o que gerou um aumento expressivo no número de deslocamento forçado⁵⁰ na região,

During the 1970s, legal immigration from the Northern Triangle averaged just 5,000 entries per year. During the 1980s the figure rose to more than 13,000 per year and reached 18,000 in the 1990s. In 1980, on the eve of the US intervention, the number of undocumented Salvadorans and Guatemalans living in the United States was estimated at just 38,000 and 30,000, respectively, with the number of Hondurans being too small to estimate. (Solana; Massey, 2022, p. 150).

O principal destino desse trânsito migrante foram os Estados Unidos, que estavam habituados a um perfil migratório laboral, no que tange à conjuntura regional, especialmente, de mexicanos (Durand, 2016). À vista dessa mudança, o ponto crucial para entender o início da construção dessa paisagem migratória centro-americana em território estadunidense é elucidar como o panorama da Guerra Fria impactou na recepção desses imigrantes.

A região da América Latina como um todo, sobretudo entre os anos 60 e 80, exerceu um papel fundamental na disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética (Gorman, 2017). Especificamente em relação à América Central, o que se viu foi um apoio dos Estados Unidos

⁵⁰ Diante desses elevados fluxos de deslocamento forçado originários das guerras civis na América Central, os países da América Latina articularam um documento que ampliou a definição de refugiado estabelecida pela Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951. Adotada em 1984, a Declaração de Cartagena sobre Refugiados, em resumo, reconheceu que as pessoas forçadas a deixar seus países devido à generalizadas violações de direitos humanos, em qualquer circunstância que abalem a ordem pública, são consideradas refugiadas. Foi afirmado também a obrigação dos Estados de oferecer assistência humanitária e integração na sociedade local aos refugiados (Paiva; Gonçalves, 2022).

às ditaduras em El Salvador e na Guatemala, enquanto a União Soviética apoiou os processos antidemocráticos na Nicarágua (Jonas, 1982). No que diz respeito à questão da migração forçada, essa bipolarização nas cooperações com as ditaduras centro-americanas impactou diretamente no modo como os Estados Unidos instrumentalizaram a concessão do refúgio, já que essa proteção humanitária, durante os anos da Guerra Fria, era tida como uma ferramenta geopolítica ao governo (Countin, 2011).

Elucidando tal conduta, antes de 1980, os critérios da disputa capitalismo *versus* socialismo direcionaram o sistema de proteção humanitária estadunidense. Para os Estados Unidos, qualquer nacional, que fugisse de um país socialista ou do Oriente Médio, era considerado um refugiado. Isto é, ser residente em um território socialista ou apoiador da União Soviética - e não a definição legal de sofrer violação de direitos humanos -, era o principal fundamento para determinar a elegibilidade do refugiado perante a legislação estadunidense. As condutas do acolhimento humanitário e da política externa foram, portanto, estreitamente alinhadas, pois o governo entendia que, ao conceder proteção para esses nacionais, reforçava a sua afirmação de que os governos socialistas eram opressores e violentos (Chimni, 1998).

Por efeito desse entendimento jurídico, os nicaraguenses foram amplamente aceitos e acolhidos pelo governo estadunidense, enquanto os salvadorenses e guatemaltecos foram recusados,

Characterizing the Salvadorans and Guatemalans as “economic migrants”, the Reagan administration denied that the Salvadoran and Guatemalan governments had violated human rights. As a result, approval rates for Salvadoran and Guatemalan asylum cases were under three percent in 1984. (Gzesh, 2006).

Em função disso, com os Estados Unidos apoiando os governos da Guatemala e de El Salvador durante os conflitos civis (Bauer, 2020), conceder o *status* de refúgio aos nacionais desses países seria uma prova de que financiavam autoridades violadoras de direitos humanos (Wasem, 2020). Portanto, a migração não planejada e não solicitada dos países centro-americanos, que estavam sob a zona de influência estadunidense, foi particularmente preocupante para o governo (Gorman, 2017).

Esse contrapasso à gestão dos Estados Unidos se evidenciou em 1983, momento em que o presidente republicano em exercício, Ronald Reagan (1981-1989), explanou sua preocupação em relação a esse fluxo massivo centro-americano, o denominando de *feet people*⁵¹ para evidenciar a proximidade geográfica e a possibilidade de um trânsito andado,

For instance, in 1983 President Ronald Reagan warned of an impending “tidal wave of refugees” from Central America who would “swarm into our country” (Reagan, 1983). Reagan referred to these refugees as “feet people” to highlight their

⁵¹ Pessoas de pé.

geographic proximity and ability to cross the country's borders. [...] Reagan stressed that feet people simply had to cross the Rio Grande and could thus come in large numbers. (Gorman, 2017, p. 1-2).

É válido ressaltar dois comportamentos nesse período: a adoção da prática da migração familiar e a postura dos Estados Unidos. Nessa época, há o início da formação do deslocamento centro-americano percorrido, principalmente, a pé, a partir de uma autonomia dos centro-americanos de buscarem meios de transitarem da América Central até a Norte. Nota-se, então, o início do processo de mapeamento das principais rotas de trânsito do corredor migratório mesoamericano, através de uma caminhada prolongada (Menjívar; Abrego, 2012).

No que se refere às condutas estadunidenses, formou-se uma percepção hostil contra os imigrantes centro-americanos, que domina, em certa medida, as respostas dos Estados Unidos a esse fluxo até os dias atuais. Para os teóricos, Reagan é visto como o primeiro presidente a trazer abertamente esse discurso contrário à migração centro-americana. Além de que, é nesse momento, em que se vê os primórdios da noção de “crise migratória” como justificativa das condutas do governo estadunidense. Como consequência, foi-se instrumentalizado o sistema migratório vigente na época, que invalidou os pedidos de asilo dos salvadorenhos e guatemaltecos, pois era defendido a visão desses como imigrantes, unicamente, laborais (Solana; Massey, 2022).

Aqueles que conseguiam ingressar nos Estados Unidos eram detidos em centros de detenções, onde não tinham acesso a advogados e não eram informados sobre os seus direitos, (Chimni, 1998), dando início, assim, a uma política, que visava exauri-los,

The Justice Department and INS actively discouraged Salvadorans and Guatemalans from applying for political asylum. Salvadorans and Guatemalans arrested near the Mexico-U.S. border were herded into crowded detention centers and pressured to agree to "voluntarily return" to their countries of origin. Thousands were deported without ever having the opportunity to receive legal advice or be informed of the possibility of applying for refugee status. (Gzesh, 2006).

Em frente a esse aumento do deslocamento forçado centro-americano e, em paralelo, um sistema jurídico estadunidense que não os protegia, a sociedade civil e a opinião pública⁵² exerceram pressão sobre o governo. Como resposta a esse constrangimento, em 1980, foi promulgada a *Refugee Act of 1980*⁵³, que traz às diretrizes da Convenção das Nações Unidas de 1951 e do seu Protocolo Adicional de 1967 à legislação migratória estadunidense. Por meio

⁵² Além da questão do deslocamento centro-americano, a ligação que os Estados Unidos tiveram com a Guerra do Vietnã (1963–1975) provocou uma alta quantidade de vietnamitas solicitando refúgio no país. Com isso, a pressão exercida pela sociedade civil e opinião pública foi embasada nesses dois episódios para que o governo estadunidense consolidasse uma lei nacional, que pudesse fornecer a devida proteção a todos deslocados forçados independentemente de suas nacionalidades (Gorman, 2017).

⁵³ Lei dos Refugiados de 1980.

desse mecanismo, a proteção humanitária é concebida a partir de três mecanismos: asilo, reassentamento e reunificação familiar⁵⁴ (Wasem, 2020). Apesar de simbolizar um avanço, o que se viu na prática foi a continuação da negação do tratamento igualitário⁵⁵ para os centro-americanos,

Given the United States' deep connections to and interests in the Central American region—along with its long history of interventions—it would have been antithetical to U.S. foreign policy to formally recognize the plight of these de facto refugees and extend them de jure recognition. After all, Central Americans were fleeing state violence at the hands of governments that the United States was supporting with military aid, equipment, and training throughout the 1980s.[...] Thus, although the United States is a signatory to the 1951 Refugee Convention and should have extended refugee rights to these Central Americans, its goal was to contain them and discourage them from coming to the United States by treating them as undocumented immigrants (and thus at risk for deportation). (Abrego; Menjívar, 2022).

Tendo a migração se estabelecendo como um componente permanente da realidade do país, na segunda metade da década de 80, o governo estadunidense promulgou uma reforma migratória, a *Immigration Reform and Control Act of 1986*⁵⁶ (IRCA), que tinha como principais objetivos proporcionar um caminho à regularização de uma parcela dos imigrantes indocumentados e controlar e impedir a migração entendida como “ilegal”. Essa lei teve, assim, um grande impacto na situação dos imigrantes centro-americanos, pois atingia tanto aqueles que já moravam nos Estados Unidos, quanto os que pretendiam emigrar (Jonas; Rodríguez, 2014).

Primeiramente, essa lei instaurou um programa de anistia, ao conceder o *status* legal aos imigrantes residentes nos Estados Unidos desde 1º de janeiro de 1982 e que atendessem a uma

⁵⁴ O asilo é concedido às pessoas que se enquadram nos requisitos da categoria de refugiado, sendo que essas podem já estarem nos Estados Unidos ou solicitar tal proteção dos portos de entrada nas zonas fronteiriças. Já no reassentamento, os deslocados, que desejarem obter o refúgio nos Estados Unidos, abrem a solicitação num país de trânsito junto ao ACNUR, que irá realizar uma triagem inicial para determinar se o indivíduo se qualifica como tal sob as normas internacionais. Em caso positivo, o governo estadunidense inicia o processo de transporte e integração da pessoa ao país, que se torna refugiada perante a sua legislação. Por fim, a reunificação familiar é um mecanismo, pelo qual uma pessoa asilada ou refugiada “estende” a sua proteção humanitária a familiares, de acordo com os critérios definidos, permitindo, assim, que estes migrem aos Estados Unidos de modo autorizado (American Immigration Council, 2022).

⁵⁵ Essa negação de um tratamento igualitário e falta de acolhimento por parte do governo estadunidense, gerou uma rede informal de ajuda aos salvadorenhos e guatemaltecos na década de 1980, formada por, principalmente, entidades religiosas. Um processo crucial na luta por um sistema de asilo justo movido por essa rede foi o *American Baptist Church vs. Thornburg*, também conhecido como “O Caso ABC”, em 1985. Sucintamente, essa ação coletiva argumentou que o governo dos Estados Unidos foi discriminatório na aplicação da Lei de Refugiados dos Estados Unidos de 1980, ao não considerar os salvadorenhos e guatemaltecos como refugiados, mesmo que esses tenham alegado terem sofrido violações de direitos humanos. A resolução se deu fora dos tribunais pelo governo do presidente Bush em 1992, com a concordância em conceder novas audiências de asilo para aqueles que os pedidos foram negados e permitir que novas solicitações fossem abertas. A maioria dos requerentes de asilo, no entanto, foi redirecionada para recursos legais alternativos, como o *TPS*, que será discutido a seguir. Esse caso representou o primeiro reconhecimento de que, de fato, o governo dos Estados Unidos havia discriminado propositalmente os refugiados políticos centro-americanos com base em considerações de política externa (Campos-Medina, 2019).

⁵⁶ Lei de Reforma e Controle de Imigração de 1986.

série de requisitos. As exigências eram comprovar residência contínua a partir da data estipulada; demonstrar conhecimentos básicos na língua inglesa e na educação cívica estadunidense; submeter-se a uma verificação dos antecedentes legais; e pagar uma multa. Apesar de serem critérios vistos como rigorosos, dezenas de guatemaltecos e salvadoreños, que estavam indocumentados, obtiveram a residência (Jonas; Rodríguez, 2014). Com isso, a autora Bauer aponta que “[...] para la década de 1990 ya era posible encontrar núcleos de centroamericanos en diferentes estados de los EE. UU., especialmente en el estado de California [...]” (2020, p. 35). Isso foi crucial, nos anos posteriores, para o estabelecimento das redes migratórias⁵⁷ centro-americanas, tanto para o conhecimento dos caminhos a percorrer e as estratégias a adotar quanto para os processos de reunificação familiar.

Em relação ao propósito de impedir a migração não autorizada, essa lei seguiu dois caminhos. Em primeiro lugar, estabeleceu sanções aos empregadores, que contratassem imigrantes indocumentados, o que implicou num obstáculo aos centro-americanos, que não conseguiram se regularizar. No tange às zonas fronteiriças, essa reforma trouxe a política de segurança nacional baseada na “Guerra às drogas”⁵⁸, que, além de reforçar o controle e fiscalização dessas espacialidades, iniciou a percepção da figura do imigrante como criminoso, ao associá-lo com o narcotráfico, que se tornou o novo inimigo da nação estadunidense, após o fim da Guerra Fria (Menjívar; Abrego, 2012).

As políticas migratórias estadunidenses tiveram uma nova discussão a partir dos anos 1990. Ainda que a guerra civil em El Salvador tenha sido encerrada em 1992, as consequências provocaram uma conjuntura de extrema vulnerabilidade no país. Isso desencadeou, em certa medida, um debate público, tanto na esfera nacional quanto internacional, sobre o papel dos Estados Unidos no conflito. Em razão dessa pressão da sociedade civil, o governo estadunidense se viu forçado a reconsiderar a negação de asilo aos salvadoreños, que não foram regularizados pelo IRCA (Menjívar; Abrego, 2012).

Todavia, ao invés de conceder o asilo ou o *green card*, que é o visto permanente, a esses nacionais, a resposta dos Estados Unidos foi de promulgar uma espécie de “temporalidade

⁵⁷ Em resumo, as redes migratórias podem ser vistas como articulações, que facilitam a migração e a inserção dos imigrantes na sociedade de destino. A título de ilustração, têm-se a transmissão de quais rotas percorrer no país de trânsito e o fornecimento de oportunidade de emprego ou hospedagem ao imigrante recém-chegado no país destino (Soares, 2017, p. 613).

⁵⁸ Sendo uma das *National Security Decision Directive* (Diretiva de Decisão de Segurança Nacional), a “Guerra às drogas” tinha como o pressuposto combater o narcotráfico, através de ações executadas nos países produtores de cocaína. Além disso, ao associar o narcotráfico com a agenda de segurança nacional, o governo obteve a justificativa para envolver o exército na fiscalização das zonas fronteiriças, em vista de proteger a nação do novo inimigo: as drogas (Rodrigues, 2012).

imutável” no âmbito do programa de proteção denominado *Temporary Protected Status*⁵⁹ (TPS). Essa conduta foi vista como medida suavizadora do governo estadunidense que, simultaneamente, reconhecia a permanência e negava definitivamente o asilo a esse grupo. Em razão de que, como o próprio nome indica, o TPS não é uma concessão de residência permanente nos Estados Unidos. Em vez disso, os beneficiários recebem proteção provisória contra deportação e permissão para trabalhar legalmente por um período limitado (Bergeron, 2018).

Como governo estadunidense pode cancelar ou suspender a designação do TPS, no momento em que julgar que o país se recuperou do evento⁶⁰ desencadeador do deslocamento forçado, criou-se, então, um sentimento de temporalidade aos centro-americanos, pois viviam com um constante medo de serem deportados, caso o visto não fosse renovado. Não há, portanto, o estabelecimento de uma sensação de pertencimento, gerando um impacto tanto emocional quanto econômico (Campos-Medina, 2019), além de uma exaustão por estarem num constante limbo existencial⁶¹.

Enquanto para a Guatemala e El Salvador os impulsionadores migratórios foram as guerras civis, o início do deslocamento massivo hondurenho foi ocasionado pelas consequências do furacão Mitch em 1998, o que reforça a heterogeneidade dos fatores de expulsão da região. Estima-se que o número total de imigrantes hondurenhos nos Estados Unidos mais que dobrou entre a década de 90, indo de 109 mil para 283 mil hondurenhos nos anos 2000 (Reichmann, 2013). Na época, os critérios à designação do TPS foram ampliados para cobrir deslocados ambientes e, com isso, os hondurenhos receberam também essa proteção temporária (Campos-Medina, 2019).

As últimas expressivas condutas estadunidenses, que impactaram nos fluxos centro-americanos no século XX, ocorreram no governo de Bill Clinton (1993-2001). Em 1994, foi instaurado a *Operation Gatekeeper*, que visava deter a migração não autorizada nas zonas fronteiriças com o México. Para tal, Clinton dobrou o número de agentes da *Border Patrol*⁶², agência de policiamento fronteira estadunidense, e ordenou a construção de um muro de

⁵⁹ Estatuto de Proteção Temporária.

⁶⁰ As razões pelas quais os Estados Unidos podem conceder o TPS a um país são: conflito armado (como uma guerra civil), desastre ambiental (como um terremoto, furacão ou epidemia) ou condições extraordinárias e temporárias, que impedem que seus nacionais retornem em segurança para suas casas. Em novembro de 2022, quinze países possuíam a designação do TPS: Afeganistão, Birmânia, Camarões, El Salvador, Etiópia, Haiti, Honduras, Nepal, Nicarágua, Somália, Sudão do Sul, Sudão, Síria, Ucrânia, Venezuela e Iêmen (American Immigration Council, 2022).

⁶¹ Para uma discussão mais aprofundada de como ocorreu o processo de instauração dessa proteção, bem como os efeitos sobre vivências dos centro-americanos nos Estados Unidos, ver Campos-Medina, 2019.

⁶² Patrulha de Fronteira.

segurança entre o território estadunidense e o mexicano, especificamente na região de San Diego, Califórnia, que faz fronteira com Tijuana, Baja California (Kerwin, 2020). A intensificação da militarização forçou os imigrantes a seguirem trajetos alternativos pelo deserto, onde eram expostos “[...] where they found themselves exposed to the elements, such as extreme heat or cold, dangerous rivers, attacks by wild animals, or physical collapse caused by hunger, thirst, or exhaustion [...]” (Schindel, 2022, p. 431).

Já em 1996, Clinton sancionou uma nova lei migratória, a *Immigration Reform and Responsibility Act of 1996*⁶³ (IIRIRA). No que se refere à migração centro-americana, pode-se elencar três disposições, que impactaram na vida daqueles que já estavam nos Estados Unidos e na conjuntura da fronteira com o México. O primeiro mecanismo foi implementação da norma de remoção acelerada, que permite a deportação imediata dos indivíduos, cujos as autoridades fronteiriças julguem inadmissíveis ao território estadunidense, sem permitir que esses apresentem os seus casos a um juiz de imigração⁶⁴. O IIRIRA também acrescentou motivos, pelos quais um imigrante pode ser deportado e determinou regras mais rígidas àqueles condenados por delitos criminais. Por fim, fortaleceu a fiscalização das fronteiras com a contratação de mais agentes da *Border Patrol* e a expansão dos centros de detenção e das cercas elétricas, que separavam os Estados Unidos do México. Observa-se, portanto, que a gestão migratória estadunidense foi se construindo baseada em evitar a migração regional por terra e exaustar aqueles, que conseguiam entrar em seu território (Kerwin, 2018).

Em paralelo, no Triângulo Norte, os últimos anos da década de 90 foi um período de reconstrução econômica com a inserção profunda na doutrina do neoliberalismo estadunidense, em vista de reerguer os países assolados pelos anos de guerras civis e desastres naturais (Durand, 2022). No quesito migratório, a combinação da escassez de empregos nessa região e o aumento do policiamento fez com que o perfil migratório se tornasse, majoritariamente, masculino em busca de emprego,

Con los acuerdos de paz en la región, renacen las esperanzas y expectativas de crecimiento económico, lo que coincide con el consenso de Washington (1989) y es cuando los países de la región se insertan de manera decidida en el cambio de modelo económico. Incluso, El Salvador asume el modelo neoliberal hasta el extremo de dolarizar su economía. En esta década se incrementaron de manera notable los

⁶³ Lei de Reforma e Responsabilidade Imigratória de 1996.

⁶⁴ Os movimentos pró-imigrantes se uniram em oposição às consequências dessa reforma e, em 1997, o Congresso estadunidense promulgou a *Nicaraguan Adjustment and Central American Relief Act* (NACARA). Embora no acordo original tenha sido determinado tratamento igual para todos os cidadãos centro-americanos, a legislação final, novamente, favoreceu mais os nicaraguenses do que salvadorenhos e guatemaltecos. Enquanto os requerentes da Nicarágua, fugidos de um regime comunista, receberam um caminho imediato à residência permanente, os guatemaltecos e salvadorenhos tiveram que solicitar mais uma vez asilo sem garantia de uma revisão bem-sucedida de suas reivindicações. No final, apenas alguns salvadorenhos e guatemaltecos foram asilados e a maioria dos casos foram recusados (Bergeron, 2018).

migrantes económicos que se dirigen a Estados Unidos y transitan por México (Leongómez, 1998). En las décadas finales del siglo XX se consolida el proceso migratorio salvadoreño y guatemalteco que se caracterizó por su magnitud, unidireccionalidad, migración económica-laboral y un alto componente de irregularidade. (Durand, 2022).

Há, portanto, a primeira mudança no perfil migratório centro-americano, movida por um deslocamento forçado familiar para uma migração laboral masculina. Dado esse contexto, os autores Castillo, Toussaint e Vázquez (2008) apontando que, no final da década de 1900, já era possível apontar que a migração da América Central aos Estados Unidos como “a significant social fact”, em que devido à dificuldade de obtenção de vistos, configurou-se como um “[...] the flow becoming mostly undocumented and also by land [...]” (Castillo *et al.*, 2008, p. 250), o que foi reforçado nos anos 2000.

3.2 O *La Bestia* e o modo invisível de migrar

Os anos 2000 começaram com uma enunciada emergência mundial, após os atentados terroristas do 11 de setembro de 2001. No que tange aos deslocamentos populacionais, os Estados Unidos se projetaram como o interlocutor do pensamento de “criminalização das migrações”⁶⁵, ao trazer a figura do imigrante como criminoso e ameaça ao Estado. O que se viu, portanto, foi uma somatória no perfil estigmatizado do imigrante, que antes era visto somente como o “traficante ilegal hispânico” e, diante dessa nova conjuntura, foi enxergado também como o “terrorista muçulmano” (Lepore, 2020).

No enquadramento do corredor migratório América Central – México – Estados Unidos, esse discurso foi instrumentalizado numa racionalidade de intensa fiscalização e militarização nas zonas fronteiriças (Sarmiento, 2021). Sob gestão de George W. Bush (2001-2009), essa lógica se deu por meio, principalmente, de duas leis federais.

A primeira foi a *USA Patriotic Act*⁶⁶, assinada em outubro de 2001. Apesar do seu escopo central ser a reorganização da política externa estadunidense baseada na “Guerra ao Terror”⁶⁷, alguns artigos se destinaram à pauta migratória, em virtude de trazerem a proteção das fronteiras como um dos elementos cruciais na prevenção do terrorismo. Além disso, foi concedido ao Procurador-Geral da União o poder decisório sobre a quantidade de tempo que

⁶⁵ Segundo Guilherme Mansur Dias e Marcia Anita Sprandel “A criminalização das migrações é um processo por meio do qual instrumentos legais e discursivos são mobilizados no sentido de interpretar a mobilidade humana a partir de códigos e leis do sistema de justiça criminal. Esse processo enseja a descriminalização de migrantes, refugiados e outros grupos tornados estigmatizados em seus deslocamentos e estratégias de mobilidade à prática de Estados-nacionais, por meio de estruturas de repressão e controle.” (2017, p. 153).

⁶⁶ Lei Patriota dos Estados Unidos.

⁶⁷ “Guerra ao Terror” foi uma campanha militar arquitetada pelos Estados Unidos, ao reivindicar um plano global para o combate ao terrorismo, após os ataques de 11 de setembro (Souza, 2014).

um estrangeiro, se fosse considerado uma ameaça à segurança nacional, poderia ser mantido preso, o que reforça a associação do imigrante como criminoso (Chevigny, 2004).

Já a segunda lei foi *Secure Fence Act*⁶⁸ implementada em 2006 para autorizar a construção de 1.125 quilômetros de barreiras entre os Estados Unidos e o México. Como justificativa de tal ação, Bush explicitou, no ato da assinatura, que a medida ajudaria na proteção do povo da América e tornaria as fronteiras mais seguras frente às ameaças externas (Gilman, 2008).

É importante pontuar essas medidas para contextualizar como era o cenário em que os imigrantes em trânsito estavam inseridos. Diante, portanto, desse enquadramento das zonas fronteiriças e do TNAC, que vivia numa inserção ao neoliberalismo estadunidense, entre os anos 2000 e 2013, o perfil migratório centro-americano era, majoritariamente, masculino com propósitos laborais - isto é, o homem migrava com a intenção de trabalhar e enviar remessas à sua família residente em seu país de origem (Durand, 2022).

A partir da prática migratória laboral, o método adotado foi o da individualidade e invisibilidade para empreender uma passagem não autorizada aos Estados Unidos. Uma das principais estratégias articuladas pelos centro-americanos foi a utilização do trem de carga apelidado por “*La Bestia*” para transitarem pelo território mexicano rumo à fronteira norte e, com isso, manter a sua mobilidade (Villegas, 2014).

O *La Bestia* é um extenso trem utilizado para transportar produtos a serem comercializados nos Estados Unidos e que percorre uma malha ferroviária por todo o território mexicano. Empregando-se desse transporte de maneira não autorizada, os imigrantes obtinham uma “carona barata” até a fronteira com os Estados Unidos (Mendoza, 2013), já que eram impossibilitados de utilizar as vias de transportes tradicionais, como, por exemplo, automóveis e ônibus (Villegas, 2014).

⁶⁸ Lei da Cerca Segura.

Mapa 3 – Malha ferroviária do trem de carga *La Bestia*



Fonte: Villegas (2014)

Além de reduzirem os custos da viagem, ao usar o *La Bestia*, os imigrantes evitavam os postos de controle de migração, visto que conseguiam se ocultar nesse transporte (Pombo; Montes, 2020, p. 11). Logo, o método do corpo individual e invisível direcionou essa prática de migração laboral, pois, por mais que viajassem, em alguns casos, acompanhados de outros imigrantes, as decisões eram tomadas individualmente. A título de ilustração de como essa prática se consolidou por meio de um corpo individual, pode-se trazer a experiência do autor Sergio Prieto Díaz (2017), que ao realizar um exercício de cartografia crítica⁶⁹ com alguns imigrantes em trânsito, identificou que

En el mapeo colectivo de los varones, la dificultad mayor fue la falta de una apropiación o experiencia conjunta del territorio. Eminentemente práctico y vivencial, se enfatizan lugares de interés, que sin embargo han sido vividos de forma distinta por cada quien [...] (Díaz, 2017, p. 182).

⁶⁹ De modo sucinto, cartografia crítica é uma metodologia utilizada para fazer análises na agenda de pesquisa das migrações, em que o imigrante, como agente ativo, desenha os mapas e as percepções cartográficas de seu trânsito (Basualdo *et al.*, 2019). Tem-se interesse em desenvolver estudos futuros sobre a migração centro-americana instrumentalizando essa ferramenta metodológica.

Mapa 4 – Cartografia crítica desenhada por imigrantes centro-americanos



Fonte: Díaz (2017, p. 182)⁷⁰

Esse mapeamento demonstra tanto como os homens migravam individualmente quanto como as suas experiências pelo México estavam atreladas às constantes ameaças de fiscalização e de perseguição de policiais fronteiriços, como observado no desenho, que segue uma linha reta para simbolizar a malha ferroviária do *La Bestia*.

Outro ponto crucial dessa fase da migração centro-americana é que o México se consolidou e passou a ser visto pela literatura como um país de trânsito (Cornelius, 2018). Isso se deu, principalmente, como consequência do estabelecimento de uma indústria da migração nesse país, que atua nas micro e macroestruturas do regime de fronteira (Vargas; Lara, 2017). É válido compreender, de modo não exaustivo, tanto a conceituação quanto a atuação empírica dessa indústria, em razão de terem impactado, diretamente, na mobilidade migratória dos centro-americanos nesse período.

Para Ninna Nyberg Sørensen (2017, p. 405-6), a indústria da migração é formada por dois grandes grupos: a indústria formal e a informal. A primeira se refere tanto às, por exemplo, organizações não governamentais, que fornecem apoio humanitário e jurídico aos imigrantes em trânsito, quanto às empresas privadas, que trabalham em parceria com os Estados no controle migratório. A indústria informal também é constituída por dois subgrupos, em que um

⁷⁰ Apesar da qualidade da figura não estar nítida no artigo original, optou-se por inseri-la nessa seção para tanto elucidar empiricamente o método de trânsito, que estava sendo empregado pelos imigrantes, quanto para convergir com os interesses futuros de pesquisa como salientado.

são os coiotes/contrabandistas, que atuam no atravessamento não autorizado dos imigrantes, enquanto o segundo é também de criminosos, mas que sequestram as pessoas em trânsitos para traficá-las ou extorquir a família por resgate.

Nessa visualidade da prática migratória laboral de homens centro-americanos, que instrumentalizaram o método do corpo individual e invisível, esses quatro subgrupos podem ser vistos como componentes cruciais. Em primeiro lugar, diante dessa mobilidade contínua, as cidades fronteiriças do norte do México ganharam relevância, bem como as organizações não governamentais. Para esses imigrantes laborais, era a última etapa no processo de passagem até os Estados Unidos por rotas não autorizadas. Já para aqueles, que já haviam percorrido esses caminhos, contudo foram deportados pelas autoridades estadunidenses, eram locais de espera para novas tentativas de travessia (Vargas; Lara, 2017). Logo, tornaram-se espaços de uma imobilidade, em certa medida, calculada pelos imigrantes para execução dos propósitos dos seus projetos migratórios.

Como a estadia era passageira desses grupos, isto é, era uma imobilidade temporária, os albergues⁷¹ foram a principal opção de hospedagem. Não somente como dormitórios, mas como ambientes onde era fornecido ajuda básica diária, como, por exemplo, comida, roupas, itens de higiene, remédios e cuidados médicos, além de aconselhamento jurídico sobre os procedimentos migratórios (Angulo-Pasel, 2022). Por consequência desse influxo, a maioria desses espaços, denominados de *Casa Del Migrante*, estão localizados perto das rotas ferroviárias do *La Bestia* (Merlín-Escorza *et al.*, 2021). Além disso, como o perfil populacional, que se abrigava nos albergues era, predominantemente, masculino, grande parte aceitava somente homens ou possuíam dormitórios separados de acordo com o sexo.

Paralelamente, o aparato estatal de controle migratório, segundo subgrupo da indústria formal, também se intensificou em torno das regiões, em que estão localizados os abrigos, já que o governo mexicano buscou modos de conter essa prática migratória, “There emerged a constant collaboration between the military, police and INM agents, attracted to the railroad area and the surroundings of the shelter in order to identify and detain migrants.” (Merlín-Escorza *et al.*, 2021, p. 112).

Essas medidas estatais tiveram consequências adversas à paisagem migratória centro-americana (Agudo; Neira 2014). De um lado, os imigrantes necessitavam elaborar novas

⁷¹ A maioria desses albergues é coordenada por entidades religiosas, mas é nesse período, que as principais organizações não governamentais e atores intergovernamentais começam a atuar no apoio aos imigrantes no México, como, por exemplo, o Médicos Sem Fronteiras, o ACNUR, Cruz a Vermelha e a Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (Merlín-Escorza *et al.*, 2021, p. 112).

estratégias para manterem a sua mobilidade como, por exemplo, a contratação de coiotes, que são os atravessadores responsáveis por guiar esse trânsito por percursos tidos como seguros pelo México, mas que cobravam valores exorbitantes e podiam expor os imigrantes ao tráfico humano (Villegas, 2014).

Do outro, se optassem por uma travessia autônoma, os imigrantes eram forçados a buscarem rotas alternativas, logo mais perigosas. Nesses percursos, são os cartéis e as gangues mexicanas que detém o domínio,

Beyond the very real danger of falling, migrants are vulnerable to the gangs and organized-crime groups that control the routes. At each stage of the journey, migrants are subject to extortion, theft, rape, and even murder if they fail to pay “protection” and other fees established by these groups. Gang members have been known to push migrants off moving trains if they are unable to pay. (Villegas, 2014).

Esse enquadramento de risco⁷² se tornou irrefutável com o assassinato de 72 imigrantes em travessia pelo México, em agosto de 2010, no estado de Tamaulipas, localizado no norte do país. Os teóricos entendem que o “massacre de Tamaulipas”, como ficou conhecido esse episódio, foi uma consequência direta do intenso processo de fiscalização do governo mexicano, financiado pelos Estados Unidos, que forçou os imigrantes a caminharem por rotas adversas, que, na maioria dos casos, são comandadas por cartéis (Iturralde; Piñeiro, 2021, p. 4).

A gravidade e a repercussão perante as organizações da sociedade civil e a mídia, que esse episódio recebeu, exerceram uma pressão sob o governo mexicano e resultaram na elaboração e promulgação da *Ley de Migración*⁷³, em 2011 (Iturralde; Piñeiro, 2021, p. 4). Os artigos⁷⁴ dessa lei são baseados num discurso de direitos humanos e da proteção de pessoas em trânsito autorizado ou não autorizado, além de determinar que nenhuma situação migratória indocumentada deveria ser considerada um crime. Portanto, teoricamente, a intenção mexicana era trazer um viés humanitário, ao lidar com a gestão migratória em seu território (Leutert, 2021).

Todavia, essa lei não elucidou dispositivos concretos, que pudessem fornecer caminhos à entrada, permanência ou trânsito dos imigrantes no México. O que se viu, na prática, foi a persistência da vulnerabilidade nas pessoas que migram, ao fomentar

[...] la puesta en marcha de claros dispositivos de control y de verificación migratoria a lo largo y ancho del país ha dejado en evidencia que la lógica gubernamental para la gestión de los flujos se centra en atender los principios de la securitización de la migración (Treviño, 2016): la detención y la deportación. (Lucero-Vargas; López, 2022 p. 11)

⁷² Para uma contribuição detalhada da literatura brasileira sobre a conjuntura violenta, que os imigrantes centro-americanos são inseridos no trânsito pelo México, ver Moreira (2021).

⁷³ Lei de Migração.

⁷⁴ Para uma discussão aprofundada tanto dos pontos completados quanto das ressalvas sobre essa lei, ver Garza, 2013.

Com o aumento da migração centro-americana nos anos posteriores e o modo como se viu na prática a execução dessa lei, a tentativa do governo de se ter uma abordagem pautada nos direitos humanos se esvaziou e novas medidas foram tomadas para que o Estado mexicano pudesse aumentar o policiamento em seu território e atender a pressão exercida pelos Estados Unidos para conter os centro-americanos (Bauer, 2020).

Como resultado dessa fase, pode-se dizer que duas lógicas se ressaltam nessa prática de migração laboral centro-americana. Primeiramente, percebeu-se que o governo estadunidense não produziu um discurso de crise migratória para tentar governar a mobilidade centro-americana. A exaustão foi exercida de modo sutil como, por exemplo e já citado, ao instalar postos de controle migratório perto dos abrigos. Já a segunda lógica vai de encontro com o modo como os imigrantes conseguiram se invisibilizar no México para, assim, condicionar a sua mobilidade contínua e imobilidade calculada.

Dessa forma, apesar do massacre de Tamaulipas e a implementação da *Ley de Migración*, a paisagem migratória no México continuou a ser pautada na manutenção da prática laboral, utilizando o método do corpo individual e invisível, em paralelo ao risco do deslocamento, devido às políticas de contenção dos Estados. Esse cenário fez com que, cada vez mais, o trânsito pelo México fosse, como denominado pelo autor William Waters, uma “[...] life-or-death experience” (2010, p. 270).

3.3 Emergência humanitária? A crise dos menores desacompanhados

Para entender como se deu o principal episódio da migração centro-americana antes da ocorrência das caravanas migratórias no século XXI, é relevante pontuar dois acontecimentos extrínsecos a questão migratória, mas que desencadeiam consequências diretas a essa paisagem migratória: a crise financeira global de 2008 e a eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos em 2009 (Massey, 2020).

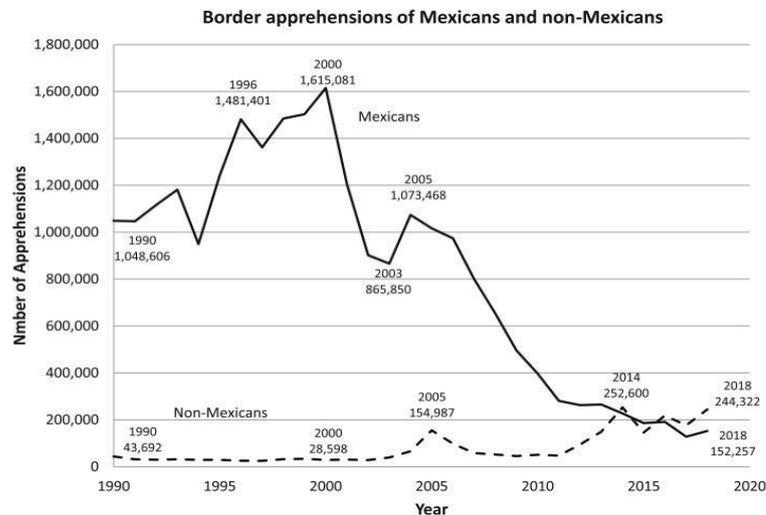
Diante do processo de interdependência do Sistema Internacional, a crise financeira global de 2008⁷⁵ impactou tanto na economia dos países do Triângulo Norte quanto na dos Estados Unidos. Em primeiro lugar, os investimentos das empresas estadunidenses nos países centro-americanos decaíram, o que gerou uma deterioração nas condições econômicas do TNAC que, como salientado anteriormente, dependem dos capitais externos para sua

⁷⁵ A crise financeira global de 2008 teve origem no setor imobiliário dos Estados Unidos e transbordou aos mercados financeiros em todo o mundo, com muitos países enfrentando recessão, aumento do desemprego e instabilidade financeira (Massey, 2020).

manutenção (Massey, 2020). Todavia, como a economia doméstica estadunidense também foi abalada por essa recessão e, com isso, a demanda por mão-de-obra decaiu, gerou-se um duplo movimento: uma parcela de imigrantes retornou aos seus países de origem e outra se viu desencorajada a migrar para os Estados Unidos (Hoefler *et al.*, 2009)

Com esse desencorajamento devido à queda nas vagas de empregos, os Estados Unidos se tornaram menos atrativos, especialmente, aos imigrantes laborais mexicanos. Conseqüentemente, após anos de intensa migração originária do México, pela primeira vez o número de imigrantes do país vizinho decaiu, começando a mudança no perfil dos imigrantes nessa paisagem migratória (Massey, 2020). Isto é, um aumento de centro-americanos, em especial, de mulheres e crianças.

Gráfico 1– Apreensões na fronteira estadunidense de mexicanos e não mexicanos



Fonte: Massey (2020, p. 16)

O segundo evento foi a eleição do democrata Barack Obama, que, com o seu perfil progressista e prol direitos humanos, durante a campanha presidencial prometeu uma reforma nas leis migratórias do país⁷⁶. Devido a essa esperança em se ter um sistema migratório “acolhedor”, formou-se um efeito- atração de imigrantes para os Estados Unidos, após anos de

⁷⁶ Por diversos entraves políticos, Obama não concretizou a sua promessa de reformar o sistema de imigração dos Estados Unidos, mas duas medidas de seu governo merecem destaque. Primeiramente, em junho de 2012, o instaurou a iniciativa denominada por *Deferred Action for Childhood Arrivals* (DACA), Ação Diferida para Chegadas na Infância, que oferece proteção contra deportação e autorização de trabalho para imigrantes indocumentados trazidos para os Estados Unidos, quando eram crianças. Até dezembro de 2022, aproximadamente, 55.300 jovens centro-americanos possuíam essa proteção, sendo 22.600 salvadorenses, 15.400 guatemaltecos e 14.100 hondurenos. A segunda medida foi a massiva política de deportação executada ao longo dos oito anos de sua gestão. Obama deportou, aproximadamente, 2.7 milhões de pessoas, um número recorde, que gerou o apelido de “*deporter in chief*” a ele (Chishti *et al.*, 2017).

governos republicanos e explicitamente contrários à migração não qualificada (Bauer, 2020, p. 37).

É válido trazer um terceiro elemento, que também foi crucial nesse contexto e se refere a uma modificação na legislação estadunidense. Aprovada em 2008 pelo governo Bush, a *Trafficking Victims Protection Reauthorization Act*⁷⁷ (TVPRA) traz como um dos seus principais pontos a proibição da deportação imediata de crianças desacompanhadas e originárias de países não fronteiriços com os Estados Unidos. Além disso, determinou que essas tivessem acesso a um advogado e que pudessem ser ouvidas perante um juiz de imigração, que decidirá seu futuro, havendo a possibilidade de ser encaminhada aos seus familiares, que já estivessem no país, ou deportada ao seu local de origem. A lei exigiu também que, enquanto aguardavam esse processo, as crianças deveriam ser detidas somente por até setenta e duas horas pelo *U.S. Department of Homeland Security*⁷⁸ (DHS) e, posteriormente, ser entregue ao *Department of Health and Human Service*⁷⁹ (HHS), responsável por tanto por exercer um acolhimento humanitário quanto assegurar o melhor interesse das crianças (Rosenblum, 2015). Com isso, gerou-se uma percepção de que “[...] esta realidade ha divulgado una forma fácil de entrar a los Estados Unidos.” (Seele, 2020, p. 3).

Diante desse cenário constituído por uma piora das condições dos países do Triângulo Norte e um ambiente político estadunidense visto como favorável à migração centro-americana (Sassen, 2016, p. 32), no verão no hemisfério norte do ano de 2014, há uma massiva migração andada de crianças e jovens desacompanhados⁸⁰ e de unidades familiares⁸¹ rumo aos Estados Unidos. Durante o ano fiscal de 2014, 68.500 crianças centro-americanas (Kandel; Seghetti, 2015) foram detidas na fronteira sul com o México, o que causou um colapso no sistema imigratório estadunidense, principalmente dos centros de detenção, já que “[...] por primera vez, la patrulla fronteriza de ese país aprehendió a más centroamericanos que mexicanos por cruzar la frontera sin visas [...]” (Romero; Rodríguez, 2016, p. 123).

⁷⁷ Lei de Reautorização de Proteção às Vítimas de Tráfico.

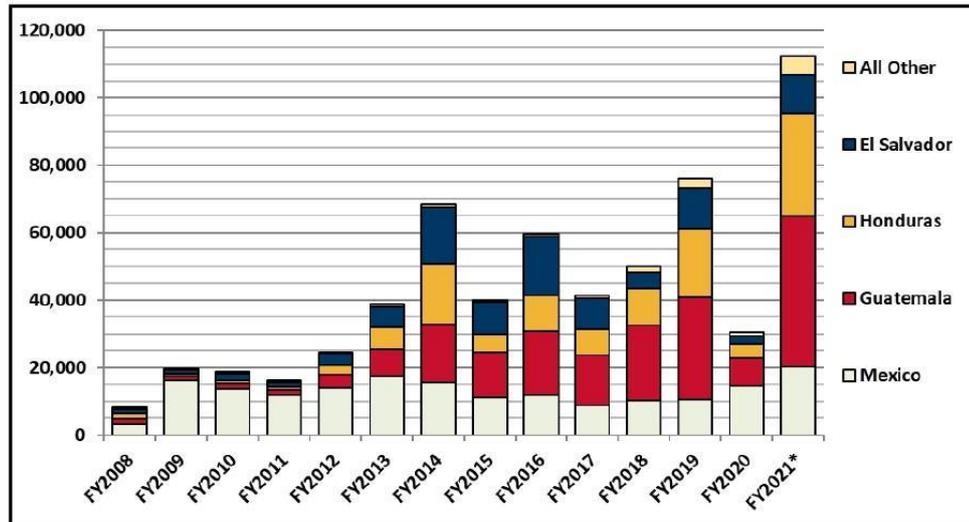
⁷⁸ Departamento de Segurança Interna.

⁷⁹ Departamento de Saúde e Serviços Humanos.

⁸⁰ Para contribuições brasileiras mais aprofundadas sobre a migração infantil centro-americana, ver Colares, 2019 e Martuscelli, 2017.

⁸¹ Unidade familiar se refere a uma criança ou jovem na companhia de um único parente, na maioria das vezes é da mãe (Olson, 2016, p. 3).

Gráfico 2 – Apreensões na fronteira estadunidense de menores desacompanhados



Fonte: Congressional Research Service (2021, p. 3)

As adversidades sofridas por essas crianças e jovens os atingiam tanto nas rotas migratórias mexicanas quanto em seus países. A organização não governamental, *Save The Children*, relatou que diversos deles “[...] have experienced severe trauma and have been subjected to horrific exploitation en route to the border.” (Save The Children, 2020), no caminho pelo México. Já no Triângulo Norte, eram expostos a um contexto de extrema violência,

As meninas também estão se tornando alvos das gangues tanto por razões sexuais, mas também para serem membros efetivos dos grupos. Soma-se a isso o fato de que as gangues estão recrutando crianças cada vez mais jovens (até mesmo de 7 anos), principalmente em escolas e no caminho entre suas casas e suas unidades educacionais. Por fim, a ausência dos pais (muitas vezes por já terem migrado) torna as crianças mais vulneráveis à ação das gangues. (Martuscelli, 2017, p. 87)

Essa conjuntura é corroborada no relatório organizado pelo ACNUR (2014), *Children on the Run*, que foi baseado em depoimentos de menores desacompanhados sob custódia do governo estadunidense e esquematiza as razões pelas quais tiveram de fugir de seus países (ver figura 2).

Figura 2 – Motivações da migração de menores desacompanhados

HARM EXPERIENCED OR FEARED BY THE CHILDREN			
Total Number of Children Interviewed by Country of Origin	Number of Children Who Mentioned Violence in Society	Number of Children Who Mentioned Abuse in the Home	Exploitation by Smuggling Industry
El Salvador 104	69	21	0
Guatemala 100	20	23	0
Honduras 98	43	24	0
Mexico 102	60	17	39 (38%)
TOTAL 404	192 (48%)	85 (21%)	39 (10%)

Fonte: ACNUR (2014, p. 27)

Ao trazer o panorama de 2014 se sobressai dois pontos cruciais. Em primeiro lugar, ponderar o momento inicial da mudança no padrão migratório no corredor América Central – México – Estados Unidos, através de uma infantilização e feminização desse fluxo (Martuscelli, 2017) e a adoção, mesmo que principiante, do método do corpo coletivo e visível. Já o segundo ponto, refere-se à postura do governo Obama, ao lidar com essa nova conjuntura.

Apesar de ter criado programas como o *Alliance for Prosperity Plan in the Northern Triangle of Central America*⁸² e o *Central American Minors Refugee and Parole Program*⁸³, o democrata fomentou, pela primeira vez na história estadunidense no século XXI, a noção de “crise migratória” (Ziebarth, 2015), ao associar esse episódio com uma “urgent humanitarian situation” (Obama *apud* Dwyer, 2014). Por mais que tenha expressado uma preocupação humanitária ao instrumentalizar essa percepção, Obama a utilizou para justificar duas principais respostas: na esfera doméstica, a instauração da *family detention*⁸⁴ e, na esfera regional, a execução do *Programa Frontera Sur*⁸⁵, em parceria com o México (Bauer, 2020).

Em síntese, a detenção familiar foi uma ampliação do sistema de encarceramento para imigrantes, ao contemplar espaços, em que as crianças e os familiares poderiam ser

⁸² Plano Aliança para a prosperidade do Triângulo Norte. Resumidamente, este plano, fomentado entre os Estados Unidos e os países do Triângulo Norte, buscava melhorar as condições sócio-econômicas dos países emissores de imigrantes para que os imigrantes não necessitassem deixar suas casas. fluxos fossem contidos desde sua origem, “[...] cuatro líneas prioritarias como parte del plan: dinamizar el sector productivo, desarrollar oportunidades para el capital humano, mejorar la seguridad ciudadana y acceso a justicia, y fortalecer las instituciones estatales.” (Bauer, 2020, p. 39).

⁸³ Programa Centro-Americano de Menores Refugiados e Liberdade Condicional. Esse programa fornece às crianças e jovens centro-americanos, de até 21 anos, a oportunidade de solicitar refúgio no consulado estadunidense em seus países e, se aprovado, podem migrar aos EUA (Uscis, 2022).

⁸⁴ Detenção familiar.

⁸⁵ Programa Fronteira Sul.

confinados em conjunto. Apesar do governo Obama ter prometido um acolhimento humanitário e por curto período nesses locais, em muitos casos, as crianças foram separadas de seus familiares, além de que os cuidados médicos eram insuficientes e as acomodações precárias. A exaustão sofrida pelas crianças ultrapassou, portanto, os ambientes adversos das rotas mexicanas para também os locais institucionais, onde tiveram que aguardar, por um longo período, as decisões de suas solicitações por asilo ou por reunificação familiar, mesmo que a TVPRA determinasse um atendimento rápido e humanitário (Chishti; Hipsman, 2015).

Regionalmente, viu-se a manutenção da parceria entre o México e os Estados Unidos para fomentar a gestão das zonas fronteiriças, através de uma intensa militarização e contenção (Ziebarth, 2015). A administração de Obama e a de Enrique Peña Nieto (2012-2018), que era o presidente mexicano em exercício na época, planejaram e executaram o denominado *Programa Frontera Sur*, que tinha como objetivos,

The Southern Border Program was implemented to tackle two stated goals: 1) to provide more protection to migrants transiting through Mexico, and 2) to secure Mexico's southern border to improve safety and economic development in the region. Another important goal, while unstated, was to prevent Central American migrants from arriving at the U.S.-Mexico border. (Leutert, 2019 p. 19).

A concretização desse plano representou à gestão migratória da região três pontos cruciais à compreensão da paisagem migratória, em que os imigrantes das caravanas migratórias transitariam nos anos posteriores: (i) a intensificação da fiscalização das fronteiras mexicanas com a Guatemala, o que agravou a vulnerabilidade dos imigrantes em movimento; (ii) a forte influência estadunidense sobre as condutas migratórias regionais, transformando, assim, o México num país-tampão; (iii) e a evidenciação de uma postura criminalizadora do governo mexicano sobre os imigrantes, ao esvaziar o tratamento humanitário, que havia sido fomentado com a *Ley de Migración*, em 2011 (Bauer, 2020).

Nos anos posteriores, a migração infantil e de unidades familiares decaíram como um reflexo do aumento do policiamento nas rotas mexicanas fomentadas pelo *Programa Frontera Sur*. Viu-se, entre anos de 2015 e 2017, um retorno à prática da migração laboral, fazendo com que, principalmente os imigrantes homens tivessem que se “colocar em risco”,

Since the launch of the initiative, government checkpoints in key transit points along the route, patrols around train yards, deportations and migration raids on the trains have increased dramatically, forcing migrants to find new modes of travel. Migrants must now traverse longer segments of the route by foot through the wilderness, leaving them even more exposed to the elements and criminal predation, and sometimes taking them far from the Catholic shelters established along the train tracks to provide humanitarian relief and legal support for victims of human rights abuses. (Brigden, 2018, p. 72).

Percebeu-se, que, com um aumento da migração de outras categorias de imigrantes - mulheres e crianças -, o discurso de crise foi empregado para justificar a intensificação e aperfeiçoamento de ações arbitrárias, que já vinham direcionando a política migratória estadunidense. Os Estados Unidos e o México com o *Programa Frontera Sur*, portanto, constrangeram explicitamente os imigrantes em trânsito. Isto é, conforme a mobilidade centro-americana foi se transformando, progressivamente, em mais visível e heterogênea, a gestão migratória foi se tornando mais opressiva. E, é em frente a esse ambiente, além das consequências da deterioração das condições no Triângulo Norte, que os imigrantes formularam novas práticas migratórias, a partir do ano de 2018.

4 A INGERÊNCIA ESTADUNIDENSE NO CORREDOR MIGRATÓRIO AMÉRICA CENTRAL - MÉXICO - ESTADOS UNIDOS

No capítulo anterior, foi construído, de modo não exaustivo, uma interpretação sobre como se deu o desenvolvimento do êxodo centro-americano entre os anos de 1970 e 2017, tanto elucidando os fatores de expulsão, as práticas migratórias, os métodos e as estratégias de trânsito adotados pelos imigrantes quanto a arquitetura de um regime de fronteira militarizado e os dispositivos jurídicos excludentes executados dos Estados Unidos e do México.

O que se viu, portanto, ao longo desses mais de 50 anos, foi o estabelecimento de uma paisagem migratória, em que os centro-americanos buscaram modos de viabilizar os seus movimentos para alcançar o norte do México, principalmente, através da instrumentalização do método do corpo individual e invisível. Concomitantemente, os Estados Unidos e o México orquestraram modos de manter uma gestão pautada em criar, para os imigrantes em trânsito, uma sensação de viver num limbo por um extenso período, com contínuas experiências de incerteza e construção de obstáculos físicos.

Todavia, a partir da segunda metade do século XXI, esse funcionamento do corredor migratório América Central – México – Estados Unidos sofreu uma transmutação tanto no campo político quanto na expressão da mobilidade migratória. De um lado, no ano de 2017, Donald Trump assumiu a presidência estadunidense e trouxe um comportamento arbitrário como orientação à agenda migratória desse Estado (Pierce; Bolter, 2020). Do outro lado, os centro-americanos iniciaram a operacionalização de um novo modo de migrar: o corpo coletivo e visível com a formação das caravanas migratórias e, posteriormente, com os acampamentos informais (Leutert, 2020).

Essas duas circunstâncias, mesmo que, num primeiro momento, possam ser vistas como independentes, retroalimentam-se conforme eram executadas, já que se enxerga os imigrantes tanto respondendo os impulsos dos Estados quanto criando estratégias de trânsito, que irão provocar reações dos Estados e vice-versa. Com isso, além de refletir sobre a fase contemporânea do êxodo centro-americano iniciada com as caravanas, faz-se necessário uma compreensão do impacto da eleição de Donald Trump, bem como as principais políticas migratórias orquestradas por esse governo e que tiveram como consequência a inserção dos centro-americanos num estado de indefinição e insegurança no território mexicano.

Para tal, o presente capítulo está dividido em duas seções. Na primeira, discorre-se, brevemente, o que a eleição de Donald Trump (2017-2021) à presidência dos Estados Unidos

representou às dinâmicas migratórias. Já na segunda seção, apresenta-se o entendimento sobre o processo de externalização das fronteiras e, em seguida, uma explicação de duas políticas estadunidenses: o *Migrant Protection Protocols* e o *Title 42*.

4.1 Donald Trump: exceção ou manutenção da coerção?

Os Estados Unidos se projetam como o líder mundial de uma agenda baseada na defesa dos direitos humanos e na democracia, numa conformação de como os teóricos denominam de “excepcionalismo americano”⁸⁶ (Ignatieff, 2009). Em outras palavras, esse país se autodeclara como os promotores e os guardiões dos direitos humanos internacionalmente. Apesar dessa concepção, no que ecoa à gestão migratória na zona dita como “quintal estadunidense” (Livingstone, 2009), isto é o corredor América Central – México - Estados Unidos, as posturas dessa grande potência possuem um longo histórico baseado na coercitividade e na contenção (Tempo; Diner, 2022), como visto no capítulo anterior.

Por efeito disso, a *U.S. Immigration Policy*⁸⁷ é referência no cenário internacional sendo um modelo a ser seguido por diversos líderes mundiais, que buscam afastar a migração não planejada de seus territórios,

[...] Because the United States was the first to enact such an extensive system of immigration policy, it became the de facto global leader. This was not simply a matter of explicit replication; it was also through inspiration and by example. Many nations started with the U.S. model of xenophobia and racist immigration laws and then reshaped them to serve their own unique purposes [...] (Lee, 2020, p. 13).

Essa postura arbitrária perante os fluxos migratórios não autorizados foi intensificada e ganhou novo contorno no governo de Donald Trump (2017-2021). Após oito anos da gestão liderada pelo democrata Barack Obama, os Estados Unidos elegeram Trump do partido republicano (Massey, 2020). No capítulo anterior, foram citados exemplos de medidas contrárias às migrações de outros presidentes republicanos⁸⁸, como Reagan e Clinton. No entanto, segundo os teóricos Sarah Pierce *et al* (2018), o que pode diferenciar Trump desses políticos é, principalmente, o seu discurso explícito, que exprimiu ao se referir e agir perante essa temática,

[...] the approach President Trump has taken to immigration policy is distinct from that of his predecessors, both in his negative framing of immigration and its effects on the country, and the level of attention he has given the topic while on the campaign trail and in office. (Pierce *et al.*, 2018, p. 8).

⁸⁶ Para uma discussão mais aprofundada sobre a temática, ver Ceaser, 2012.

⁸⁷ Política Migratória dos Estados Unidos.

⁸⁸ Sobre a discussão da relação entre o republicanismo estadunidense e a imigração, ver: Mayda *et al*, 2018.

Para assimilar como Trump conseguiu os efeitos notáveis na pauta migratória da agenda política estadunidense, é válido entender, sucintamente, como eram, nos últimos anos, as condições da sociedade estadunidense e como parte dela enxergava a migração não autorizada.

Como salientado anteriormente, a crise financeira de 2008, que provocou uma recessão global, abalou drasticamente a economia dos Estados Unidos. A oferta de emprego diminuiu e, com isso, a migração não planejada com finalidade laboral, que já era vista como uma condição negativa por uma parcela dos cidadãos⁸⁹ passou a ser, cada vez mais, entendida como algo maléfico ao país. Nesse sentido, Trump conduziu a sua campanha à presidência, em 2016, baseada no discurso de que os imigrantes, se entrassem nos Estados Unidos, iriam “roubar” os empregos dos nacionais (Massey, 2020).

É pertinente ressaltar que o republicano, em suas falas, instrumentalizou os mexicanos, em específico, como os “adversários” dos estadunidenses. Devido à aproximação territorial e aos laços culturais e históricos, além das condições de desenvolvimento econômico divergentes entre o México e os Estados Unidos, os mexicanos representam a maior parcela de imigrantes nesse país e, em momentos de crises econômicas, foram a população que mais sofreu com ataques xenófobos (Massey, 2020).

Além de enfatizar a questão dos empregos, Trump construiu a imagem do imigrante como um dos “inimigos nacionais”. Isso se deu num contexto internacional, em que o nacionalismo da extrema-direita⁹⁰ estava em ascensão. Figuras como, por exemplo, Trump nos Estados Unidos e ex-presidente Jair Bolsonaro no Brasil se apoiavam numa rede global de políticos e simpatizantes, tendo como um dos fundamentos a defesa de que certas camadas da população eram enxergadas como ameaças aos padrões⁹¹ tidos como “corretos” à promoção do desenvolvimento nacional, “[...] Trump and his surrogates argued that one key problem has been preventing the America of today from being sufficiently “great.” That

⁸⁹ Segundo uma pesquisa divulgada em 2020, pelo *Pew Research Center*, instituto de pesquisa dos Estados Unidos, aproximadamente 66% dos cidadãos estadunidenses dizem que os imigrantes fortalecem o país “[...] because of their hard work and talents [...]”. Em paralelo, 24% defendem que eles sobrecarregam as estruturas estatais, pois tiram empregos, moradia e assistência médica dos cidadãos (Budiman, 2020). Outra pesquisa realizada em 2022, pelo *Gallup*, uma empresa de pesquisa de opinião estadunidense, revelou que 70% dos cidadãos entrevistados consideravam a migração boa para o país, representando uma queda de 5% em relação ao ano anterior. Todavia, a maioria disse que a migração não autorizada era uma ameaça “crítica” à segurança nacional (Gallup, 2022).

⁹⁰ Ou neonacionalismo é compreendido como ideologia pautada nas características clássicas do nacionalismo - como, por exemplo, a exaltação do Estado e o isolamento econômico e cultural - e se desenvolveu a partir da retórica reacionária às mudanças políticas, econômicas e socioculturais, que foram desencadeadas pela globalização. Pode estar associado ao populismo de direita, ao movimento de anti-globalização e anti-imigração, à xenofobia, ao protecionismo, à islamofobia, ao racismo e ao euroceticismo (Tepper, 2018).

⁹¹ O padrão definido por Trump é o do homem branco, protestante e trabalhador (Francisco, 2020).

problem is immigration” (Young, 2017, p. 218). A título de ilustração da propagação dessa retórica, durante a sua campanha presidencial, Trump proferiu um discurso, em que acusava os mexicanos de invasores e criminosos,

When Mexico sends its people, they're not sending their best. [...] They're sending people that have lots of problems, and they're bringing those problems with us. They're bringing drugs. They're bringing crime. They're rapists. (Trump *apud* Phillips, 2017).

A vitória de Trump, portanto, para alguns teóricos, foi uma evidência de que os Estados Unidos estavam numa fase de ressurgimento do fenômeno conhecido como nativismo. Segundo o autor Douglas Massey (2020), essa ideologia, que mescla características do nacionalismo com a xenofobia, é desencadeada, principalmente, por duas condições-chave: uma crescente instabilidade econômica – nesse recorte temporal pode ser entendida como as consequências da crise financeira de 2008 - e um aumento na migração de novas origens – fluxos advindos da América Central e de países muçulmanos⁹²,

Today’s nativism, for example, is less likely to be directed at Europeans, Asians, and Catholics, but rather at undocumented immigrants, the majority of whom are Mexican and Central American, and at Muslims. The current rhetoric against undocumented immigrants centers on the charges that they are an economic drain on society (because of the perception that they take the jobs of the native-born and disproportionately use government resources, without paying taxes) and that they are dangerous (because of the perception that they commit crimes at higher rates than the native-born) (Young, 2017, p. 227).

À vista disso, a ascensão de Trump à presidência – logo, o endosso dos seus eleitores à sua campanha xenófoba e nativista com o *slogan* “America First”, – “[...] represents the latest—and perhaps greatest—turning point in America’s long history of xenofobia.” (Lee, 2020, p. 14). A partir dessa narrativa, Trump concretizou, ao longo dos quatro anos de mandato, ações nacionalistas, que buscavam diminuir e impedir a entrada de imigrantes nos Estados Unidos e reforçar as condutas nativistas. Como exemplos das principais medidas, têm-se a saída das negociações e não assinatura do Pacto Global para a Migração Segura, Ordenada

⁹² Devido os ataques terroristas do 11 de setembro de 2001, a imagem do muçulmano foi associada ao terrorismo e a islamofobia se enraizou no país (Hwang; Pang, 2017).

e Regular⁹³, a redução da quantidade anual de reassentamento⁹⁴ e a proibição da entrada de muçulmanos no país por meio da lei conhecida como *Muslim Ban*⁹⁵ (Pierce; Bolter, 2020).

O sentido “perigo na fronteira” com o México também se intensificou na gestão trumpista. Anteriormente ao período de formação das caravanas migratórias, a administração republicana ordenou a retomada da construção de um muro entre os dois países, o aumento dos investimentos em policiamento nas zonas fronteiriças entre os Estados Unidos e o México⁹⁶ e na expansão do sistema de detenção (Pierce; Bolter, 2020).

No que tange o processo de detenção, uma das principais medidas foi a implementação da política *Zero-Tolerance*⁹⁷, que teve impacto diretamente nos fluxos centro-americanos no primeiro semestre de 2018. Essa regra determinava que toda a pessoa, que cruzasse a fronteira sem autorização, deveria ser presa e julgada como se tivesse cometido um crime. Como segundo a lei estadunidense, as crianças não podem ser detidas junto de seus pais, quando estes estão respondendo por processos criminais, isso causou a separação de, aproximadamente, 5.500 crianças e jovens de suas famílias (Congressional Research Service, 2021, p. 2).

Observa-se, portanto, como consequência desse governo, as posturas estadunidenses, que já eram baseadas em constranger os imigrantes na fronteira com o México, ganharam uma nova extensão. O discurso anti-imigrante e a política da exaustão viram regras com contínuas ameaças e ações para dificultar o trânsito centro-americano. Além disso, o território nortista

⁹³ O Pacto Global para a Migração Segura, Ordenada e Regular é o primeiro acordo sobre migração, que visa cobrir todos os aspectos desse processo - tanto os fluxos motivados por fatores humanitários quanto por razões laborais -, pois reconhece a necessidade de uma abordagem cooperativa para diminuir os riscos e os desafios dos indivíduos nos países de origem, de trânsito e de destino. Isto é, almeja uma atuação, que envolva os diversos atores estatais e não estatais, para um melhor gerenciamento das migrações internacionais e o fortalecimento dos direitos dos imigrantes, além de contribuir para o desenvolvimento sustentável (Pécoud, 2021).

⁹⁴ Em 2017, pela primeira vez na história moderna, os Estados Unidos acolheram menos refugiados do que os demais países. Como uma das primeiras medidas tomadas, o presidente Trump assinou uma ordem executiva determinando a suspensão de todo o programa de reassentamento estadunidense por 120 dias. Somado a isso, bloqueou por tempo indeterminado a entrada de refugiados sírios e reduziu a quantidade de admissão no ano fiscal de 2017 de 110.000 (estabelecido pelo governo Obama) para 50.000 pessoas (Mandelman, 2017). Trazendo a pauta de priorizar a segurança nacional, Trump justificou essa pausa com o objetivo de permitir que o *United States Department of State* tivesse tempo para rever todos os procedimentos de aplicação e julgamento para admissão de refugiados, ao visar uma maior eficácia na averiguação de quem eram as pessoas admitidas (DHS, 2017). Ao retornar o processo, o governo dos Estados Unidos impôs novos procedimentos de verificação de segurança e continuou a reduzir o teto de admissões nos anos subsequentes, diminuindo-o para 45.000 no ano fiscal de 2018; 30.000 no ano fiscal de 2019; e 18.000 no ano fiscal de 2020 (American Immigration Council, 2022a).

⁹⁵ A Ordem Executiva 13.769, apelidada de *Muslim Ban*, proibiu a entrada de imigrantes originários do Irã, Síria, Iêmen, Somália, Iraque, Líbia e Sudão. Apesar de ter sofrido impedimentos por diversas cortes, o banimento seguiu até 6 de março de 2017 e foi substituído pela Ordem Executiva 13.780, que limitavam a entrada permanente de imigrantes da Síria e da Coreia do Norte, além de estabelecer restrições na concessão de vistos para nações do Oriente Médio e, de maioria, islâmica (Aclu, 2021).

⁹⁶ Devido a diversos entraves políticos, bem como a dificuldade para financiamento, ao final de seu governo, Trump construiu, aproximadamente, 129 quilômetros de novas barreiras, sendo que havia prometido a construção de 800 quilômetros, no momento da assinatura do decreto que autorizava a obra (Pierce, 2021).

⁹⁷ Política de tolerância zero.

mexicano, não somente a faixa territorial que divide os dois países, exerceu um papel central nesse enquadramento, através do processo de externalização da fronteira.

4.2 Externalizar a fronteira para imobilizar os imigrantes

A luta dos imigrantes por autonomia nas travessias e na busca por novos caminhos mais seguros e eficazes aos seus projetos migratórios, paralelamente às ações dos Estados, que constroem barreiras físicas e aumentam os dispositivos de fiscalização, provocam um prolongamento do trânsito migrante numa sensação de intensa incerteza. Em decorrência disso, a noção de “migração em trânsito” tem sido instrumentalizada pelos países de destinos para delegar aos países de trânsito o controle e contenção dos deslocados vistos como “indesejáveis” (Hydman; Mountz, 2008).

Nesta prática de estender medidas de contenção e de dissuasão para o exterior está cada vez mais cotidiana na governança global migratória. Os Estados do Norte global, que são os principais destinos dos deslocamentos forçados, terceirizam as suas responsabilidades pelos pedidos de asilo ou pela fiscalização das fronteiras para os Estados do Sul global, que, além de serem os emissores dos imigrantes, são as zonas de passagem. Isso é justificado por uma preocupação com a segurança nacional e com o dever de haver um compartilhamento dos encargos, através do discurso de crise migratória (Hydman; Mountz, 2008).

No cenário migratório do corredor migratório América Central – Estados Unidos – México, a influência política e econômica⁹⁸ que os Estados Unidos exercem sobre os países mexicano e centro-americanos, desempenhou papel central para Trump conduzir esses mecanismos de externalização. A título de ilustração dessa prática num recorte temporal contemporâneo⁹⁹, o governo republicano financiou e treinou o exército do México para que pudesse aumentar a sua capacidade de policiamento e coerção na fronteira sul com a Guatemala, e, assim, impedir que os centro-americanos ingressassem na América do Norte (Bauer, 2020).

⁹⁸ Um dos exemplos de como Trump utilizou a pauta econômica como instrumento de ameaça contra o México, se esse não contivesse os centro-americanos em sua fronteira com a Guatemala, foi o seu comentário na rede social X em 1º de abril de 2018. Nesse post, Trump ameaçou encerrar o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA), acordo de livre comércio da América do Norte, “They must stop the big drug and people flows, or I will stop their cash cow, NAFTA [...]” (Trump *apud* Chiacu; Esposito, 2018).

⁹⁹ Há um longo processo histórico do modo como o governo estadunidense exigiu o que o mexicano controlasse os movimentos dos imigrantes em seu território, em troca de ganhos comerciais ou garantias para os imigrantes mexicanos no país. A título de ilustração, cronologicamente, têm-se, após aprovação do IRCA, o México permitiu que os agentes do Serviço de Imigração e Naturalização (INS) dos Estados Unidos interviesse diretamente no território mexicano para controlar os fluxos centro-americanos. Já em 2007, há a instauração da Iniciativa Mérida, por meio da qual os Estados Unidos transferiram milhões tanto ao México quanto aos países do TNAC para combater o narcotráfico e o tráfico de pessoas. Ao Estado mexicano, foi transferido 86,6 milhões de dólares, o que promoveu a modernização do *Instituto Nacional de Migración* (INM), que, em 2005, havia sido declarado uma instituição de segurança nacional (Pombo; Carnero, 2019 p. 88-89).

Todavia, o Estado mexicano possui uma premissa de fundamentar as suas condutas migratórias no respeito aos direitos humanos, como evidenciado na promulgação da *Ley de Migración* de 2011. No que se refere o contexto das caravanas migratórias, essa divergência de posicionamento se evidenciou no início de 2019, momento que, sob a recente gestão presidencial de Andrés Manuel López Obrador (2018 – até o presente momento), o México tentou se opor a essa instrumentalização do seu território e buscou formular uma resposta baseada numa retórica humanitária (Benincasa; Cortés, 2021).

Ao assumir a presidência mexicana em dezembro de 2018, isto é, num período de maior intensidade das caravanas migratórias (Gandin, 2020), López Obrador parecia indicar que o novo governo iniciaria uma política de portas-abertas aos centro-americanos. Essa percepção foi sustentada, principalmente, pelo seu perfil esquerdista e em prol das causas sociais (Agudo; Neira, 2021). Durante a sua campanha eleitoral, no que se refere à agenda migratória, o presidente evidenciava que iria defender as garantias sociais dos emigrantes mexicanos em solo estadunidense e que todos os indivíduos, independente do *status* de sua documentação perante o sistema imigratório nacional, eram dignos de condições essenciais à sobrevivência no México (Leurent, 2020).

Na prática, a principal ação, entre o fim de 2018 e início de 2019, foi a concessão de vistos humanitários¹⁰⁰ emitidos pelo *Instituto Nacional de Migración*¹⁰¹ (INM). Em síntese, esses vistos permitiram que os centro-americanos obtivessem livre mobilidade em todo o território mexicano e pudessem trabalhar (Leurent, 2020). Segundo Valentina Benincasa e Almudena Cortés (2021), pela primeira vez o êxodo centro-americano contemporâneo estava sendo enquadrado como uma questão humanitária pelo governo mexicano.

À compreensão dessa tratativa singular, Benincasa e Cortés (2021) apontaram dois fatores motores, um interno e um externo. Internamente, o novo presidente buscava se diferenciar de seus antecessores, principalmente de Peña Neto, na maneira de gerir a questão migratória. Já externamente, o México teve importante participação¹⁰² na construção do Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular e do Pacto Global sobre Refugiados, que são os primeiros acordos sobre migração e refúgio de caráter internacional e representavam a tentativa inaugural de uma governança global migratória baseada na cooperação entre os

¹⁰⁰ Entre dezembro de 2018 e abril de 2019, o governo concedeu um total de 26.584 vistos humanitários, permitindo que esses imigrantes transitassem pelo México e utilizassem o transporte público (Joseph *et al.*, 2019).

¹⁰¹ Instituto Nacional de Migración.

¹⁰² O México e a Suíça foram os representantes responsáveis por facilitar o processo de escrita e negociação dos dois Pactos Globais (Pécoud, 2021).

Estados. Portanto, López Obrador almejou localizar o México como protagonista nesse novo cenário de diálogo em matéria migratória.

Contudo, as respostas estadunidenses contrárias a esse trânsito migrante esvaziaram o enquadramento humanitário de López Obrador. Com as ameaças de Trump de aumentar as tarifas comerciais sobre a economia mexicana, se os fluxos centro-americanos não fossem interrompidos na fronteira sul mexicana, a resposta do governo esquerdista se alterou, a partir de março de 2019, com o estabelecimento do programa *Migrant Protection Protocols*. Isso se deu em razão dos Estados Unidos exacerbarem a instrumentalização do território mexicano como local de espera de modo explícito e amparado sob um acordo jurídico (Benincasa; Cortés, 2021). Essa arquitetura ganhou uma inédita dimensão em março de 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, com a invocação do *Title 42*, da *Public Health Safety Act*,

[...] durante las últimas administraciones gubernamentales mexicanas el discurso hacia los migrantes ha sido de protección de sus derechos humanos; sin embargo, en los hechos, tanto por acción u omisión, es precisamente el Estado quien se ha vuelto un actor que propicia en gran medida el agravamiento de la condición y situación de vulnerabilidad de estas personas. (López; Lucero-Vargas, 2019, p. 12).

Dessa forma, apesar das tentativas do presidente mexicano, o estopim do processo de externalização da fronteira estadunidense se deu com o México sendo a peça central no processo de desmantelamento do sistema de asilo estadunidense, já que como apontado pela autora, Alisson Mountz, “[...] those seeking protection continue to haunt the global community and an international state system that largely refuses recognition of their plight, whether in life or in death.” (2020, p. 225).

Faz-se, assim, necessário compreender, sucintamente, as particularidades e desdobramentos dessas duas políticas estadunidenses para fundamentar como foram utilizadas para desarticular as caravanas migratórias, bem como foram um dos motores do desencadeamento da prática migratória dos acampamentos informais.

4.2.1 *Migrant Protection Protocols*

Como evidenciado, a agenda política dos Estados Unidos à migração não autorizada, ao longo dos anos, estabeleceu-se através da diretriz de impedir os imigrantes de alcançarem o seu território, principalmente com a militarização das zonas fronteiriças com o México. Todavia, a partir do ano de 2019, esse comportamento se aperfeiçoou numa dimensão jurídica com a instauração da política do *Migrant Protection Protocols* (MPP). Esse arranjo foi um dos principais instrumentos adotados pelos Estados Unidos para desmontar qualquer tentativa dos imigrantes, principalmente dos centro-americanos, de ingressar no território

estadunidense, por meio do desmantelamento de seu sistema de asilo (Iturralde; Piñeiro, 2021).

A instauração do MPP, ou como foi apelidado de *Remain in Mexico*¹⁰³, deu-se em colaboração com o México e foi conduzida como uma nova abordagem às políticas migratórias, tendo como pretensão, segundo os Estados Unidos, a administração com eficiência dos pedidos de asilo na fronteira entre os dois países (Iturralde; Piñeiro, 2021). A principal justificativa era ter uma resposta à “illegal immigration crisis”, como denominado pelo *US Department of Homeland Security* (2018). Consequentemente, o governo trumpista operacionalizou o discurso de crise migratória¹⁰⁴ para embasar as condutas emergências e de caráter ambíguo,

El inicio del MPP no sólo evidenció el autoritarismo con el que Estados Unidos declaraba a México como un “tercer país seguro” de facto para las personas solicitantes de refugio, también la complicidad y sumisión de las autoridades mexicanas para bloquear e inmovilizar a las personas migrantes y con necesidad de protección internacional, algo que ya existía, pero no se había hecho visible con la política de metering. (Chaim, 2023, p. 7).

De acordo com a lei dos Estados Unidos, a *Refugee Act of 1980*, o asilo é uma proteção concedida a estrangeiros, que chegam aos portos de entrada na fronteira¹⁰⁵ ou que já estão no país e atendam aos requisitos da definição de refugiado da Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951. Como signatário desse ordenamento, o sistema estadunidense tem o dever legal de proteger aquele que esteja fora de seu país devido a um fundado temor de perseguição por causa de raça, religião, pertencimento a um determinado grupo social, opinião política ou origem nacional (Shift, 2019; American Immigration Council, 2020).

É válido ressaltar que o MPP não foi uma iniciativa inédita de articulação do sistema de asilo para conter a migração não autorizada. A gestão Obama, em 2016, durante o episódio em que dezenas de haitianos¹⁰⁶ chegaram à Tijuana visando entrar nos Estados Unidos, havia

¹⁰³ Permanença no México.

¹⁰⁴ Como ocorre nas análises do contexto da migração da África e Ásia à Europa, Douglas Massey (2020) apontou que a conjuntura dos centro-americanos na fronteira entre os Estados Unidos e o México deve ser vista como um problema humanitário “[The] current situation on the border is not an immigration crisis, but a humanitarian crisis, which derives, ultimately, from the military and political intervention of the United States in the region.” (Massey, 2020, p. 32).

¹⁰⁵ Os portos de entrada são, segundo o governo dos Estados Unidos, “A port of entry (POE) is a place where one may lawfully enter the nation. International airports are usually ports of entry, as are road and rail crossings on a land border, and major seaports. U.S. Customs and Border Protection enforces [...] and immigration programs of the U.S. government.” (American Immigration Council, 2022b). Isto é, são os locais onde imigrantes podem solicitar asilo humanitário perante o sistema imigratório dos Estados Unidos. Como esses portos estão localizados na fronteira, as cidades fronteiriças no norte do México exercem papel fundamental neste enquadramento do deslocamento advindo da América Central.

¹⁰⁶ Devido a deterioração das condições no Haiti, “El cambio en el patrón migratorio en Tijuana ha sido especialmente evidente desde mayo de 2016, con el flujo de haitianos y africanos que llegaron a solicitar asilo a Estados Unidos. De acuerdo con estimaciones oficiales, 8,500 haitianos y africanos llegaron a Baja California

iniciado esse gerenciamento das solicitações de proteção humanitária, ao arquitetar uma nova *policy* migratória denominada de *metering*¹⁰⁷ (American Immigration Council, 2022b).

Essa prática determinava que a *Customs and Border Protection* (CBP)¹⁰⁸, agência federal responsável pela alfândega e proteção das fronteiras, limitasse diariamente o número de indivíduos autorizados a solicitar o asilo no porto de entrada de San Ysidro¹⁰⁹ (American Immigration Council, 2022b). À vista disso, a política do *metering* representou a primeira tentativa concreta e institucionalizada do governo estadunidense de dismantelar o sistema de asilo.

Como uma das principais críticas ao *metering* era o fato de não comunicar com brevidade aos imigrantes sobre as datas de suas audiências de asilo, o MPP prometia informá-los, no momento em que estes chegassem pela primeira vez em um dos portos de entrada, o dia e a hora específicos para comparecerem ao tribunal de imigração e iniciar o procedimento de migração. Enquanto aguardava o dia, o imigrante deveria permanecer no México (American Immigration Council, 2022b). Logo, como Austin Kocher apontou “MPP created an inverse legal topology: migrants were physically excluded from the country even as their legal cases were pending inside the United States.” (2021, p. 4).

Inicialmente, o *Migrant Protection Protocols* foi aplicado em janeiro de 2019 no porto de entrada de San Ysidro, na cidade de Tijuana. Em março daquele ano, o programa foi expandido para os portos de Ciudad Juárez - El Paso e de Mexicali - Calexico. Em junho, foi implementado nos portos de Matamoros - Brownsville e de Nuevo Laredo - Laredo (Pombo; Carnero, 2019, p. 100).

entre mayo y noviembre de 2016, lo que rebasó la capacidad de los albergues administrados por la sociedad civil que se habían especializado en atender a la población migrante” (Sanchíz, 2021).

¹⁰⁷ Mediação.

¹⁰⁸ Alfândega e Proteção de Fronteiras dos Estados Unidos

¹⁰⁹ Esse porto de entrada fica localizado entre Tijuana, no estado mexicano de Baja California, e a cidade estadunidense de San Diego, na Califórnia. Essa é a região fronteiriça mais populosa e transitada entre os dois países, principalmente, por trabalhadores mexicanos (Pombo; Montes, 2021). Com esse constante trânsito, o município ficou conhecido como a “*ciudad de migrantes*” (Sanchíz, 2021).

Mapa 5 - Cidades fronteiriças estadunidenses e mexicanas sob o MPP



Fonte: Pombo; Carnero (2019, p. 100)

Contudo, na prática diária, o programa não forneceu o correto processo legal e acolhimento humanitário aos imigrantes durante o tempo em que suas reivindicações de asilo eram julgadas perante a lei estadunidense (Iturralde; Piñeiro; 2021). As pessoas em trânsito foram, assim, expostas às três principais desproteções nas zonas fronteiriças: a extrema violência, a um limbo jurídico e ausência de moradia adequada.

A título de ilustração sobre o contexto de violência da fronteira norte, pode-se trazer Matamoros, uma das cidades que mais concentrou imigrantes “devolvidos” e que está classificada, de acordo com os parâmetros do DHS, com o nível quatro de perigo. Ou seja, há um alerta para que cidadãos estadunidenses não viajem a esse local, devido às altas taxas de crimes violentos, sequestros e roubos (DHS, 2022).

Apesar dessa ciência, o governo estadunidense obrigou os imigrantes a aguardarem nessas cidades e, com isso, foram sujeitados a um ambiente de extrema violência no norte do território mexicano. Segundo um relatório da *Human Rights First* (2021), organização de direitos humanos, entre dezembro de 2018 e fevereiro de 2021, foram informados, aproximadamente, 1.544 casos de estupro, sequestro, agressão e outros crimes cometidos contra indivíduos, que estavam aguardando no México sob o MPP. Além disso, como há relatos de imigrantes, que decidiram retornar aos seus países com receio de aguardarem nesses locais, pode-se notar que, engenhosamente, os Estados Unidos usaram a exposição à violência regional como um elemento desmotivador para as solicitações de asilo.

Os imigrantes também foram inseridos num limbo de desinformação sobre os seus pedidos de proteção humanitária. Isso se deu, principalmente, por o MPP ter agravado as falhas existentes nos tribunais de imigração dos Estados Unidos, incluindo a falta de acesso a um advogado e a omissão na transparência nos procedimentos de imigração. Uma vez

cadastradas nesse programa, as pessoas enfrentaram longos períodos de desconhecimento sobre o andamento¹¹⁰ de seus processos e sem ter explicação sobre os direitos, o que intensificava a exaustão sentida nessa conjuntura (Human Rights First, 2021).

Mesmo com essas duas problemáticas estando evidente desde o início da execução, os governos estadunidense e mexicano seguiram com o acordado,

Entre enero y diciembre de 2019 se incorporaron al programa MPP 58,996 personas, de las cuales: 18,117 personas fueron derivadas a Ciudad Juárez; 14,837 para Matamoros; 11,866 para Nuevo Laredo; 7,359 a Tijuana; y 6,588 para Mexicali. La mayoría de las personas retornadas a México bajo el MPP son de las siguientes nacionalidades: Honduras (21,666), seguido de Guatemala (14,978), Cuba (7,703) y El Salvador (7,597), entre otras nacionalidades latinoamericanas y caribenhas. (Ibarra, 2021).

Com essa elevada quantidade de imigrantes retornando às cidades fronteiriças diariamente, os albergues, que já não conseguiam lidar com fluxos passageiros das caravanas migratórias, colapsaram e a maioria dos centro-americanos não tiveram moradia, enquanto aguardavam a abertura dos processos de asilo ou o andamento das decisões (Ruiz, 2020). É válido indicar que, até 2020, a capacidade máxima de todos os abrigos na fronteira norte do México era de até 12.000 pessoas. Sendo que, além do fluxo diário dos imigrantes retornados sob o MPP, tinha-se o trânsito dos deportados e o das caravanas em direção ao norte (Coubès, 2020).

Outro ponto crucial a essa dinâmica de exaustão, que se formou mediante ao MPP, é que, sob as regras do acordo firmado entre os dois Estados para o estabelecimento da política, cabia ao México construir acomodações e fornecer assistência humanitárias a todos os imigrantes inscritos no programa durante o período em que aguardavam suas audiências (Ibarra, 2021). Todavia, na prática, esse compromisso não ocorreu,

[...] safe shelter never happened. People returned under MPP spent, on average, a month living in the open on the sidewalks of La Puerta Mexico. [...] In response, non-governmental organizations (NGOs) from both sides of the border began pooling resources to supply food, tents, clothing, and essential medical services to the growing encampment. (Tapia, 2023, p. 3).

Por efeito dessa prática de desmantelamento do sistema de asilo estadunidense, os imigrantes, que antes estavam operacionalizando a mobilidade cotidiana por meio da prática das caravanas migratórias, viram-se “presos” nas cidades fronteiriças no norte do México, enquanto aguardavam o andamento de seus pedidos. Essa condição pode ser vista como um cruzamento da categoria de *stranded migrants* (Schapendonk, 2012, p. 37) com *sticky time* (Griffhts, 2014, p. 1994). Essa intercepção é entendida no sentido de que os centro-

¹¹⁰ Dos 58.996 pedidos de asilo abertos sob as regras do MPP, apenas 1,26% foram aprovados (Ibarra, 2021).

americanos tiveram o seu trânsito bloqueado/paralisado pelas diretrizes do MPP, e, além disso, viram-se obrigados a aguardar, por um longo período, a oportunidade de apresentar o seu pedido a um juiz estadunidense ou ter conhecimento sobre a decisão de sua solicitação já feita. Isso foi agravado, por tempo indeterminado, a partir de 2020 com as medidas sanitárias dos Estados Unidos no contexto da pandemia de Covid-19.

4.2.2 *Title 42*: proteção ou contenção?

A adoção de mecanismos, que fortalecem a produção de fronteiras físicas e simbólicas por parte dos Estados, e, assim, embasam os discursos anti-imigração e o viés de criminalização das migrações, ganhou uma nova proporção no ano de 2020. Com a pandemia de Covid-19, essas manifestações se empregaram de uma preocupação estatal de impedir que o novo coronavírus se espalhasse por suas populações (Blue *et al.*, 2021). Por consequência, o mundo, que era, teoricamente, pautado na livre-circulação, viu-se fechando suas fronteiras territoriais; e os imigrantes, população que mais sofre com a precarização dos movimentos, foram imobilizadas em regiões vulneráveis (Ostermann; Lumlertg, 2021).

Neste cenário, Trump, por meio de um discurso xenofóbico, sustentou nos primeiros dias da crise sanitária a figura do imigrante como uma ameaça à saúde nacional, justificando que esses seriam vetores do vírus de Covid-19. Com isso, implementou uma de suas políticas mais coercitivas nas fronteiras contra essa população, a invocação do *Title 42*¹¹¹, da *Public Health Safety Act* (American Immigration Council, 2021).

Essa lei permitiu que os agentes da *Border Patrol* recusassem e expulsassem os imigrantes na fronteira sul, sem permitir que dessem entrada no pedido de asilo ou que tivessem acesso a qualquer outro processo de imigração, em prol da segurança da saúde nacional (American Immigration Council, 2021). Dessa forma, com base nessa política de expulsão, a pandemia forneceu à administração Trump um pretexto para fechar os portos de entradas oficiais na fronteira com o México e suspender indefinidamente o sistema de asilo estadunidense, ao fomentar “[...] discurso higienista de cierre de fronteras [...]” (León; Contreras, 2020, p. 167).

¹¹¹ A Constituição estadunidense determina que “§265: Suspension of entries and imports from designated places to prevent spread of communicable diseases. Whenever the Surgeon General determines that by reason of the existence of any communicable disease in a foreign country there is serious danger of the introduction of such disease into the United States, and that this danger is so increased by the introduction of persons or property from such country that a suspension of the right to introduce such persons and property is required in the interest of the public health, the Surgeon General, in accordance with regulations approved by the President, shall have the power to prohibit, in whole or in part, the introduction of persons and property from such countries or places as he shall designate in order to avert such danger, and for such period of time as he may deem necessary for such purpose” (United State Code, 2023).

Dois elementos põem em xeque se essa medida tinha a factual intenção de proteger a saúde dos cidadãos estadunidenses ou se era de caráter político, visando expor os imigrantes à extrema vulnerabilidade e impedir de acessarem o sistema de asilo.

Primeiramente, a postura de Trump frente à conjuntura da fronteira de México já era condicionada à criação e implementação de medidas para endurecer as leis migratórias e reforçar a fiscalização de forma a impedir o trânsito, como exposto anteriormente. Com a pandemia, essa retórica de crise migratória se difundiu com a emergência sanitária, permitindo que o governo trumpista articulasse a lei estadunidense para manter os imigrantes afastados das zonas fronteiriças (Pierce; Bolter, 2020).

O segundo elemento se refere à posição contrária dos funcionários do *Centers for Disease Control and Prevention*¹¹² (CDC), agência nacional de saúde pública dos Estados Unidos, a essa norma. Para o CDC, os imigrantes estavam sendo visados somente por seu *status* migratório, ou seja, requerentes de asilo, e não deveriam ser excluídos com base em critérios de saúde pública. Os estudiosos afirmaram que eles não tinham maior probabilidade de disseminar o vírus do que os estudantes e os trabalhadores temporários, que continuaram sendo autorizados a cruzar a fronteira diariamente (Gilman, 2020).

Tendo esses dois elementos à discussão, os teóricos compreenderam que o objetivo verídico dessa medida, por parte do governo Trump, foi de ter respaldo jurídico para impedir que os imigrantes solicitassem asilo nos Estados Unidos e os exauri-los no México,

According to CBP guidelines, expulsions under Title 42 were not based on immigration status— they were to be tracked separately from immigration enforcement actions. Rarely did Title 42 expulsions involve the legally required screenings for asylum seekers, meant to avoid expelling people who need protection or are at risk of severe harm. (Tapia, 2023, p. 4).

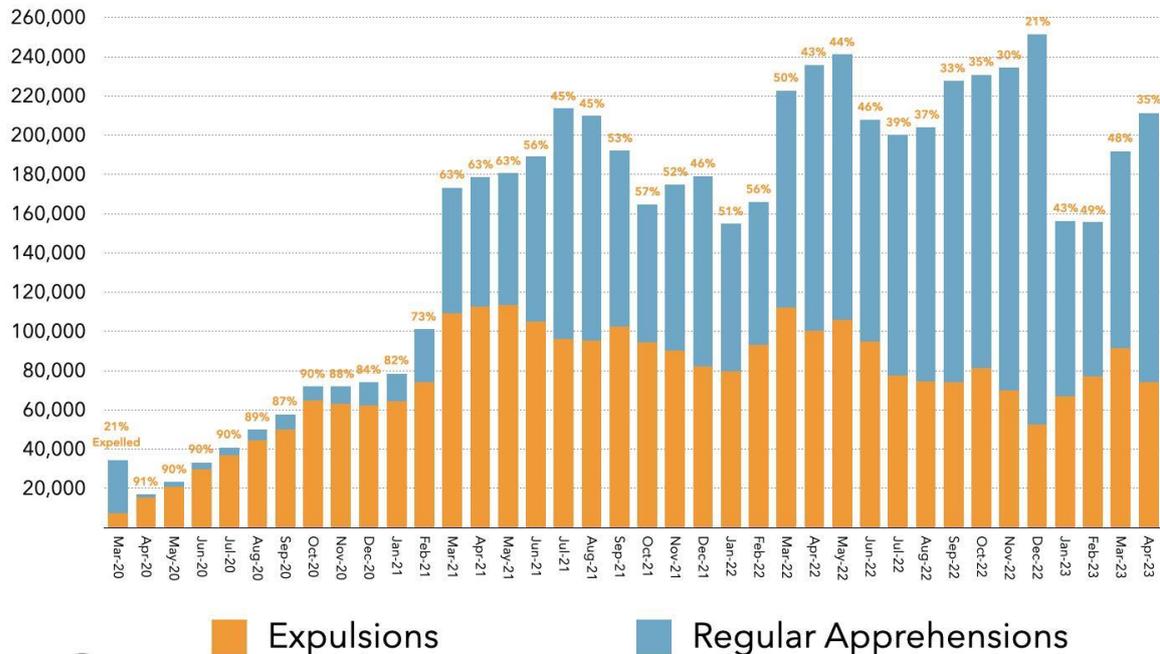
O que de fato ocorreu, pois, entre março de 2020 e abril de 2023, o governo estadunidense expulsou, aproximadamente, 2.861.755 milhões de pessoas para o México (Wola, 2023).

¹¹² Centros de Controle e Prevenção de Doenças.

Gráfico 3 – Apreensões na fronteira estadunidense sob o *Title 42* e o *Title 8*¹¹³

Title 42 Expulsions and Regular Apprehensions of All Migrants at the U.S.-Mexico Border

**2,861,755
expulsions since
March 2020**



WOLA
Advocacy for Human Rights in the Americas

Source: <https://bit.ly/3LMNYWJ>

Fonte: Wola (2023)

Após o ano de 2019 ter sido marcado por uma condição de imobilidade, através do *Remain in Mexico*, mas que, em certa medida, ainda havia locomobilidade, já que os imigrantes tinham os seus processos de asilo sendo julgados, de 2020 em diante, o estado de limbo e incerteza se prolongou. Nesse sentido, a situação dos imigrantes foi alterada para uma combinação das categorias de *stuck migrants* (Schapendonk, 2012, p. 37) com *suspended time* (Griffhts, 2014, p. 1994). Em razão de que, sem uma perspectiva da data de término do *Title 42*, os imigrantes se viram presos nas cidades fronteiriças de México por um período indefinido, onde não havia condições de progresso de suas situações.

Percebe-se, portanto, que o governo Trump e as suas consecutivas políticas representaram um aprimoramento do *modus operandi* anti-imigração da política estadunidense, ao trazer barreiras, em especial jurídicas, para impedir a mobilidade

¹¹³ O *Title 8* (Título 8) é a medida regular da política migratória estadunidense. Essa norma determina que o imigrante, após ser apreendido na fronteira, seja encaminhado a um centro de detenção para dar início ao processo de regularização migratória. Além disso, os imigrantes, que tiveram os seus pedidos negados e foram deportados ao seu país de origem, são proibidos de entrar nos Estados Unidos por no mínimo cinco anos. Se entrarem novamente e forem apreendidos pela *Border Patrol*, podem ser acusados criminalmente e presos (Owen, 2023).

migratória no corredor América Central – México – Estados Unidos. É diante desse cenário que os centro-americanos, dotados de uma bagagem adquirida ao longo dos anos e que lhe permitiram um conhecimento do território mexicano, orquestraram novas práticas migratórias inauguradoras da fase contemporânea desse êxodo histórico: as caravanas migratórias e os acampamentos informais.

5 UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O ÊXODO CENTRO-AMERICANO CONTEMPORÂNEO

A partir de 2018, a luta migrante centro-americana adquiriu um delineamento singular. Em vista concretizar os seus projetos migratórios, os imigrantes articularam novos métodos, que acoplaram estratégias de trânsito cotidianas, para percorrem as rotas mexicanas até os Estados Unidos, resultando na inauguração da fase contemporânea do êxodo centro-americano. Nesta conjuntura, o trânsito migrante foi constituído por meio da dicotomia, não excludente entre si, da mobilidade expressada, sobretudo, pela prática das caravanas migratórias, e da imobilidade, que se deu com a prática dos acampamentos informais.

Entende-se aqui essas não como meras respostas à coercitividade arquitetada e executada pelos governos estadunidense e mexicano, mas como se esses movimentos migrantes e as políticas estatais fossem coexistentes nessa paisagem migratória. Logo, como salientado, a gestão migratória estatal, fomentada principalmente por Trump, as caravanas migratórias e os acampamentos informais se retroalimentam, já que ambos os atores envolvidos – imigrante e Estado – agiram de modo tanto independente da ação do outro quanto como reação à conduta do seu opositor.

Partindo, então, do que já foi exposto do cenário político desse corredor migratório e levando em consideração que os imigrantes centro-americanos possuem um conjunto de experiências de trânsito adquirido ao longo dos anos de migração, este presente capítulo busca construir um olhar sobre o momento recente desse êxodo, a partir do vocabulário apresentado de práticas migratórias, métodos e estratégias de trânsito.

Com essa pretensão, tem-se duas seções. A primeira traz a discussão sobre as caravanas migratórias, a partir tanto no método do corpo coletivo e visível quanto do individual e invisível. Na segunda seção, tem-se o debate referente aos acampamentos informais seguindo como foi desenhado com caravanas, ou seja, trazendo a reflexão dos dois métodos.

5.1 As caravanas migratórias

O êxodo centro-americano se desdobrou numa nova dimensão, a começar em outubro de 2018, com o estabelecimento das caravanas migratórias como uma prática de trânsito. Essa mudança se traduziu no rompimento da prática migratória laboral, que tinha como a racionalidade sendo a ocultação individual, para uma lógica de visibilidade coletiva.

Em vista de desenvolver um olhar crítico sobre essa fase singular da migração histórica centro-americana, que será pensada através de duas dualidades – um corpo coletivo e visível e

corpo individual e invisível – a presente seção será dividida em três momentos: elucidar os dois fenômenos anteriores a essa prática e que auxiliaram na construção do modo de caravanear centro-americano; as caravanas migratórias entendidas como corpo coletivo e visível; e, por fim, ilustrar as lutas e as decisões diárias e individuais dos caravaneiros.

5.1.1 O modo de caravanear da América Central

Transitar pelo México na configuração de caravanas não é um acontecimento inédito. Tidos como precursores das caravanas migratórias, têm-se a *Caravana de Madres de Migrantes Desaparecidos* e a *Viacrucis Migrantes* (Huerta; Mclean, 2021).

A *Caravana de Madres de Migrantes Desaparecidos*, iniciada em 2006, é um movimento, que reúne mães e avós de imigrantes desaparecidos¹¹⁴ na rota América Central – México – Estados Unidos, para cruzarem o território mexicano, em busca de notícias de seus familiares (Huerta; Mclean, 2021). O caminho que percorrer é diversificado,

En búsqueda de los migrantes desaparecidos, esta caravana recorre las vías del tren de carga, las cárceles mexicanas, las zonas de bares y prostitución, las estaciones migratorias, los hospitales y las morgues. Las madres también visitan las oficinas de instituciones mexicanas como el INM, la SEGOB, el Senado o la Cámara de Diputados [...] (Pombo; Montes 2020, p. 19).

Esse fenômeno é visto como a primeira expressão da luta migrante centro-americana e envolve uma gama de articulação como, por exemplo, as habilidades de busca materna e os mecanismos do ativismo feminista. Ao caminhar juntas, as centro-americanas reivindicam o direito de terem o conhecimento sobre os paradeiros de seus entes e, em muitos casos, de terem a despedida póstuma e o luto (Huerta, 2016).

Já as *Viacrucis Migrantes* tiveram a sua primeira manifestação em 2011, momento em que dezenas de imigrantes e defensores dos direitos migratórios se reuniram para andarem unidos, desde a fronteira mexicana sul com a Guatemala até as cidades fronteiriças com os Estados Unidos, com o propósito de denunciar a situação vulnerável e perigosa enfrentada pelos imigrantes ao percorrerem esse caminho,

Migrants and migrants' rights defenders considered how to translate the situation that confronts migrants in transit to a broader audience in Mexico, a majority Catholic country. [...] Symbolizing the path taken by Jesus carrying the cross to his crucifixion, the *Viacrucis Migrante* sought to make visible the serious conditions of vulnerability

¹¹⁴ Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), agência do Sistema das Nações Unidas, desde 2014, período em que se iniciou a contagem, 8.017 imigrantes desapareceram nas rotas migratórias das Américas. O número de mortes na fronteira entre os Estados Unidos e México também é alarmante. De 2014 a 2022, registou-se a morte de 7.495 imigrantes, sendo 1.433 somente em 2022, o que foi considerado o ano recorde. Diante dessa conjuntura mortífera, a OIM, em março de 2023, lançou a "Rede sobre Migrantes Desaparecidos nas Américas", com o propósito de fortalecer os mecanismos regionais frente a essa tendência de mortes e desaparecimentos de imigrantes no continente (OIM, 2023).

that migrants suffer in a country that has statistics of disappearances, deaths, and massacres typical of a country at war. (Huerta; Mclean, 2021, p. 194).

Sendo visto também como uma expressão da luta imigrante centro-americana, as *Viacrucis Migrante* buscaram trazer evidência às atrocidades de um sistema migratório violento, moldado tanto pelos Estados quanto pelos atravessadores. Logo, exerceram papel fundamental na construção do que, anos mais tarde, viriam ser as caravanas migratórias, “[...] walking en masse, in the open, upon the highways controlled by the very immigration agents who collude in impunity with networks of human traffickers.” (Huerta; Mclean, 2021, p.195).

O que se observa, portanto, com esses dois fenômenos são o caráter político e contestador do êxodo centro-americano sobre as estruturas estatais vigentes e que o principal instrumento dessa refutação é o andar em grandes grupos. Essas duas ponderações iriam ter as suas maiores expressões com a formação das caravanas migratórias, a partir de outubro de 2018.

5.1.2 Corpo coletivo, visível e em movimento

Após décadas de uma mobilidade migratória solitária, que buscava meios de invisibilizar a caminhada, em outubro de 2018, a dinâmica do corredor América Central - México - Estados Unidos se alterou com caravanas migratórias, que traziam como *slogan* “No nos vamos porque queremos: nos expulsa la violencia y la pobreza.” (Bauer, 2020, p. 42).

Através da prática das caravanas migratórias, o êxodo centro-americano, entre o final de 2018 e início de 2019, sucedeu-se sob o método do corpo coletivo e visível – isto é, uma mobilidade pautada num trânsito cotidiano e em grandes grupos - com dezenas de pessoas do Triângulo Norte tentando alcançar os Estados Unidos (Huerta; Mclean, 2021). Logo, as caravanas se traduzem como uma performance da luta migrante centro-americana contra a gestão estadunidense e mexicana que, constantemente, vulnerabiliza e proclama os imigrantes como “criminosos/indesejados”,

[...] espouse non-traditional forms of political action (i.e., walking en masse), and understand their bodies as the final resource available to them for disobeying the border regime and, by joining with others, they attempt to protect themselves collectively. [...] the common objective of caravaners is to reach the northern border of Mexico alive. (Laura; Díaz, 2021).

A literatura identifica três grandes ondas das caravanas migratórias ocorridas entre outubro de 2018 e maio de 2019. É válido pontuar que essa divisão não expressa que houve somente três caravanas, mas que nesses momentos, em específico, a quantidade de imigrantes

em trânsito, as respostas estatais e a cobertura midiática foram intensas e diferenciadas do ocorrido em outras circunstâncias (Gandini *et al.*, 2020).

A primeira grande caravana se iniciou em 12 de outubro de 2018 em San Pedro Sula, a capital de Honduras. No momento da chegada à fronteira entre o México e a Guatemala, estima-se que o grupo era formado por, aproximadamente, 7.233 imigrantes. Após mais de um mês de caminhada, no dia 15 de novembro, a caravana alcançou a cidade mexicana Tijuana, que faz fronteira com os Estados Unidos, com estimados 6.000 caravaneiros (Leutert, 2020).

Em janeiro de 2019, sucedeu-se a segunda onda desse trânsito com cerca de 13.000 imigrantes e uma predominância de famílias, também saindo da capital hondurenha. Essa caravana coincidiu com o início do governo do presidente mexicano de Andrés Manuel López Obrado, que parecia, como relatado no capítulo anterior, “[...] indicar que con la nueva administración se inauguraba una política de puertas abiertas, tímidamente anunciada en una campaña presidencial donde el tema migratorio no fue central.” (Gandini, 2020, p. 62). Diante desse cenário, essa caravana foi marcada por uma maior possibilidade de permanência definitiva no México e, portanto, uma imobilidade calculada pelos imigrantes (Leutert, 2020).

Por fim, em março de 2019, ocorreu a terceira e última caravana com 3.000 deslocados, sendo planejada dentro do México. Isso pois, muitos imigrantes, que haviam decidido no início do ano solicitar refúgio ou o visto humanitário no México, viram-se sob uma longa demora em seus pedidos, o que gerou um sentimento de abandono por parte do governo mexicano (Gandini, 2020).

O que se percebeu, ao longo dessas três ondas, é a construção da dualidade coletivo e visível ao utilizar o corpo como instrumento da mobilidade. Aqui o sentido de corpo é tanto metafórico, ao pensar numa união de diversas pessoas seguindo o mesmo caminho “[...] Caminar, movilizarse, tomar decisiones tácticas, poner el cuerpo, acuerparse con otros en el camino, subir al tren, dormir en la vía pública, apelar a la solidaridad [...]” (Díaz; García, 2019, p. 258), como também na percepção corporal física de possibilitar percorrer o trajeto andando, independentemente dos meios tradicionais de transporte,

[...] the migrant caravan’s mode(s) of travel—walking, stopping, starting, bus hopping, sitting, waiting, sleeping—bring into sharp relief the ways that for those excluded from privileged mobility regimes, the body is in intimate concert with the material world it encounters. (Pallister-Wilkins, 2019).

Nessa lógica de trânsito, o corpo coletivo, visível e em movimento implica numa ação social e política, em que ao permanecerem juntos, os imigrantes se manteriam protegidos. Em outras palavras, as caravanas migratórias se tornaram um mecanismo de autodefesa contra as ameaças externas (Díaz; García, 2019). Além disso, permitiu o acesso, em certa medida,

igualitário dos centro-americanos às possibilidades de migrar para os Estados Unidos, visto que os atravessadores cobram valores exorbitantes (Laura; Díaz, 2021). Portanto, viajar em caravana viabilizou às pessoas de baixa renda um caminho relativamente seguro, mesmo que não possuíssem recursos financeiros,

Una noche llegué de trabajar, yo me acuerdo, un sábado, y me puse a ver noticias en la televisión y me fijé que ese día salían de San Pedro Sula a las 6 de la mañana. Pues yo me dije “aquí está mi oportunidad”, porque como no tengo capacidad para pagar a los mentados coyotes, cobran demasiado. (Pedro *apud* Cantalapiedra; Nava, 2020, p. 11).

Os meios de divulgação também promoveram uma adesão facilitada às caravanas, pois ocorreram, principalmente, por intermédio das redes sociais, como, por exemplo, o *WhatsApp* e o *Facebook*. Invés da invisibilidade e de um percurso guiado pelos coiotes, as caravanas, com o apoio dessas ferramentas digitais, permitiram que os caravaneiros, de maneira autônoma e conjunta, andassem até a fronteira norte do México (Gandini, 2020).

Logo, pode-se compreender que esse corpo coletivo e visível veio como uma oposição a como ocorria o trânsito pelo México – à noite, por estradas perigosas e, em muitos casos, utilizando o *La Bestia*, ou seja, a partir do método da individualidade e da invisibilidade –, para uma lógica de uma migração andada, à luz do dia, em grupos consolidado e não dispersos, apropriando-se das estradas, numa busca por serem vistos (Díaz; García, 2019).

Figura 3 – Primeira onda das caravanas migratórias caminhando à cidade de Tijuana



Fonte: El Colegio de la Frontera Norte (2018, p. 9)

Há uma ocupação dos espaços de trânsitos e uma contínua adaptação do percurso, além de ter alguns caravaneiros, que já possuíam certo conhecimento do trajeto, como “guias”, que lideravam o grupo nessa marcha coletiva,

Los transportes de la caravana fueron una combinación de caminatas, viajar en autobuses, pedir aventones y subirse a pick ups, camiones, tráileres, etcétera; [...] Los participantes de la caravana no siempre viajaban juntos, en masa, sino que se dividían en grupos, o incluso se atomizaron en familias e individuos cuando era menester para adaptarse y acceder a transportes y alojamientos, pero constantemente se volvían a reagrupar en muchedumbre en determinados momentos y circunstancias que lo requirieran. Por lo tanto, los grupos que componen la caravana van a diferentes velocidades, unos se adelantan y otros se atrasan, pero en determinados puntos los más adelantados acaban por esperar la llegada de los que quedaron atrás. La dispersión entre diferentes locaciones es tal que la caravana parece deshacerse. (Cantalapiedra, 2021, p. 155-156).

Esse corpo coletivo e visível era interpretado pelos centro-americanos como uma figura de pressão, que poderiam exercer, em conjunto, sobre o governo dos Estados Unidos na reivindicação do direito de asilo. A prática de caravanear se tornou, assim, um espaço público de mobilidade migratória, em que os imigrantes “[...] contestations with their feet.” (Laura; Díaz, 2021, p. 154).

Todavía, o tránsito migrante e todos os obstáculos presentes nesse trajeto, principalmente quando pensado como um acontecimento prolongado, abre múltiplas suscetibilidades e a necessidade de decisões individuais, que não são sentidas de maneira uniforme por todos os membros. À vista disso, faz-se fundamental uma reflexão sobre as caravanas migratórias também sob a dualidade do corpo individual e invisível, ao direcionar a óptica para o interior cotidiano dessa prática.

5.1.3 Sobreviver nas caravanas: as lutas diárias e individuais

Há uma característica central das caravanas migratórias, que torna a construção de um olhar crítico somente através da dualidade corpo coletivo e visível seja limitado: perfil dos caravaneiros. Como evidenciado anteriormente, desde 2014, o caráter do corredor América Central – México – Estados Unidos estava se alterando de uma migração laboral e masculina para um deslocamento forçado e familiar. A partir de 2018, com a prática de caravanear embasando essa paisagem migratória, a mudança se estabeleceu como a nova realidade,

[...] el modelo en caravanas es bullicioso, visible, colectivo, aparece impregnado de un carácter de denuncia, y está compuesto en gran medida por personas no incorporables a los sistemas productivos. Se unieron a la caravana parejas con niños recién nacidos, mujeres embarazadas, niños solos que buscaban la protección de otras familias, personas con discapacidades, hasta hombres con sillas de ruedas [...] (Palacios, 2021, p. 24).

Partindo dessa heterogeneidade dos imigrantes, pode-se se construir dois caminhos à compreensão do porquê é adotado o método da individualidade e invisibilidade em certas ocasiões. Em primeiro lugar, por consequência da grandiosidade das caravanas, muitos integrantes, que se enquadram nos grupos de maior vulnerabilidade corpórea¹¹⁵, como, por exemplo, as mulheres e as crianças, necessitaram incorporar o método do corpo individual e invisível para transitarem pelo México, já que o processo de uma migração andada e cotidiana não afeta igualmente todos os caravaneiros. Logo, o corpo, além de um mecanismo para a travessia, tornou-se um local privado a ser protegido pelo imigrante,

Depending on their resilience and their individual resources or those made available to them by others, migrants used various forms of agency to neutralize or resist the temporary or permanent particular situations of abuse and ‘othering’. (Pombo; Montes, 2020, p. 23).

Nota-se que há, dessa forma, a contestação do entendimento de que as caravanas migratórias são uma prática totalizante de autodefesa, como aponta Eduardo Torre Cantalapiedra:

[...] quienes compusieron las caravanas no consideraron que eliminaban por completo todos los riesgos que pudieran surgir a lo largo de la ruta. Para empezar, porque las personas que formaban parte de la caravana a veces desconfiaban y desconfiaban de sus compañeros de viaje (2021, p. 151).

Para ilustrar essa percepção, o autor traz a fala de uma imigrante salvadorenha, Maria, que expressa o medo vivenciado pelas caravaneiras, “[...] sí, también porque sabes que a veces en la caravana no conoces a la gente, a veces viene gente buena, [ya veces] gente mala. Hay gente que viene solo para hacer el mal” (María *apud* Cantalapiedra, 2021, p. 151).

Uma espacialidade desse trânsito cotidiano, que se configurou como um dos locais de maior propensão aos perigos vividos pelas mulheres e as crianças, foram os ambientes, onde dormiam durante as passagens pelos municípios mexicanos. A título de ilustração, na cidade de Tijuana, no momento da chegada da primeira caravana, o governo municipal construiu um abrigo improvisado no centro esportivo *Benito Juárez*, fornecendo, num primeiro momento, colchonetes às mulheres, crianças e pessoas doentes. Todavia, rapidamente a capacidade desse espaço excedeu, pois não houve uma fiscalização eficaz de quem entrava e, com isso, não se teve meios de garantir a segurança para esses grupos. (El Colegio de la Frontera Norte, 2018, p. 22). Consequentemente, não se dispunha de um controle de quem dormia ao lado.

¹¹⁵ É válido pontuar que aqui não se entende o sujeito vulnerável como sinônimo de indivíduo indefeso ou desamparado, que necessita de um terceiro para o proteger. O que se propõe é entender como, por exemplo, as mulheres e as crianças, inseridas nesse contexto violento e patriarcal, criaram estratégias para se protegerem, já que a vulnerabilidade não é condição permanente e sim uma consequência do ambiente em que estão se locomovendo. Em outras palavras, compreende-se que, mesmo numa situação de vulnerabilidade corpórea, as mulheres e as crianças são sujeitas ativas de suas trajetórias migratórias e das suas próprias proteções.

Figura 4 – Imigrantes alojados no centro esportivo Benito Juárez em Tijuana



Fonte: El Colegio de la Frontera Norte (2018, p. 22)

Ao surgir, assim, a necessidade de se invisibilizar e de se proteger como indivíduo, muitos imigrantes adotaram a estratégia de acompanhamento em pequenos grupos para se proteger dentro das caravanas (Cantalapiedra, 2021). Na maioria dos relatos, esses eram formados por familiares, amigos ou conhecidos,

Las mujeres han tenido una mayor necesidad de acudir a las estrategias de acompañamiento por sus condiciones de especial vulnerabilidad en el tránsito. Ellas buscan la protección de los varones para afrontar los peligros del camino [...] (Cantalapiedra; Nava, 2020, p. 7).

Ao analisar os dados, referente a uma pesquisa feita com a primeira caravana, que chegou em Tijuana¹¹⁶, nota-se que as mulheres apresentaram maior propensão a estarem acompanhadas por familiares (67%) em comparação aos homens (30,9%). Além disso, 41,3% das mulheres viajaram com os seus filhos (com ou sem os companheiros), enquanto somente 9,8% dos homens migraram com os seus descendentes (Cantalapiedra, 2021, p. 153). Num outro estudo¹¹⁷ realizado com caravaneiros em Matamoros, as evidências foram semelhantes às de Tijuana. Do total dos homens entrevistados, dois terços viajaram sozinhos, enquanto três

¹¹⁶ Dados obtidos de uma entrevista realizada pelo instituto de pesquisa *El Colegio Frontera Norte* entre 22 de novembro de 2018 e 13 de dezembro de 2018. Foram entrevistados, aproximadamente, 1.037 imigrantes, que estavam abrigados no centro esportivo Benito Juárez, Tijuana, situado na cidade de Tijuana, Baja California (Cantalapiedra, 2021, p. 119).

¹¹⁷ Dados obtidos de uma entrevista realizada pelo instituto de pesquisa *El Colegio Frontera Norte* entre 19 e 20 de fevereiro de 2019. Foram entrevistados, aproximadamente, 46 imigrantes, que estavam abrigados no albergue *Casa del Migrante "San Juan Diego"*, situado na cidade de Matamoros, Tamaulipas (Hernández, 2019, p. 21).

quintos do total de mulheres migraram acompanhadas, sendo que a maioria delas viajaram com os seus filhos e filhas e algumas com os seus companheiros (Hernández, 2019, p. 22).

O segundo sentido da adoção da lógica por individualidade, indo além da questão por proteção, pode ser percebido no aspecto de conciliar os planos individuais de seus projetos migratórios com os da caravana, visto que,

Cuando se viaja en caravana estas cuestiones no se deciden individualmente; los migrantes en su mayoría tienen que adaptarse a las rutas que han trazado y a las decisiones sobre el punto de destino en cada viaje. (Cantalapiedra, 2021, p. 155).

Com a pluralidade populacional das caravanas, as divergências no quesito de ritmo da caminhada e no tempo de parada em determinados lugares se tornou um desafio central na chegada ao México. Nesta etapa, muitos imigrantes viram os seus objetivos não coincidirem com os percursos decididos, em conjunto, pelos caravaneiros.

Para los migrantes menos experimentados, esto pudo constituir una ventaja en la medida en que no conocían los caminos y la caravana «ejerció de guía» para los mismos. Sin embargo, esto derivó en problemas para algunos integrantes de la marcha, ya que en que las rutas de la caravana y su velocidad de avance no se alineaban adecuadamente con sus intereses y objetivos migratorios particulares. (Cantalapiedra, 2021, p. 155).

Os autores Garibo e Call (2020) trazem a experiência da primeira caravana para elucidar esse contrapasso. Os centro-americanos, ao se aproximarem do norte do México, desmembraram em dois destinos diferentes, de acordo com o perfil populacional. As famílias com crianças seguiram para Tijuana, enquanto as rotas, que passam pelas cidades nortistas Reynosa e Laredo, foram a escolha de homens mais jovens, que queriam atravessar a fronteira rapidamente. Logo, esse desmembramento demonstra o conhecimento adquirido ao longo dos anos pelos centro-americanos, ao entender quais são as rotas tidas como mais “fáceis” para certos grupos de imigrantes,

Carlos (hondureño, 42 años, desempleado) siguió a la caravana hasta Tijuana por falta de recursos, pero señalaba su descontento porque esperaba que la caravana se hubiera ido por Reynosa u otra frontera donde sus opciones de lograr el cruce indocumentado fueran mayores. Con dos deportaciones en el año 2010 desde la frontera de Estados Unidos consideró que sus posibilidades de ganar la “pelea del asilo” eran escasas. (Cantalapiedra; Nava, 2020, p. 13).

Somado a decisão de qual trajeto escolher, ao chegarem nas cidades do norte do México, os imigrantes se viram num enquadramento constituído por uma sequência de obstáculos: tanto físico – muro construído pelo governo estadunidense, montanhas, rios – quanto humano – postos de policiamento e dispositivos tecnológicos de fiscalização -, além da dificuldade de compreender as leis migratórias estadunidenses (Cantalapiedra, 2021). Inseridos nessa imprecisão, as narrativas dos imigrantes passaram a ser num sentido de enfatizar que viveram “[...] la inmovilidad geográfica de los participantes de las caravanas, se decía que se

encontraban varados, suspendidos, atrapados, bloqueados, atascados, estancados, taponados, entrampados, inmovilizados, retenidos o en el limbo [...]” (Cantalapiedra, 2021, p. 192).

À vista disso, as caravanas foram, gradualmente, perdendo a funcionalidade como uma prática migratória coletiva e em movimento contínuo, e cada um dos membros – não somente mais aqueles com maior vulnerabilidade, que ao longo do trajeto já necessitavam criar seus próprios mecanismos de proteção e invisibilidade – tiveram de decidir seus futuros sob um ângulo individual.

Isso se deu, especialmente, como consequência da recusa dos Estados Unidos em aceitar os caravaneiros. Ou seja, o objetivo de, ao formar esse corpo coletivo, “forçar” o governo estadunidense a aceitar todos, falhou. Portanto, os caravaneiros tiveram as opções de (i) tentar solicitar individualmente asilo nos Estados Unidos; (ii) ir para outra região da fronteira para cruzar de maneira não autorizada; (iii) estabelecer-se no México de modo temporário ou permanente ou (iv) retornar aos seus países de origem (El Colegio de la Frontera Norte, 2018, p. 29). Portanto,

Una vez en la frontera, se iniciaba una nueva fase para los caravaneros. El muro entre México y Estados Unidos no solo significaba una barrera física infranqueable, sino que también representaba el fin de la movilización colectiva y el inicio de la búsqueda individual por la supervivencia. (Pombo; Montes, 2020, p. 29).

Diante dessa circunstância, percebe-se um regresso “[...] a la invisibilidad, la clandestinidad y las modalidades tradicionales de cruce de fronteras.” (Cantalapiedra, 2021, p. 200), que seria intensificado, a partir do ano de 2019, com as condutas de externalização da fronteira e políticas de desmantelamento do sistema de asilo estadunidense. Com isso, o primeiro semestre deste ano foi compreendido para literatura como o fim¹¹⁸ do episódio das caravanas migratórias do êxodo centro-americano, visto que, após meses de contínua mobilidade e tentativas de ingresso nos Estados Unidos, as condutas estatais desestabilizaram essa prática.

Todavia, os imigrantes não receberam essas medidas de maneira passiva e desistiram de seus projetos migratórios. Ao contrário disso, os centro-americanos arquitetaram uma nova prática migratória para que pudessem aguardar nas cidades mexicanas a oportunidade de ingressar nos Estados Unidos: o erguimento dos acampamentos informais.

¹¹⁸ É válido pontuar que ainda houve a formação de caravanas após a instauração do MPP, com imigrantes que, ao chegar na fronteira nortista mexicano, abrigaram-se nos acampamentos informais. Contudo, não foram nas mesmas proporções e força que as ocorridas entre final de 2018 e início de 2019 (Hale; Ma, 2023).

5.2 Os acampamentos informais na fronteira México-Estados Unidos

O fortalecimento das barreiras, tanto físicas quanto institucionais, forçam os imigrantes a buscarem diariamente novas rotas e estratégias para que possam alcançar os seus destinos. Ao se verem inseridos nesses contextos, os deslocados presenciam situações, em que não há apoio estrutural às suas permanências, tais como alojamento, alimentação e serviços básicos de saúde. Diante dessa situação, em que o deslocamento é prolongado, através dessa imobilidade precária forçada, os imigrantes contestam e resistem ativamente, ao formular meios para lidar com essa condição (Etzoldaand; Fechter, 2022).

Trazendo ao contexto das caravanas migratórias, o trânsito já era um processo longo devido à distância ser percorrida a pé, além das dificuldades impostas durante a jornada, como, por exemplo, o policiamento coercitivo mexicano (Solano *et al.*, 2022) e as condições geoinfraestruturais (Pallister-Wilkins, 2019). Logo, o deslocamento no corredor América Central – México – Estados Unidos era visto como “[...] fragmented, uncertain, and precarious mobilities [...]” (Rojas-Wiesner; Winton, 2019, p. 250).

Porém, a partir de 2019, com o estabelecimento do programa *Migrant Protection Protocols* e, posteriormente, a vigência da medida sanitária *Title 42*, fizeram com que a imobilidade se tornasse o padrão central dessa paisagem, pois os imigrantes tiveram de aguardar nos espaços de trânsito mexicanos a possibilidade de ingressar nos Estados Unidos para solicitar proteção humanitária.

Por consequência dessa espera prolongada, os imigrantes se viram num limbo e sem vagas suficientes nos abrigos, em razão das estruturas de acolhimentos das cidades fronteiriças mexicanas serem escassas¹¹⁹ e não conseguiram lidar com esse influxo de imigrantes retornando diariamente (Ibarra, 2021). A prática migratória articulada para lidar com esse movimento do desmantelamento do sistema de asilo estadunidense e a falta de assistência humanitária do governo mexicano, que ocasionaram a imobilidade, foi a formação de acampamentos informais nas zonas fronteiriças,

[...] el campamento fue en buena medida resultado de las políticas estadounidenses que generaron expectativas en la población migrante de que en algún momento podrían solicitar asilo en aquel país, especialmente con el cambio de administración. [...] Miles de migrantes, especialmente los que salieron de sus países de origen por la pobreza extrema y la violencia, no tuvieron opción de regresar a sus países, tampoco encontraron acomodo en México ni se les permitió solicitar asilo en Estados Unidos. (Cantalapiedra, 2022c).

¹¹⁹ Como salientado no capítulo anterior, a maioria dos abrigos nas cidades fronteiriças do México foi construído para alojar homens solteiros, já que esse era o padrão dominante nos anos anteriores às caravanas migratórias.

A estratégia dos imigrantes de permanecerem alojados, por determinado período, nas ruas das cidades fronteiriças mexicanas, enquanto aguardavam uma oportunidade de fazer a passagem para os Estados Unidos, não é algo inédito. Um dos exemplos mais significativos foi em 2016, momento em que dezenas de haitianos¹²⁰ chegaram à Tijuana e se estabeleceram nas ruas da cidade, ao passo que aguardavam a liberação do governo estadunidense para entrar, seguindo as normas da política do *metering* (Sanchíz, 2021).

O que fez, então, o episódio dos acampamentos informais entre 2019 e 2022 ser algo singular, são as proporções, o tempo de duração e a falta contínua de apoio humanitário tanto do governo mexicano quanto estadunidense, que esses tiveram (Tapia, 2023; Cantalapiedra, 2022b). Devido ser uma situação atípica à conjunta da fronteira Estados Unidos – México, a literatura latino-americana específica sobre esse fenômeno é limitada, tendo ainda poucos autores, que se debruçaram sobre o entendimento da realidade dos acampados, diferentemente do que ocorre com as caravanas migratórias, em que já há um arcabouço teórico consolidado (Cantalapiedra, 2022a) como evidenciado na introdução.

À vista disso, pode-se empregar os elementos teóricos formulados no enquadramento das migrações forçadas na Europa para compreender a formação destes campos improvisados. Em específico, o entendimento constituído pelos autores Thom Davies, Arshad Isakjee e Surindar Dhesi (2019), que são algumas das principais vozes contemporâneas a trazerem uma noção do que são os acampamentos informais.

É válido pontuar duas formas¹²¹ de como os autores Davies, Isakjee e Dhesi entendem que se erguem esses campos, o *Urban Squats* e o *Jungle Camps*. O primeiro modelo de campo é construído em espaços urbanos e vazios nas cidades de trânsito, indo desde a apropriação de edifícios abandonados até acampamentos sob pontes. Já o segundo tipo, refere-se aos campos improvisados em terrenos baldios ou ambientes mais rurais, e, normalmente, são espaços construídos com materialidade compostas por lonas plásticas, madeiras recicladas e barracas doadas (Davies *et al.*, 2019).

Em consideração a esses modelos desenvolvidos pelos autores, entende-se que os acampamentos informais na espacialidade da fronteira México – Estados Unidos são constituídos por uma combinação entre ambos. Em razão de, fundamentalmente, terem sido

¹²⁰ Na época, o governo de Tijuana teve uma rápida resposta de acolhimento e abriu abrigos temporários para que os haitianos pudessem se estabelecer (Sanchíz, 2021).

¹²¹ Há também uma terceira forma, os *adjunct camps*. Esses acampamentos são construídos próximos aos acampamentos dos assentamentos formais ou dos centros oficiais de recepção dos refugiados, tendo, assim, uma interação dinâmica entre essas duas geografias de campo (Davies *et al.*, 2019).

erguidos a partir da apropriação de espaços vazios nas cidades de trânsitos e com uma materialidade composta por lonas plásticas e barracas doadas,

La mayor parte de la población bajo el programa MPP no se encuentra alojada en albergues ni del gobierno ni de la sociedad civil, sino en otros espacios como campamentos improvisados y cuarterías. Por ejemplo, en Tijuana, existen campamentos en terrenos baldíos o lugares de estacionamiento donde viven decenas de familias en condiciones de extrema precariedad. En el caso de Matamoros, debido a la dificultad o imposibilidad de conseguir lugares en los albergues, un enorme campamento se instaló y fue creciendo rápidamente en las cercanías de la frontera [...] (Pombo; Carnero, 2019, p. 108).

Em vista à compreensão de como ocorreu a alteração de uma prática de mobilidade contínua para uma imobilidade permanente, diante das consequências das políticas estadunidenses, faz-se pertinente a observação de dois acampamentos¹²², um construído na cidade de Matamoros e o outro em Tijuana. Isso se deu a partir da averiguação de como e se podemos observar as duas dualidades em paralelo: o corpo coletivo e visível e o corpo individual e invisível, seguindo a reflexão construída sobre as caravanas migratórias

5.2.1 Corpo coletivo, visível e assentado: os campos de Matamoros e Tijuana

Como também ocorrido durante a prática das caravanas migratórias, a formação de um corpo coletivo, visível e assentado se deu na intenção de se ter uma proteção frente à precariedade do trânsito pelo México e viabilizar as demandas centro-americanas por asilo humanitário, ao exercer uma “pressão” sobre as autoridades estatais dos Estados Unidos.

O primeiro e maior acampamento foi erguido em Matamoros, que faz fronteira com a cidade estadunidense Brownsville, no Texas, e possui um dos principais portos de entrada para os Estados Unidos (Blue *et al.*, 2021). Conforme os imigrantes eram devolvidos ao México, para aguardarem o dia de suas audiências de asilo, formaram um alojamento improvisado perto da ponte internacional entre os dois países. Com o aumento das expulsões, durante o ano de 2019, essa espacialidade de assentamento foi ganhando mais dimensão e força (Tapia, 2021).

¹²² Houve outros acampamentos com dimensões menores, como, por exemplo, nos municípios de Ciudad de Juárez e de Reynosa.

Figura 5 – Localização geoespacial do campo informal em Matamoros



Fonte: Blue *et al* (2021, p. 10)

Estima-se que, até fevereiro de 2021, aproximadamente, 2.500 imigrantes se estabeleceram nesse acampamento, já que a capacidade dos abrigos da cidade comportava até 553 pessoas (Basset, 2020). As condições do campo eram precárias, pois as estruturas das tendas e das barracas foram feitas de lonas de plástico doadas por organizações não governamentais e entidades religiosas¹²³,

[...] this encampment lacked access to running water, personal hygiene care, and cooking facilities. At this time, asylum seekers bathed and washed their clothes in the Rio Grande River, which is contaminated with *E. coli* and other bacteria, and there were only ten port-a-potties, leading people to defecate along the riverbank. As a result, there have been severe health and hygiene issues in the camp. (Blue *et al.*, 2021).

Nesse contexto, houve uma tentativa significativa de auxílio por parte do México. Em novembro de 2019, o governo construiu um abrigo improvisado com acomodação para atender até 300 imigrantes (Blue *et al.*, 2021). Contudo, “[...] many asylum seekers also chose to remain in the tent encampment due to its visibility, the perceived safety in numbers, and its proximity to the international bridge.” (Tapia, 2021).

Compreende-se, então, que, enquanto transitar em caravana trazia visibilidade, no cenário dos acampamentos informais, é assentado ao lado da fronteira que se busca essa proeminência. Em outras palavras, os imigrantes usavam a imobilidade como um mecanismo

¹²³ Devido à lacuna assistencial tanto dos Estados quanto dos atores intergovernamentais, as entidades religiosas e as organizações não governamentais prestaram apoio humanitário aos imigrantes acampados. Em referência a esse último grupo, pode-se citar como as principais ONGs atuantes nesses campos: Médicos Sem Fronteiras e a Global Response Management (Hernández, 2021); Al Otro Lado, a Border Angel, *Chaparral Humanitarian Alliance* e a Team Brownsville no acampamento de Tijuana (Cantalapiedra, 2022b); e no campo de Matamoros, a *Resource Center Matamoros* e a *Solidarity Engineering* (Granquist, 2021; Solidarity Engineering, 2021).

para obterem a proteção humanitária dos Estados Unidos, “No, ... The only leverage we have is that they don’t want us here in the plaza, and so that would be the only thing that would create pressure to ask the US to let us enter the US.” (Imigrante *apud* Blue *et al.*, 2021, p. 11).

Essa recusa de se realocar para um abrigo longe da fronteira se justifica também com o receio por parte dos imigrantes de que, ao se instalarem em outro lugar, “perderiam” o lugar na fila do asilo, já que, na maioria dos casos, as informações não eram precisas sobre onde iriam ser transportados ou, como em ocasiões anteriores, eram “largados” na fronteira sul do México, tendo que fazer todo o trajeto novamente, ficando, assim, “[...] ‘out of sight out of mind’.” (Blue *et al.*, 2021, p. 11).

Dessa forma, foi-se constituído uma comunidade em que, por vários meses, o sentimento era de autonomia e proteção nesse espaço aberto frente à conjuntura coercitiva e de inação assistencial dos Estados estadunidense e mexicano. Isso é refletido no relato de uma voluntária de uma organização religiosa, que atuou na ajuda humanitária no campo, “They developed a sense of community among themselves, a way of protecting themselves and helping each other out.” (Voluntária *apud* Blue *et al.*, 2021, p. 11).

Consequentemente, nota-se um comportamento fundamental a ser considerado para compreender o porquê os imigrantes ergueram esse campo, como também o de Tijuana. A ideia que perpetuava entre eles era de que deveriam ficar o mais perto possível dos portos de entrada, pois, a qualquer momento, o governo estadunidense poderia autorizar as suas entradas (Cantalapiedra, 2022b). Essa percepção se assemelha com aquela difundida entre os caravaneiros, de que um corpo coletivo em movimento “forçaria” os Estados Unidos a aceitarem a entrada. Nessa conjuntura dos acampamentos, seria um corpo coletivo, imóvel e ao lado da fronteira a exercer essa pressão,

But why did asylum seekers want to be in such a dangerous and unhealthy place? Not only was it the only way to access humanitarian aid while awaiting U.S. processing, there was a rumor (eventually proved true) that, once MPP ended, everyone inside the camp would be allowed to cross. In short, entry into the Matamoros camp was the best bet for eventual entry into the United States. (Tapia, 2023, p. 33).

Até março de 2020, a situação parecia temporária, já que as audiências de asilo continuavam, mesmo que em ritmo lento e, com isso, havia um movimento contínuo de imigrantes, conforme eram aceitos pelo governo dos Estados Unidos. Todavia, a pandemia da Covid-19 alterou esse cenário. Perante o fechamento total da fronteira, somando com a quantidade de pessoas, que já estavam presas nas cidades do norte devido ao MPP, um novo acampamento foi construído informalmente na cidade de Tijuana, que já sofria com a carência nas estruturas de acolhimentos (Cantalapiedra, 2022b).

O acampamento de Tijuana, que ficou conhecido como *El Chaparral*, foi construído a partir de fevereiro de 2021 e durou, aproximadamente, um ano e ultrapassou mais de 1.500 pessoas (Cantalapiedra, 2022b).

Figura 6 - Tendões no acampamento *El Chaparral* em Tijuana



Fonte: Cantalapiedra (2022, p. 4)

Semelhante a ideia que se espalhava em Matamoros, os imigrantes acreditavam que ficar perto da fronteira seria a melhor opção para exercer uma pressão sobre o governo dos Estados Unidos para o aceitarem. Num curto período, o campo se estabeleceu como uma grande comunidade dentro da cidade de Tijuana, como apontado por Eduardo Cantalapiedra,

A mediados de febrero de 2021, migrantes de diversos países que pretendían solicitar asilo en Estados Unidos se fueron quedando a pernoctar en la banqueta y en una pequeña explanada aledaña a la puerta de entrada de la Garita de El Chaparral, en la ciudad fronteriza de Tijuana (México). Tenían la esperanza de que las autoridades estadounidenses les permitirían solicitar asilo en algún momento. En las primeras dos semanas se estima que la cifra de los congregados superó las 1.500 personas, decenas de tiendas de campaña conformaban un campamento, denominado al inicio como La Esperanza, pero más conocido como campamento El Chaparral. (2022b, p. 5).

O fato desse acampamento ter sido erguido após a posse, em janeiro de 2021, do presidente democrata dos Estados Unidos, Joe Biden, traz um questionamento significativo perante as consequências das políticas migratórias estadunidenses analisadas como um todo, não somente como críticas à gestão coercitiva de Trump. Como Biden em sua campanha

eleitoral prometeu uma resposta humanitária¹²⁴ à pauta migratória (Padden, 2020) e finalizou¹²⁵ o MPP¹²⁶ alguns meses após assumir a presidência (DHS, 2021), tinha-se a esperança que todos os imigrantes, que aguardavam no México, teriam a oportunidade de apresentar o seu pedido de asilo a um juiz estadunidense e permanecer nos Estados Unidos enquanto esses seriam julgados. Essa expectativa os motivou a se estabelecerem perto do porto de entrada de San Ysidro, já que, segundo suas percepções sobre as posturas de Biden, a qualquer momento a fronteira seria aberta (Cantalapiedra, 2022b).

Como aponta Rizzo (2021), os membros dos acampamentos demonstraram uma capacidade de agência política coletiva – como também ocorreu nas caravanas migratórias – de tanto ocupar um espaço federal como de se mobilizar em busca de seus direitos. A título de ilustração, em 2 de março de 2021, os imigrantes acampados em Tijuana realizaram uma caminhada pela cidade com placas dizendo a mensagem “*Biden Please let us in*”¹²⁷ (Cantalapiedra, 2022b, p. 11).

No entanto, a manutenção da medida sanitária *Title 42*¹²⁸ pela administração democrata, perpetuou o legado trumpista e manteve os imigrantes num limbo de desproteção,

¹²⁴ Com essa promessa de uma reforma no sistema migratório dos Estados Unidos, gerou-se um “efeito-atração” de centro-americanos ao país nos primeiros meses de seu mandato, semelhante ao ocorrido no início do governo Obama. A título de ilustração, em julho de 2021, o número de imigrantes detidos na fronteira foi de 200.658 imigrantes, sendo o recorde para esse mês em 21 anos. Como resposta, Biden delegou à vice-presidente, Kamala Harris, a função de gerenciar a questão da migração da América Central. Para tal, Harris, em fevereiro de 2021, firmou um pacote de investimentos financeiros e medidas administrativas com o TNAC, que tinham como intenção lidar com fatores geradores de deslocamento forçado e restabelecer as estruturas econômicas, políticas e sociais da região. Com isso, a *U.S. Strategy for Addressing the Root Causes of Migration in Central America* - similar à iniciativa *Alliance for Prosperity in the Northern Triangle* do governo Obama - buscou fomentar uma coalizão entre o Congresso estadunidense, os governos centro-americanos, os setores privados e públicos e as organizações da sociedade civil, num sentido de criar respostas coordenadas, de curto e longo prazo, ao utilizar a diplomacia e os recursos econômicos (Yayboke *et al.*, 2021).

¹²⁵ Esse foi o encerramento do MPP 1.0, pois, em agosto de 2021, um tribunal federal no Texas ordenou que o DHS reestabelecesse o programa, o que ocorreu em 06 de dezembro de 2021 sob a denominação de MPP 2.0 (American Immigration Council, 2022b).

¹²⁶ O único momento de atuação tanto do ACNUR quanto da OIM nessa conjuntura dos acampamentos informais, ocorreu no gerenciamento do final da primeira fase do MPP, em fevereiro de 2021. Na ocasião, como Biden, ao assumir a presidência em janeiro de 2021, ordenou o fim do programa, esses atores intergovernamentais, seguindo as orientações do governo estadunidense, administraram as listas com nomes dos imigrantes inscritos anteriormente no MPP e acampados em Matamoros, que poderiam ingressar nos Estados Unidos para aguardar a decisão dos seus processos de asilo nos centros de detenção (UNHCR, 2021). Com isso, houve a demolição desse campo, por parte do governo do mexicano, mesmo que nem todos os imigrantes tivessem sido aceitos. Já o *El Chaparral* foi demolido em fevereiro de 2022, numa parceria entre o governo estadual de Baja California e as autoridades municipais de Tijuana. De acordo com o México, na época, havia, aproximadamente, 400 imigrantes, que foram alocados em abrigos e foi fornecida a possibilidade de financiamento àqueles que quisessem regressar aos seus países de origem (Mendoza; Morrissey, 2022).

¹²⁷ Biden, por favor, deixe-nos entrar (tradução nossa).

¹²⁸ O *Title 42* foi encerrado em 11 de maio de 2023, momento em que se voltou a vigorar o *Title 8* (Wola, 2022).

Decenas de migrantes empezaron a quedarse a dormir en la calle aledaña a la Garita y al poco tiempo lo hacían con casas de campaña donadas. La mayoría sin opción de solicitar asilo en dicho momento por aplicación del título 42. Son varias las razones que les llevaron a quedarse en este asentamiento que iba tomando la forma de campamento: las penurias muchos de ellos estaban sufriendo en México –con trabajos precarios o sin empleo, algunos en situación de calle–, el anhelo de tener una oportunidad pedir protección internacional ante las autoridades de Estados Unidos después de las expectativas generadas por la nueva administración con sus promesas de cambio del sistema migratorio y de asilo, así como elevar sus voces y protestar ante las autoridades de ambos países por su situación, entre otras. (Cantalapiedra, 2022b, p. 7).

As semelhanças com a prática das caravanas migratórias não cessam somente no sentido de se constituir um corpo coletivo e visível e, mas também no entendimento que os acampamentos não representam um método de proteção totalizante, ao direcionar o olhar aos grupos com maior vulnerabilidade, como as mulheres e as crianças. O prolongamento do *MPP* e do *Title 42* somado pela inação dos Estados nessas espacialidades reforçaram isso. Como são estruturas visíveis à sociedade, devido principalmente por estarem localizados no meio das cidades mexicanas, o México, bem como os Estados Unidos, executou, estrategicamente, o que os autores Davies *et al* denominaram de “[...] turning a blind eye [...]” (2019, p. 221). Pois, se reconhecessem formalmente a existência desses espaços, os governos estariam reconhecendo também a sua responsabilidade com essa população atingida por suas políticas arbitrárias

Logo, uma expressão da “[...] violent inaction [...]” (Davies *et al.*, 2017) dominou as respostas estadunidenses e mexicanas frente a essas espacialidades. E, como ocorrido no interior das caravanas, as mulheres e as crianças moldaram estratégias para que pudessem se invisibilizar e proteger.

5.2.2 Busca por segurança, através da invisibilidade: ser mulher ou criança nos acampamentos

Mesmo que um dos propósitos dos acampamentos informais fosse a proteção coletiva e a permanência igualitária a todos os imigrantes, que quisessem se estabelecer nesses locais para aguardar a abertura das fronteiras estadunidenses, a livre entrada e saída aumentou a insegurança de alguns. Ao não fornecer nenhum tipo de resguardo, as autoridades estatais inseriram os acampados numa espacialidade de risco permanente, “There is no security in the night or in the day. [...]. There are no police, there is no security. When they threw us here from up there, they told us that there would be security, but there is no security.” (Imigrante *apud* Laughon *et al.*, 2023, p. 5).

Essa percepção de perigo se traduz tanto na espacialidade da própria barraca, como relatado na fala da advogada Lila Johnson, que atuou no apoio jurídico aos imigrantes no campo de Tijuana, “How are they going to protect themselves in a dome tent? ...just zip it open.”

(Johnson *apud* Blue *et al.*, 2021), como também nos espaços em comum, tais como as cozinhas e os banheiros compartilhados. No campo de Matamoros, as mulheres descreveram que certos lugares eram menos seguros do que outros,

Others said that they stayed away from the riverbank, where they had heard rumours of assaults. A concerning minority reported that portapotties and shower areas felt unsafe and that they avoided their use or used them only with trepidation. One woman reported that she had been assaulted there, and another said that her friend had been groped. Others have reported hearing rumours of attempted assaults near showers. (Laughon *et al.*, 2023, p. 5).

Em busca de reduzir essa insegurança, na medida do possível, muitas mulheres adotaram o método de invisibilizar para se manterem a salvo, como, por exemplo, com a estratégia de sair somente de suas barracas durante o dia, por medo do que poderia ocorrer à noite, momento em que os acampamentos, por carecer de iluminação, ficavam totalmente escuros (Laughon *et al.*, 2023). Vivendo diariamente nessa constante situação de temor, as narrativas de ansiedade perpassaram os relatos das mulheres, principalmente aquelas que tinham filhos, conforme apontado nos estudos clínicos com essa população,

Multiple participants described hearing stories of attempted kidnapping around the camp. Anxiety was high because of these stories. Women described the fear when children were briefly missing. Women were also worried about the sexual molestation of their children. [...] Multiple mothers expressed anxiety about it occurring whilst living closely with strangers. (Laughon *et al.*, 2023, p. 5).

Para tentar manter os seus filhos seguros, as mães restringiram as áreas, que tanto elas quanto as crianças poderiam caminhar, sendo, frequentemente, uma pequena região em torno de suas tendas e que conhecessem as pessoas alojadas ao redor (Laughon *et al.*, 2023). Essa estratégia de um isolamento cotidiano para se invisibilizar frente aos perigos, resultou num acesso limitado aos recursos do acampamento, como, por exemplo, as refeições,

For example, one participant described eating only two meals per day to avoid having to go out. When asked if she ever ate donated meals to stretch her food supply, she said she did not venture to get donated meals; it was too far and required her to stand amongst a crowd of strangers where she did not feel safe. (Laughon *et al.*, 2023, p. 6).

Por pressão da sociedade civil, baseada, principalmente, nos pontos evidenciados anteriormente da ambiguidade da fundamentação do *Title 42*, em março de 2021 (Morin, 2022) o governo permitiu a entrada de crianças desacompanhadas. Perante a essa condição de precariedade vivida pelos seus filhos, algumas mães optaram por os enviar sozinhos aos portos de entrada, para que pudessem ser processados pelo sistema de imigração e se unissem com parentes nos Estados Unidos, através do processo de reunificação familiar (Blue *et al.*, 2021).

Essa estratégia de escolher individualmente encaminhar os seus filhos desacompanhados para atravessar a fronteira, segundo a autora Bertha Alicia Bermúdez Tapia (2023), é uma tentativa de proporcionar o mínimo de bem-estar à criança, mesmo que seja

preciso inseri-lo em outra conjuntura hostil, como percorrer as zonas fronteiriças e ter que ser retido nos centros de detenção estadunidenses. Os autores Alfonso Mercado, Luz Garcini, Amanda Venta, Manuel Paris (2021) trazem as suas percepções sobre o relato de uma imigrante, Maria, que enviou o filho sozinho pela fronteira,

After that day, at times Maria felt hope about the future for the children, but at other times she felt only despair. No parent should be forced to make that decision. Both options—waiting in the inadequate refugee camp together or sending your children ahead alone—are fraught with peril and leave a parent to agonize and second-guess whether the option chosen was the best one. The wounds left on both parents and children will likely lead to irreparable lifelong psychological damage. The sense of loss and grief was evident in Maria. Even if she were reunified with her daughter someday, their bond may be disrupted and may lead to an insecure attachment. Both would likely feel guilt or shame for years to come. These are the overwhelming risks that come with all family separations (2021, p. 3).

Tanto essas estratégias adotadas nesse período de assentamento quanto às adotadas durante as caravanas, no sentido de invisibilidade e individualidade, demonstram como a execução e o prolongamento das medidas de fiscalização e de desmantelamento do sistema de asilo por parte dos Estados Unidos esvaziaram as estratégias da coletividade e visibilidade, pois como abordado por Martha Luz Rojas-Wiesner e Maria DeVargas, a “[...] visibility’ may lead to total control [...]” (2014, p. 206).

Em outras palavras, as caravanas migratórias e os acampamentos informais, símbolos da luta imigrante centro-americana, viram-se confrontadas pela tentativa de controle dos Estados. Isso se deu, em especial, com as ações orquestradas, *MPP* e *Title 42*, bem como por uma inação ao “abandonar” os imigrantes nos campos. Logo, a gestão migratória praticada pelos Estados Unidos e pelo México buscou transpassar, diretamente, o “fazer” à exaustão, seja dificultando o processo de asilo, ao impedir que os imigrantes entrassem em território estadunidense, ou os “largando” em ambientes adversos.

Portanto, no momento em que os imigrantes se veem inseridos num contexto prolongando do limbo e da incerteza, gerando um questionamento se a “força” coletiva teria efeito sobre essa conjuntura fronteiriça, é o método do corpo individual e invisível, como predominava nas décadas passadas, que irá delinear essa paisagem migratória. Demonstrando, assim, que a busca centro-americana por uma condição de vida digna e justa não cessará frente às posturas arbitrárias e ao esquecimento dos Estados Unidos e do México.

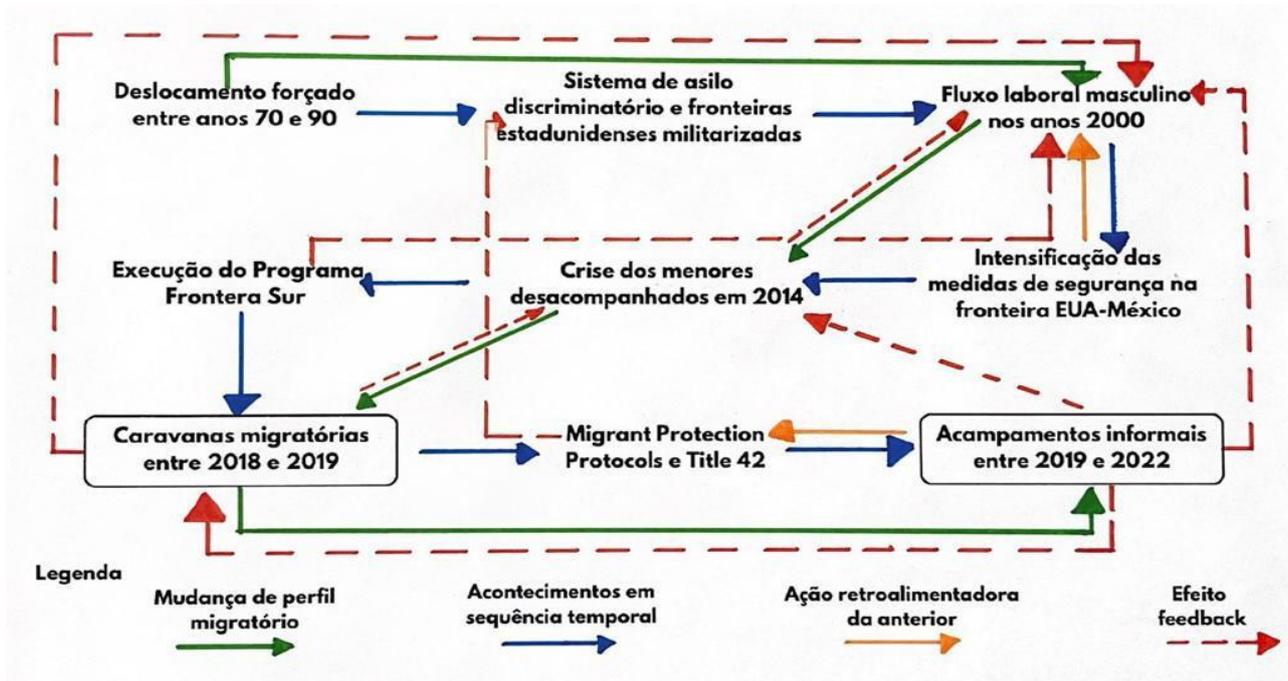
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando meios de construir um olhar crítico sobre a paisagem da migração centro-americana que pudesse, em certa medida, acoplar as interações entre os imigrantes e os Estados, a presente pesquisa teve como fio condutor a tipologia de práticas migratórias, métodos e estratégias de trânsito. A adoção desses termos se deu também em vista de fomentar uma análise, que tanto pudesse entender as características das primeiras fases ressoantes no recorte contemporâneo quanto como as caravanas migratórias e os acampamentos informais estabeleceram um novo modo de migrar centro-americano. Diante disso e sem a pretensão de esgotar a discussão, já que esse movimento migratório possui uma complexidade de camadas, pode-se delinear três ponderações finais.

A primeira é no sentido de que, durante as quatro fases do êxodo centro-americano se observou os movimentos dos Estados e dos imigrantes serem correlatos e sem precedentes. Em outras palavras, no momento em que o corpo imigrante centro-americano em trânsito se altera, como, por exemplo, de corpos femininos e infantis como ocorrido no deslocamento forçado entre os anos 70 e 90, para um corpo masculino como observado nos anos 2000, as políticas estadunidenses e mexicanas se desenharam para impedir que esse “novo” perfil de imigrante andasse até os Estados Unidos.

Todavia, a mudança daquele que se moveu ocorreu à proporção de que a gestão migratória praticada pelos Estados se consolidava como violenta e, assim, o trânsito dos grupos com maior vulnerabilidade corpórea se tornava mais dificultoso. Conforme ilustrado na figura 7, as dinâmicas nesse corredor são constituídas tanto pelas ações dos imigrantes quanto pelo aperfeiçoamento das políticas estatais, num sentido de que um reforça/causa o comportamento do outro.

Figura 7 – Mapeamento avançado das dinâmicas do êxodo centro-americano



Fonte: Elaborado pela própria autora

Pode-se recordar que, de acordo com a literatura (Pastor, 2011), a migração advinda da América Central teve a sua primeira grande expressão com os deslocamentos forçados entre os anos 70 e 90. Nesse delineamento, a prática da migração familiar foi empregada com, em certa medida, o método da coletividade e da visibilidade. Simultaneamente, os Estados Unidos, apesar de criarem um sistema de asilo em consonância às normas de proteção internacional, tratou os salvadorenhos e os guatemaltecos como imigrantes econômicos, ao adotar, além de um discurso contrário a esse deslocamento forçado, medidas de segurança nas fronteiras baseadas numa política de exclusão.

Diante de um cenário composto pela tentativa de reconstrução dos países centro-americanos no período após o fim dos conflitos civis e por essa conjuntura militarizada das zonas fronteiriças estadunidenses, os imigrantes ajustaram o modo de migrar indo para uma prática migratória laboral, ao utilizar o método da individualidade e invisibilidade. Simbolizado no mapa (ver figura 7) pela seta verde, essa foi a primeira alteração no perfil dos imigrantes como uma manifestação de seu poder de agência, ao articular novos modos para manterem a mobilidade.

É na conjuntura dos anos 2000, que se evidencia esse movimento ontológico entre os Estados e os imigrantes. Como salientado, a prática migratória exercida era a laboral, com predominância de homens se locomovendo pelo território mexicano. Os Estados Unidos, elevando a operacionalização das medidas de contenção no México, mantiveram a sua postura

coercitiva e de exclusão, ao ajustar e consolidar novas condutas de segurança nas fronteiras. O trânsito migrante se tornou mais árduo, principalmente com a utilização dos coiotes e a interferência dos cartéis no trajeto. Logo, há um reforço, representado na ilustração (ver figura 7) pela seta laranja, do emprego da prática solitária com o método do corpo individual e invisível.

Contudo, devido às circunstâncias externas, o corpo imigrante feminino e o infantil, a partir de 2014, necessitaram ajustar o modo de migrar para conseguirem, relativamente, transitar pelo México. Há, portanto, o uso, novamente, da prática migratória familiar, com os menores desacompanhados e as unidades familiares lutando para se locomover, ao adotar, parcialmente, o método do corpo coletivo e visível, mesmo que não fosse em grandes grupos, como visto nos anos posteriores. Esse momento é crucial na história da migração da América Central, pois, além dos Estados Unidos terem se empregado do discurso de crise migratória para justificar as suas ações coercitivas, é o início de uma nítida expressão da força da luta migrante centro-americana, ao se impor nesse cenário arbitrário e trazer os corpos imigrantes, tidos como vulneráveis, para o trânsito diário.

À vista desse influxo e mantendo a diretriz de sua gestão migratória, os Estados Unidos e o México executaram o *Programa Frontera Sur*. Devido a essa intensa fiscalização e militarização das zonas de passagem pelo território mexicano, aumentou-se a exaustão praticada pelos atores estatais e sentidas pelos imigrantes em movimento. Isso provocou um retorno à prática migratória laboral, com a adoção do método do corpo individual e invisível entre os anos de 2015 e 2017. Esse regresso é representado pela linha tracejada vermelha (ver figura 7). A escolha por usar a linha tracejada vermelha neste momento, bem como nos demais a serem relatados, justifica-se com a intenção de traduzir uma ligação de retorno a uma conduta ou prática antecessora, que não está plenamente determinada, mas que abre espaço para se ter um diálogo maior dessa relação.

Contudo, desde 2014, as condições no TNAC deterioraram-se e as diretrizes à restrição dos imigrantes em território estadunidense se fortaleceram com a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos. À frente dessa conjuntura, a luta imigrante centro-americana ganhou um novo capítulo com a prática das caravanas migratórias sendo utilizada para conduzir o trânsito pelo México. Essa pode ser vista como um aperfeiçoamento da migração familiar, em que os imigrantes instrumentalizaram os métodos do corpo coletivo e visível e do corpo individual e invisível para executar a mobilidade migratória e vencer as barreiras impostas pelos Estados, bem como se proteger contra os atores não estatais criminosos, que já se mostravam como um dos componentes centrais desse regime fronteiriço. Em razão da pluralidade

populacional dos integrantes, pode-se pontuar também que há uma ligação com prática laboral executada anteriormente, pois como evidenciado, muitos imigrantes homens, com propósitos de obterem emprego nos Estados Unidos, utilizaram-se das caravanas migratórias como meio de transporte seguro e barato até a fronteira norte, para que, assim, pudessem tentar uma travessia não autorizada.

Concomitante, como já enraizado, a finalidade dos Estados estadunidense e o mexicano foi de impedir que essa mobilidade fosse contínua. Logo, os Estados Unidos, intensificando o discurso de crise migratória e em parceria com o México, ajustaram as suas políticas para conter esse novo ascendente, principalmente, por meio do dismantelamento do seu sistema de asilo, que culminou numa intensificação da externalização de sua fronteira, já que o território mexicano foi a peça central das medidas adotadas. Nota-se uma semelhança com as posturas adotadas entre anos 80 e 90, em que, perante a um deslocamento forçado de grande maioria sendo de famílias, o governo estadunidense não somente buscou executar medidas militarizadas nas fronteiras, mas também fomentar políticas de asilo, que atrasassem ou impedissem as solicitações centro-americanas, como ocorreu com o *Migrant Protection Protocols* e o *Title 42*.

Com esses procedimentos, o regime de fronteira ganhou uma nova dimensão, pois o “esperar” no México não era mais apenas uma ferramenta operacionalizada pelos imigrantes, mas também uma diretriz da gestão migratória desses dois Estados. Diante dessa conjuntura de aguardar a oportunidade de solicitar asilo ou o andamento dos seus pedidos, a exaustão foi exercida por uma gama de aspectos, como, por exemplo, a falta de assistência humanitária e de moradia adequada. Assim, os imigrantes, como agentes ativos de seus processos migratórios, viram-se tendo que, novamente, adaptar as suas práticas.

Os acampamentos informais surgiram como uma expressão desse ajustamento, em razão dos imigrantes fomentarem uma prática em que o sujeito se tornou coletivo, visível e assentado. Porém, não houve uma ação direta dos Estados para desarticular, diretamente, os esses campos, somente a manutenção das políticas do MPP e do *Title 42*, retroalimentando, assim, a continuidade dessa visualidade.

O que ocorreu, de fato, foi uma inação e um abandono dos imigrantes acampados, com a intenção de exaurir pelo cansaço e desproteção gerados nessa visualidade do esperar imobilizado. Alguns optaram por aguardar a oportunidade autorizada de ingressar nos Estados Unidos. Já outros se viram retornando à prática da migração familiar, com o envio dos filhos sozinhos pela fronteira, e da laboral, executada principalmente pelos homens, sendo que ambas voltaram a utilizar o método da individualidade e invisibilidade.

Há, portanto, elementos circulares entre essas fases, que reforçam a complexidade e a historicidade do êxodo centro-americano. Retomando o esquema apresentado na introdução (ver figura 1), percebe-se que as escolhas tanto das práticas quanto dos métodos e estratégias são condicionadas por diversos fatores como, por exemplo, o cenário do TNAC, os recursos financeiros, o modo como os demais imigrantes estão migrando e as políticas executadas no momento pelos Estados Unidos e o México. Estas últimas também possuem uma variedade de bifurcação, que, continuamente, vão se reforçando para construir um ambiente mexicano cada vez mais arbitrário.

É frente a esse ambiente que se pode entender o porquê o novo modo de migrar centro-americano, que fez uso do método do corpo coletivo e visível numa percepção macro da situação, também necessitou adotar, simultaneamente, o método do corpo individual e invisível. Assim, respondendo à pergunta central desta dissertação, a interação entre as caravanas migratórias e os acampamentos informais ocorre tanto com a execução do corpo coletivo e visível quanto do corpo individual e invisível.

Para se trazer ilustrações da interação do emprego do corpo coletivo e visível, pode-se se citar as estratégias de trânsito de (i) formar grandes grupos, (ii) andar à luz do dia, (iii) de se apropriar de vias e espaços públicos (seja para andar ou para acampar), (iii) de tomar decisões em conjunto de quais rotas percorrer ou onde se assentar, (iv) além do compartilhamento de alimentos e locais de descanso. É importante ressaltar que, por mais que fossem práticas diferentes, e não necessariamente os mesmos centro-americanos, que estavam nas caravanas, acamparam na fronteira, percebe-se que essas estratégias se estabeleceram como um “consenso” desse novo modo de migrar.

Já a exemplificação da interação do emprego do corpo individual e invisível vai de encontro com a segunda ponderação. Essa se traduz na observada importância de se trazer a esfera individual, tanto pensando nos efeitos das políticas estatais sobre os corpos em trânsito quanto como imigrantes, mesmo inseridos em práticas migratórias coletivas, possuem experiência e desejos particulares. Em outras palavras, ao refletir sobre as caravanas e os acampamentos também a partir desse ângulo, não se minimiza os efeitos que o regime de fronteira exerceu sobre os corpos imigrantes e a realidade interna dessas práticas tidas como coletivas.

Ao “descer” o olhar ao nível do imigrante como indivíduo, percebe-se, portanto, que não há uma homogeneidade nas vivências. Isto é observado, sobretudo, em duas ocasiões cruciais: (i) no momento em que as políticas estadunidenses e mexicanas constroem e inserem os imigrantes num limbo de desproteção e desinformação, fazendo com que esses se

sentissem exaustos e sem perspectivas para o futuro; e (ii) na percepção de que, seja na mobilidade diária ou na imobilidade por um longo período, a vulnerabilidade era exacerbada, já que não se tinha um controle total e seguro de quem o acompanhava. Para diminuir essas adversidades, pode-se observar que as estratégias adotadas nas duas visualidades foram: (i) andar ou assentar na companhia de famílias e conhecidos de confiança, (ii) não utilizar alguns espaços comunitários, como banheiros e, (iii) em situação extrema, tentar atravessar a fronteira individualmente e sem autorização ou enviar os filhos sozinhos por esse caminho.

Por fim, a última ponderação se interliga com as duas primeiras ao entender que essa gama de dinâmicas descritas ocorreu, necessariamente, no México. Este território, portanto, na presença do trânsito centro-americano cotidiano e andado, mostrou-se como um local tanto de criação de estratégias de trânsito quanto de execução de políticas de contenção e do processo de externalização da fronteira estadunidense. Isso porque, como trazido por Martha Luz Rojas-Wiesner e Maria De Vargas,

[...] visibility can be a double-edged word, which on one side can lead to empowerment when it is closely related to recognition by others or to access to restricted resources or services. But on the other, it can also facilitate control, exclusion, and discrimination by others, creating an ambivalent situation for migrants (2014, p. 206).

Em outras palavras, por mais que, na maioria dos casos, a intenção não fosse num estabelecimento duradouro nesse país, é no México que os imigrantes se tornam visíveis, mesmo quando tentam ser invisíveis, e que fomentam tanto a mobilidade quanto a imobilidade. Para os centro-americanos, as rotas mexicanas foram os ambientes em que se sentiram e foram coagidos, mas que também tiveram a possibilidade de criar e executar as suas práticas, métodos e estratégias.

Partindo dessas três ponderações, notou-se uma comprovação da necessidade de ampliar o debate ao tensionar os acampamentos informais e a esfera imigrante como indivíduo, como apresentado na dupla lacuna na introdução. Essa corroboração se traduz em dois sentidos. O primeiro se concebe no entendimento de que, ao trazer esses dois alargamentos, há um reforço o poder da agência migrante em (i) se proteger como indivíduo, ao buscar estratégias, que reduzam as vulnerabilidades presentes nessas práticas tida coletivas e (ii) ajustar as práticas para não serem “vítimas passivas” das políticas estadunidenses e mexicanas, que os exauriram. Defende-se, então, que é na mudança, seja de método ou de prática, que se expressa e se reforça a maior potencialidade da agência migrante, já que as caravanas e os acampamentos não são meras respostas às políticas estatais, mas sim criações.

Em segundo lugar, percebeu-se que no quadro atual dessa paisagem migratória, e, em certa medida, nas fases anteriores, o viés da mobilidade não é suficiente, já que a imobilidade se faz, continuamente, presente. Logo, a imobilidade, que tem a sua maior expressão nos acampamentos informais, não pode ser vista somente como uma consequência da gestão migratória por parte dos Estados, mas como uma expressão da agência migrante em transformar o território mexicano num local de assentamento.

Esse ponto se liga com o primeiro desencontro observado em relação aos conceitos trazidos do Estudos Críticos das Migrações. Como discorrido no segundo capítulo, a noção de mobilidade migratória possui uma centralidade nos debates críticos migratórios, em especial no delineamento europeu, tanto como um ato a ser governado, na expressão da hipermobilidade, quanto como uma ramificação da luta migrante, sendo este último tendo maior convergência com o observado no enquadramento aqui estudado. No contexto do corredor migratório América Central - México - Estados Unidos, observa-se que a mobilidade é gerenciada para provocar uma imobilidade permanente. Com isso, faz-se necessário um alargamento nos entendimentos teóricos da interação entre a mobilidade e a imobilidade migratória. Já que, a imobilidade parece se materializar com a mesma centralidade, ou até mesmo com uma maior influência, em relação à mobilidade, tanto nas experiências dos imigrantes quanto nas diretrizes das políticas estatais.

Há um segundo desencontro que se refere a uma possível necessidade de ampliação também do debate da política de exaustão para contemplar como essa é praticada pelos Estados e é sentida pelos centro-americanos. Isso se dá em razão da conjuntura desse corredor ser pautada quase que, unicamente, por um duplo movimento de migrar andando e uma imobilidade duradoura. Logo, a exaustão pode adentrar no corpo imigrante numa conformação divergente dos entendimentos originais dessa perspectiva. Bem como os Estados podem operacionalizar outras bifurcações dessa política para exaurir o imigrante durante o trânsito a pé ou no assentamento prolongado.

No que tange os encontros, por mais que os Estados Unidos para agir coercitivamente contra os imigrantes ao longo da história não tenham se empregado, a todo o momento, do discurso de crise migratória, nos dois acontecimentos mais recentes da mobilidade migratória centro-americana - crise dos menores desacompanhados e as caravanas migratórias - foi-se instrumentalizado essa ferramenta para justificar as ações de contenção. Portanto, há uma convergência com a noção formulada na literatura europeia, podendo, assim, ser visto como um comportamento comum os líderes das grandes potências para embasar as suas gestões migratórias violentas.

Um segundo encontro observado é na percepção da fronteira ser vista como móvel e condicionada aos movimentos migratórios. Conforme os Estados Unidos coagiram o México a barrar os centro-americanos em trânsito por seu território, as autoridades mexicanas adentravam, cada vez mais, nas rotas migratórias para coibir a mobilidade, como, por exemplo, visto na fase da migração laboral masculina. Além disso, as caravanas migratórias, com o seu trânsito diário desde a fronteira sul com a Guatemala até a norte com os Estados Unidos, e os acampamentos informais, erguidos nos espaços urbanos das cidades nortistas mexicanas, demonstraram que a fronteira não é somente a linha territorial, que separa os dois países, mas é todo o território do México.

Tendo em vista essa discussão, buscou-se contribuir ao debate das migrações forçadas na área das Relações Internacionais, em especial à agenda latino-americana, ao trazer tanto uma centralidade à conjuntura da América Central quanto ao imigrante como o agente ativo dessa paisagem migratória desenhada. Com isso, elucidar como se pode construir caminhos em que essa região, bem como as suas bifurcações envolvidas, não seja entendida somente como uma peça da gestão estadunidense, mas como produtora de impulsos e autônoma em suas dinâmicas.

No entanto, para que se verifique a viabilidade dos dois desencontros mencionais, bem como expandir as discussões trazidas, em especial, na segunda e na terceira ponderação, faz-se necessária a elaboração de estudos direcionados, especificamente, às experiências e às percepções dos centro-americanos em trânsito pelo território mexicano. À vista disso, trazer um delineamento, em que se pode dimensionar tanto os efeitos das políticas estatais sobre os corpos imigrantes quanto como esses criam mecanismos na mobilidade e imobilidade cotidiana do migrar centro-americano no México, indo além das práticas das caravanas migratórias e dos acampamentos informais, torna-se um possível caminho a ser percorrido em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ABREGO, Leisy J.; MENJÍVAR, Cecilia. Central American Migration to the United States: historical roots and current conditions. *In*: FELDMANN, Andreas E.; BADA, Xochitl; DURAND, Jorge; SCHÜTZE, Stephanie. **The Routledge History of Modern Latin American Migration**. Abingdon: Routledge, 2022.

ACLU. **Timeline of the Muslim Ban**. 25 de março de 2021. Disponível em: <https://www.aclu-wa.org/pages/timeline-muslim-ban>

ACNUR. **A Cor da Fuga**. 07 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/07/a-cor-da-fuga/>. Acesso em: 15 de março de 2023.

ADAMS, James Truslow. **The Epic of America**. Abingdon: Routledge, 1931.

AGUDO, Alejandro Agudo; NEIRA, Yerko Castro. Posicionamiento sobre el contexto migratorio en México. **Universidad Iberoamericana Ciudad de Mexico**. 2021

ALVAREZ, Priscilla. US saw a two-decade high in border crossings in July. **CNN**. 31 de agosto de 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/08/12/politics/us-mexico-border-migrants/index.html>. Acesso em 04 de março de 2023.

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. **A Guide to Title 42 Expulsions at the Border**. 2021. Disponível em: <https://www.americanimmigrationcouncil.org/research/guide-title-42->

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. **An Overview of U.S. Refugee Law and Policy**. 2022a. Disponível em: <https://www.americanimmigrationcouncil.org/research/overview-us-refugee-law-and-policy>

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. **Asylum in the United States**. 2020. Disponível em: <https://www.americanimmigrationcouncil.org/research/asylum-united-states>

AMERICAN IMMIGRATION COUNCIL. **The “Migrant Protection Protocols”**. 2022b. Disponível em: <https://exchange.americanimmigrationcouncil.org/research/migrant-protection-protocols>

AMNESTY INTERNATIONAL. **Víctimas invisibles: Migrantes en movimiento en México**. 2010. Disponível em: <https://www.amnesty.org/es/documents/amr41/014/2010/es/>

ANDERSON, Bridget. New directions in migration studies: towards methodological de-nationalism. **Comparative Migration Studies**, v.7, n. 36, 2019.

ANGULO-PASEL, Carla. Rethinking the space of the migrant shelter in Mexico: humanitarian and security implications in the practices of bordering. **Identities**, v. 29, n. 6, p. 730-747, 2022.

BAERWALDT, Neske. The European refugee crisis: crisis for whom? **European Border Communities**. 01 de março de 2018. Disponível em: <https://www.europeanbordercommunities.eu/blog/the-european-refugee-crisis-crisis-for-whom>. Acesso em: 07 de setembro de 2022.

BARQUERO, Juan C. Méndez. Los flujos extraregionales en tránsito por centroamérica: una revisión de literatura y miradas futuras para comprender un complejo fenómeno migratorio. **REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, v. 29, n. 62, p. 189-208, 2021.

BASOK, Tanya *et al.* (orgs.). **Rethinking Transit Migration: Precarity, Mobility, and Self-Making in Mexico**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

BASSET, Lucy. Living in a tent camp on the US/Mexico border: The experience of women and children in Matamoros, Mexico. **Project Adelante**. 2020.

BAUER, Elizabeth. Dos crisis que explican las dinámicas migratorias más recientes en los tres países del norte de centroamérica. **REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, v. 28, n. 60, 2020.

BENINCASA, Valentina; CORTÉS, ALMUDENA. Humanitarizando la movilidad en México: la migración centroamericana como problema humanitario. **Oñati Socio-Legal**, v. 11, n. 3, 2021.

BERGERON, Claire. Temporary Protected Status after 25 Years: Addressing the Challenge of Long-Term “Temporary” Residents and Strengthening a Centerpiece of US Humanitarian Protection. **Journal on Migration and Human Security**, v. 2, n. 1, 2018.

BLUE, Sarah A. *et al.* Im/Mobility at the US–Mexico Border during the COVID-19 Pandemic. **Social Sciences**, v.10, n. 2, 2021.

BOOTH John A.; WADE, Christine J.; WALKER, Thomas W. **Understanding Central America: global forces, rebellion, and change**. 5ª ed. Boulder: Westview Press, 2010.

BOSWORTH, M; *et al.* Punishment, globalization and migration control: ‘Get them the hell out of here’. **Punishment & Society**, v. 20, p. 34-53, 2018.

BRIGDEN, Noelle K. A visible geography of invisible journeys: Central American migration and the politics of survival. **Journal Migration and Border Studies**, v. 4, n. 1, p. 71- 88, 2018.

BRIGDEN, Noelle; Mainwaring, Ćetta. Matryoshka Journeys: Im/mobility During Migration. **Geopolitics**, v. 21, n. 2, 2016.

CAMP. **The Border Project**, 2021. Disponível em: <https://borgenproject.org/matamoros-refugee-camp/>

CAMPOS-MEDINA, Patricia. **Not legal. Not illegal. Just TPS. Examining the integration experience of Central American immigrants living under a regime of long-term temporality**. Tese. (Doutorado em Filosofia). University of New Jersey. Newark. 2019.

CÁNOVAS, Andrés Pedreño. Agência (capacidade). In: CAVALCANTI, Leonardo *et al* (ed.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB. 2017. p. 58-62.

CANTALAPIEDRA, Eduardo Torre. **Caravanas: Sus protagonistas ante las políticas migratorias**. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte. 2021.

CANTALAPIEDRA, Eduardo Torre. El Campamento de migrantes en Tijuana 2021 - 2022: Etapas, agencia migrante y acciones gubernamentales. **El Colegio de la Frontera Norte**. 2022b.

CANTALAPIEDRA, Eduardo Torre. El estudio de las caravanas migrantes en México. **Revista Académica del CISAN-UNAM**, v. 17, n. 2, 2022a.

CANTALAPIEDRA, Eduardo Torre. Una mirada a la experiencia del campamento migrante de Tijuana. **Migracion Nexos**. 18 de fevereiro de 2022c. Disponível em: <https://migracion.nexos.com.mx/2022/02/una-mirada-a-la-experiencia-del-campamento-migrante-de-tijuana/>

CANTALAPIEDRA, Eduardo Torre; NAVA, Dulce María Mariscal. Batallando con fronteras: estrategias migratorias en tránsito de participantes en caravanas de migrantes. **Estudios Fronterizos**, v. 21, p. 1-21, 2020.

CÁRDENAS, Maritza. Introduction. In: CÁRDENAS, Maritza E. **Constituting Central American–Americans**. New Brunswick: Rutgers University Press. 2018

CARNEGIE CORPORATION OF NEW YORK. **What Does the End of Title 42 Mean for U.S. Migration Policy?** 05 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.carnegie.org/our-work/article/what-does-end-title-42-mean-us-migration-policy/>. Acesso em 01 de julho de 2023.

CASAS-CORTES, M. *et al*. New Keywords: Migration and Borders. **Cultural Studies**, v. 29, n.1, 2014.

CASTILLO, Manuel Ángel; TOUSSAINT, Mónica Ribot; VÁZQUEZ, Mario Olivera. Espacios diversos, historia en común. México, Guatemala y Belice. La construcción de una frontera. **Revista LiminaR: Estudios sociales y humanísticos**, v. 6, n. 1, 2008.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark. **The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World**. New York: Palgrave, 1993.

CAVALCANTI, Leonardo *et al*. Um convite às teorias e conceitos sobre migrações internacionais. In: CAVALCANTI, Leonardo *et al* (ed.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB. 2017. p. 12-30.

CEASER, James W. The Origins and Character of American Exceptionalism. **American Political Thought: A Journal of Ideas, Institutions, and Culture**, v. 1, 2012.

CENTRE FOR CRITICAL MIGRATION STUDIES. **Centre for Critical Migration Studies**. 2014. Disponível em: <http://www.criticalinstitute.org/centres/cms/>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

CHAIM Margarita Núñez; VARELA-HUERTA, Amarela; GLOCKNER, Valentina. Caravanas migrantes y el régimen de control fronterizo en México en Tiempos pandémicos. El caso de la caravana de los 50 días. **Textos y Contextos**, n. 26, 2023.

CHEATHAM, Amelia; ROY, Diana. Central America's Turbulent Northern Triangle. **Council on Foreign Relations**. 2022.

CHEVIGNY, Paul. A repressão nos Estados Unidos após o atentado de 11 de setembro. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, n. 1, p.151–167, 2004.

CHIACU, Doina; ESPOSITO, Anthony. Trump says may tie Mexican immigration control to NAFTA. 23 de abril de 2018. **Reuters**. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-trade-nafta-trump-idUSKBN1HU1ZE>. Acesso em 18 de novembro de 2022.

CHIMNI, B. S. The Geopolitics of Refugee Studies: A View from the South. **Journal of Refugee Studies**, v, 11, n. 4, p. 350–374, 1998.

CHISHTI, Muzaffar; HIPSMAN, Faye. Dramatic Surge in the Arrival of Unaccompanied Children Has Deep Roots and No Simple Solutions. **Migration Policy Institute**. 2014. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/dramatic-surge-arrivalunaccompanied-children-has-deep-roots-and-no-simple-solutions>

CHISHTI, Muzaffar; PIERCE, Sarah; BOLTER, Jessica. The Obama Record on Deportations: Deporter in Chief or Not? **Migration Policy Institute**. 26 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/obama-record-deportations-deporter-chiefnot#:~:text=Barack%20Obama%20was%20famously%20labeled,being%20soft%20on%20unauthorized%20immigrants>.

COHEN, James. Capitalist transformation, social violence and transnational migration. The Obama-Clinton legacy in Central America in macro-sociological and strategic perspective. **Revue de recherche en civilisation américaine**, v. 7, p. 1-12, 2017.

COLARES, Elisa Sardão. **Entre ir, (não) chegar e (não) voltar: as dinâmicas dos deslocamentos forçados de crianças centro-americanas e mexicanas para os Estados Unidos**. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade de Brasília. Brasília. 2019.

COLEMAN, Mathew. Immigration geopolitics beyond the Mexico-US border. **Antipode**, v. 39, n. 1, p. 54–76, 2007.

COLLYER, Michael. Stranded Migrants and the Fragmented Journey. **Journal of Refugee Studies**, v. 23, n. 3, p. 273–293, 2010.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. **The Trump Administration's "Zero Tolerance" Immigration Enforcement Policy**. 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R45266>

CORDERO, Blanca *et al.* América Latina en movimiento. Migraciones, límites a la movilidad y sus desbordamientos. **Universidad Autónoma de la Ciudad de México**. 2019.

CORNELIUS, Wayne. Mexico: From Country of Mass Emigration to Transit State. **Inter-American Development Bank**. 2018.

CORREA-CABRERA, Guadalupe; KOIZUMI, Naoru. Explicando las caravanas migrantes: ¿hipótesis de trabajo, activismo académico o teorías conspirativas? **Frontera Norte**, v. 33, 2021.

CORREA, Paulo Mortari Araújo. **As maras e pandillas no Triângulo Norte da América Central e a atuação dos Estados Unidos em seu combate**. Dissertação. (Mestrado em Relações Internacionais). Programa San Tiago Dantas (UNESP, Unicamp e PUC-SP). São Paulo. 2015.

COSTA, Claudia Silvana. **Refugiados no contexto das mudanças ambientais**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2011.

COUBÈS, Marie Laure; VELASCO, Laura; CONTRERAS, Oscar. Migrantes en albergues en las ciudades fronterizas del norte de México. **El Colegio de la Frontera Norte**. 2020.

COUTIN, Susan Bibler. Falling Outside: Excavating the History of Central American Asylum Seekers. **Law & Social Inquiry**, v. 36, n. 3, 2011.

CUTTITA, Paolo; HÄBERLEIN, Jana; PALLISTER-WILKINS, Polly. Various Actors: The Border Death Regime. *In*: CUTTITTA, Paolo; LAST, Tamara (org.). **Border Deaths: Causes, Dynamics and Consequences of Migration-related Mortality**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019. p. 36-51.

DAVIES, Thom; *et al.* Informal migrant camps. *In*: MITCHIELL, Katharyne; *et al.* (org.) **Hanbook on Critical Geographies of Migration**. Cheltenham: Edward Elgar Pub, 2019.

DAVIES, Thomas; *et al.* Violent inaction: the necropolitical experience of refugees in Europe. **Antipode**, v. 49, n. 5, 2017.

DIAS, Guilherme Mansur; SPRANDEL, Marcia Anita. Criminalização das migrações. *In*: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (ed.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB. 2017. p. 153-64.

DÍAZ, Sergio Prieto. **Cartografías de la subalternidad migratoria: bestialización, inhumanidad y contrahegemonía en el contexto del Plan Frontera Sur de México**. Tese. (Doutorada em Ciências Sociais e políticas). Universidad Iberoamericana. Cidade do México. 2017.

DOMENECH, Eduardo; DIAS, Gustavo. Regimes de fronteira e “ilegalidade” migrante na América Latina e no Caribe. **Sociologias**, v. 22, n. 55, p. 40-73, 2020.

DURAND, Jorge. El subsistema migratorio mesoamericano. *In*: HEREDIA, Carlos (coord.). **El sistema migratorio mesoamericano**. Ciudad de México-Tijuana: CIDE- El Colef, 2016, p. 23-59.

DURAND, Jorge. The Mesoamerican Migration System. *In*: FELDMANN, Andreas E.; BADA, Xochitl; DURAND, Jorge; SCHÜTZE, Stephanie. **The Routledge History of Modern Latin American Migration**. Abingdon: Routledge, 2022.

DÜVELL, Franck. The ‘Great Migration’ of summer 2015: analysing the assemblage of key drivers in Turkey. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 45, n. 12, 2019.

DWYER, Devin. Obama Calls Surge of Children Across US Border 'Urgent Humanitarian Situation'. **ABC News**. 02 de junho de 2014. Disponível em: <https://abcnews.go.com/blogs/politics/2014/06/president-obama-calls-surge-of-children-across-us-border-urgent-humanitarian-situation> Acesso em: 07 de outubro de 2022.

ECHEVARRÍA, Miguel Ángel Soto; GONZÁLEZ, Xavier Oliveras. Campamento de solicitantes de asilo en Matamoros. **Bajo Bravo Rio Grande Valley**, v. 6, n. 22, 2019.

ETZOLD, Benjamin; FECHTER, Anne-Meike. Unsettling protracted displacement: connectivity and mobility beyond ‘Limbo’. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 48, n. 18, p. 4295–4312, 2023.

FAGETTI, Valentina Glockner. Las Caravanas Migrantes como estrategia de movilidad y espacio de protección, autonomía y solidaridad para los adolescentes centroamericanos. **Revista de Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana**, v. 14, n. 27, 2019.

FELIX, Jorge. Saskia Sassen: “Não é imigração, é expulsão”. **Ponto-e-Vírgula**, n. 8, p.171-179, 2015.

FOSSEN, Emily. MPP Has Created A Refugee Camp in Mexico—Why Aren’t We Treating It Like One? **Niskanen Center**. Disponível em: <https://www.niskanencenter.org/mpp-has-created-a-refugee-camp-in-mexico-why-arent-we-treating-it-like-one/>

FÜHR, Rodrigo; ANSCHAU, Ana Laura; GONÇALVES, Veronica Korber. As caravanas migratórias da América Central e os EUA: uma investigação sobre as consequências de se negligenciar o nexo migração-clima. **Monções: Revista De Relações Internacionais Da UFGD**, v. 10, n. 19, p. 529–560, 2021.

G1. **Quais são os 10 países mais ricos do mundo?** 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/01/29/quais-sao-os-10-paises-mais-ricos-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

GAHDINI, Luciana. Caravanas Migrantes: respuestas institucionales diferenciadas a la reorientación de la política migratoria. **REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, v. 28, n. 60, 2020.

GALUP. **Immigration**. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/1660/immigration.aspx>

GANDINI, Luciana. Las “oleadas” de las caravanas migrantes y las cambiantes respuestas gubernamentales. Retos para la política migratoria. In: GANDINI, Luciana; GONZÁLEZ Nuria (eds.). **Caravanas migrantes: las respuestas de México**. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Jurídicas, Universidad Nacional Autónoma de México, 2019.

GARCÍA, Jacqueline Alejandra Ramos *et al.* The Border City of Reynosa and the Shelters for Mexican Deported Migrants. **Migraciones Internacionales**, v. 12, n. 10, 2021.

GARIBO, María Georgina García; CALL, Tristan P. Caravanas de personas migrantes como expresiones contradictorias de tácticas de sobrevivencia y prácticas de subjetivación política. **Entre Diversidades: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, v. 7, n. 2, p. 59-93, 2020.

GARZA, Claudia Yadira Perales. Ley de Migración: “Reforma a Cuentagotas”. **Instituto de Investigaciones Jurídicas de la UNAM**, n. 137, p. 749-767, 2013.

GILMAN, Denise. Barricading the Border: COVID-19 and the Exclusion of Asylum Seekers at the U.S. Southern Border. **Frontiers Journal Series**, v. 2, 2020.

GILMAN, Denise. Obstructing human rights: The Texas-Mexico border wall. **The Working Group on Human Rights and the Border Wall**. 2008.

GOODMAN, Carly. Like Donald Trump, Ronald Reagan tried to keep out asylum seekers. Activists thwarted him. **The Washington Post**. 02 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/made-by-history/wp/2018/07/02/line-donald-trump-ronald-reagan-tried-to-keep-out-asylum-seekers-activists-thwarted-him/>. Acesso em 21 de janeiro de 2023.

GORMAN, Cynthia S. Redefining refugees: Interpretive control and the bordering work of legal categorization in U.S. asylum law. **Political Geography**, v. 58, 2017.

GRIFFITHS, Melanie B.E. Out of Time: The Temporal Uncertainties of Refused Asylum Seekers and Immigration Detainees. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 40, n. 12, 2014.

GUTIÉRREZ, Gabriela Sánchez. Flujos migratorios en mesoamérica: el papel de la cooperación internacional para el desarrollo. In: GARCÍA, Ada Celsa Cabrera *et al.* (cords.) **Migraciones Internacionales en el siglo XXI: un análisis desde una perspectiva crítica**. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. 2019.

HALE, Gary J.; MA, Jie. Migrant Caravans: A Deep Dive Into Mass Migration through Mexico and the Effects of Immigration Policy. **Center for the U.S. and Mexico**. 02 de março de 2023. Disponível em: <https://www.bakerinstitute.org/research/migrant-caravans-deep-dive-mass-migration-through-mexico-and-effects-immigration-policy>.

HARRISON, Jill Lindsey; LLOYD, Sarah. Illegality at work: deportability and the productive new era of immigration enforcement. **Antipode**, v. 44, n. 2, p. 365–85, 2012.

HERNÁNDEZ, Aída Silva. Estrategias de tránsito de adolescentes centroamericanos independientes. **REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, n. 44, p. 99-117, 2015.

HERNÁNDEZ, Óscar Misael. Caravana de migrantes centroamericanos en Reynosa y Matamoros. 2019. **El Colegio de la Frontera Norte**. Disponível em: https://www.colef.mx/doc_coyuntura/caravana-de-migrantes-centroamericanos-en-reynosa-y-matamoros-2019/

HERNÁNDEZ, Óscar Misael. Desmantelamiento del campamento migrante en Matamoros, Tamaulipas. **El Colegio de la Frontera Norte**. 11 de marzo de 2021. Disponible em: <https://www.colef.mx/noticia/desmantelamiento-del-campamento-migrante-en-matamoros-tamaulipas/>.

HERNÁNDEZ, Oscar Misael. Organizaciones gubernamentales, no gubernamentales y atención a migrantes en Tamaulipas, México en tiempos de Covid-19. **Ciencia y Sociedad**, v. 46, n. 2, 2021.

HESS, Sabine. De-naturalising transit migration. Theory and methods of an ethnographic regime analysis. **Population, Space and Place**, v. 18, n. 4, 2012.

HESS, Sabine; KASPAREK, Bernd. Under Control? Or Border (as) Conflict: Reflections on the European Border Regime. **Social Inclusion**, v. 5, n. 3, p.58-68, 2017.

HESS, Sabine. De-naturalising transit migration. Theory and methods of an ethnographic regime analysis. **Population, Space and Place**, v.18, n. 4, 2012.

HOEFER, Michael; RYTINA, Nancy; BAKER, Bryan. Estimates of the Unauthorized Immigrant Population Residing in the United States: January 2009. **U.S. Department of Homeland Security**. 2010. Disponible em: https://www.dhs.gov/xlibrary/assets/statistics/publications/ois_ill_pe_2009.pdf

HUERTA, Amarela Varela. Luchas migrantes en contextos de tránsito migratorio, el caso del movimiento migrante centroamericano. **REMHU – Revista Interdisciplinaria Movilidad Humana**, v. 24, n. 48, p. 31-44, 2016.

HUERTA, Amarela Varela. México, de “frontera vertical” a “país tapón”. Migrantes, deportados, retornados, desplazados internos y solicitantes de asilo en México. **Revista de Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana**, v. 14, n. 27, 2019.

HUERTA, Amarela Varela; MCLEAN, Lisa. Caravanas de migrantes en México: nueva forma de autodefensa y transmigración. **CIDOB**, v. 1, n. 122, 2019.

HUERTA, Amarela Varela; MCLEAN, Lisa. From vulnerable victims to insurgent caravaneros: The genesis and consolidation of a new form of migrant self-defence in America. In: GRAPPI, Giorgio (ed). **Migration and the Contested Politics of Justice Europe and the Global Dimension**. Londres: Routledge. 2021.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Q&A: Trump Administration’s “Remain in Mexico” Program 2021**. Disponible em: <<https://www.hrw.org/news/2020/01/29/qa-trump-administrations-remain-mexico-program>>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

HUYSMANS, Jef; *et al.* MOBILITY / MOVEMENT. In: DE GENOVA, Nicholas; TAZZIOLI, Martina. Minor Keywords of Political Theory: Migration as a Critical Standpoint. A collaborative project of collective writing. **Environment and Planning C: Politics and Space**. 2021.

HWANG, Brandon; PANG, Kyle. An Era of Islamophobia: The Muslim Immigrant Experience in America. **Pepperdine Journal of Communication Research**, v. 5, n. 11, p.49-55, 2017.

HYNDMAN, Jennifer; MOUNTZ, Alison. Another Brick in the Wall? Neo-Refoulement and the Externalization of Asylum by Australia and Europe. **Government and Opposition**, v. 43, n. 2, p, 249-69, 2008.

IANNI, Octávio. A racialização do mundo. **Tempo Social: Revista de Sociologia**, v. 8, n. 1, p. 1- 23, 1996.

IBARRA, María del Rosario Piedra. Informe especial sobre los Protocolos de Protección a Migrantes (MPP) programa “Quédate en México” 2019 2021: análisis de su impacto en los derechos humanos de las personas en movilidad en México. **Comisión Nacional de los Derechos Humanos**. 2021.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **World Migration Report 2018**. 2018. Disponível em:
https://www.iom.int/sites/g/files/tmzbd1486/files/country/docs/china/r5_world_migration_report_2018_en.pdf

ITURRALDE, Lorena Mena; PIÑERO, Rodolfo Cruz. Atrapados en busca de asilo. Entre la externalización fronteriza y la contención sanitaria. **REMHU – Revista Interdisciplinar Movilidad Humana**, v. 29, n. 61, 2021a.

ITURRALDE, Lorena Mena; PIÑEIRO, Rodolfo Cruz. Centroamericanos en tránsito por México: un análisis de los flujos migratorios y las políticas de contención (2009-2019). **Revista de Ciencias Sociales**, v. 91, 2021b.

JONAS, Sussane. Central America as a Theater of U.S. Cold War Politics. **Latin American Perspectives**, v. 9, nº 3, 1982.

JONAS, Sussane; RODRÍGUEZ, Nestor. **Guatemala-U.S. Migration: Transforming Regions**. Austin: University of Texas Press, 2014.

JORDAN, Miriam. Se instala un nuevo campamento fronterizo en México, Luego de clausurarse uno en el mes de marzo. **Prensa libre**. 29 de agosto de 2021. Disponível em:
<https://www.prensalibre.com/internacional/se-instala-un-nuevo-campamento-fronterizo-en-mexico-luego-de-clausurarse-uno-en-el-mes-de-marzo/>

JOSEPH, Anna; APARICIO, Margarita Juárez; MARTIN, Allena. Mexican Tarjetas de Visitante por Razones Humanitarias and Firm Resettlement: A Practice Advisory for Advocates. **Institute for Women in Migration**. 2019

KANDEL, William A.; SEGHETTI, Lisa. Unaccompanied Alien Children: An Overview. **US Congressional Research Service**. 2015. Disponível em:
<https://trac.syr.edu/immigration/library/P11312.pdf>.

KERWIN, Donald. Creating a More Responsive and Seamless Refugee Protection System: The Scope, Promise and Limitations of US Temporary Protection Programs. **Journal on Migration and Human Security**, v. 2, n. 1, 2018.

KERWIN, Donald. From IIRIRA to Trump: Connecting the Dots to the Current US Immigration Policy Crisis. **Journal on Migration and Human Security**, v. 6, n. 3, 2018.

KITAGAWA, S. Geographies of migration across and beyond Europe: the camp and the road of movements. In BIALASIEWICZ, A. (ed.), **Europe in the World: EU Geopolitics and the Making of European Space**, Londres: Ashgate. 2011.

KNOWLES, Caroline. Mobilidade migratória. In: CAVALCANTI, Leonardo *et al* (ed.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB. 2017. p. 490-93.

KOCHER, Austin. Migrant Protection Protocols and the Death of Asylum. **Journal of Latin American Geography**. 2021.

LAUGHON, Kathryn; MONTALVO-LIENDO, Nora; EATON, Sarah; BASSETT, Lucy. Health and safety concerns of female asylum seekers living in an informal migrant camp in Matamoros, Mexico. **Journal of Advanced Nursing**, v. 79, n. 5, 2023, p. 1830-1839.

LAURA, Blanca; DÍAZ, Cordero. Central American caravans and contesting forms of migrant justice Sovereign violence and multiple forms of confinement in question. In: GRAPPI, Giorgio (ed). **Migration and the Contested Politics of Justice Europe and the Global Dimension**. Londres: Routledge. 2021.

LEE, Erika. America First, Immigrants Last: American Xenophobia Then and Now. **Journal of the Gilded Age and Progressive Era**, v. 19, n. 1, 2019.

LEÓN, Alejandra; CONTRERAS, Jenyel. La construcción social del peligro migratorio en contextos de crisis globales. Un análisis comparado: Europa Occidental-Centro y Sur Latinoamericano. **Revista Andina de Estudios Políticos**, v. 10, n. 1, 2020, p. 152-171.

LEPORE, Jill. **Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

LEUTERT, Stephanie. Andrés Manuel López Obrador's Migratory Policy in Mexico. **Proyecto de Investigación de Políticas sobre la Política Migratoria Mexicana**. 2021.

LEUTERT, Stephanie. Caravanas de Migrantes en México. **Proyecto de Investigación de Políticas sobre la Política Migratoria Mexicana: The University of Texas at Austin**. 2020.

LOKKA, Brendan. Trump's Torture Legacy: Isolating, Incarcerating, and Inflicting Harm Upon Migrant Children. **American University International Law Review**, v. 35, n. 1, p. 170- 200, 2020.

LUCERO, Vargas Chantal; ALONSO, Hernández López Rafael (orgs.). **Vulnerabilidad en tránsito. Peligros, retos y desafíos de migrantes del norte de Centroamérica a su paso por México**. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2022.

MARCONI, Giovanna. Mexico and Turkey as Transit Countries. In: IÇDUYGU, Ahmet; SERT, Deniz (orgs.). **Borders under stress**. The cases of Turkey-EU and Mexico-USA. Istanbul: The Isis Press, 2012.

MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. Crianças desacompanhadas na América Latina: reflexões iniciais sobre a situação na América Central. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 5, n. 1, p. 77-96, 2017.

MASSEY, Douglas S. Immigration policy mismatches and counterproductive outcomes: unauthorized migration to the U.S. in two eras. **Comparative Migration Studies**, v. 8, n. 21, 2020.

MASSEY, Douglas S. International Migration at the Dawn of the Twenty-First Century: The Role of the State. **Population and Development Review**, v. 25, n. 2, p. 303-322, 1999.

MASSEY, Douglas S. The Real Crisis at the Mexico-U.S. Border: A Humanitarian and Not an Immigration Emergency. **Sociol Forum (Randolph N J)**, v. 35, n. 3, p. 787-805, 2020.

MAYDA, Anna Maria; PERI, Giovanni; STEINGRESS, Walter. The Political Impact of Immigration: Evidence from the United States. **American Economic Journal: Applied Economics**, v. 14, n. 1, p. 358-89, 2022.

MCCORMICK, Evan D. Central America-US Relations. **Oxford Research Encyclopedia of American History**. 2019.

MÉDECINS SANS FRONTIÈRES. **No way out: The humanitarian crisis for migrants and asylum seekers trapped between the United States, Mexico and the Northern Triangle of Central America**, 2020. Disponível em: <https://www.msf.org/report-no-way-out-central-american-migration>

MEKDJIAN, Sarah. Mapping Mobile Borders: Critical Cartographies of Borders Based on Migration Experiences. In: SZARY, Anne-Laure Amilhat; FRÉDÉRIC, Giraut. **Borderities and the Politics of Contemporary Mobile Borders**. Londres: Palgrave MacMillan, 2015.

MENDOZA, Alexandra; MORRISSEY, Kate. Mexican authorities clear migrant camp in Tijuana. **The San Diego Union-Tribune**. Disponível em: https://www.masslive.com/opinion/2015/10/our_own_migrant_crisis_is_stil.html

MERCADO, Alfonso; GARCINI, Luz; VENTA, Amanda; PARIS, Manuel. “Remain In Mexico”: Stories Of Trauma And Abuse. **Health Aff (Millwood)**, v. 40, n. 7, 2022.

MENJÍVAR, Cecilia; ABREGO, Leisy J. Legal Violence: Immigration Law and the Lives of Central American Immigrants. **American Journal of Sociology**, v. 117, n. 5, p. 1380–1421, 2012.

MERLÍN-ESCORZA, Cesar E. *et al.* Sheltering as a destabilising and perpetuating practice in the migration management architecture in Mexico. **Third World Quarterly**, v. 42, n.1, 2021.

MEYER, Peter J. Central American Migration: Root Causes and U.S. Policy. **Congressional Research Service**, v. 10. 2023. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/row/IF11151.pdf>.

MEZZADRA, Sandro. Multidão e Migrações: a autonomia dos migrantes. **Revista Eco-Pós**, v. 15, n. 2, p. 70-107, 2012.

MEZZADRA, Sandro; *et al.* Migration/Migration Studies. In: CASAS-CORTES, M. *et al.* New Keywords: Migration and Borders. **Cultural Studies**, v. 29, n.1, 2014.

MOREIRA, Julia Bertino; BORDA, Janine Hadassa Oliveira Marques. Invertendo o enfoque das “crises migratórias” para as “migrações de crise”: uma revisão conceitual no campo das migrações. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 28, 2021.

MORENO, Ismael. La caravana: ¿Quiénes la empujan, qué factores internos la provocan, y cómo situarnos? *In*: EGUREN, Joaquín; HERNÁNDEZ, Sindy (orgs.). **Caravanas de migrantes**: manifestaciones de la compleja realidad centroamericana. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 2019.

MORIN, Rebecca. Biden continues to use Title 42, a Trump-era immigration policy. But he's made one key change. **USA Today**. 26 de março de 2021. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/politics/2021/03/26/biden-continues-title-42-immigration-policy-but-now-allows-children/4798100001/> Acesso em: 18 de março de 2023.

MOUNTZ, Alison. **The Death of Asylum**: Hidden Geographies of the Enforcement Archipelago. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020.

MUÑOZ-POGOSSIAN, Betilde; CHAVES-GONZÁLEZ, Diego. Environmental Explanations of Central American Migration: Challenges and Policy Recommendations. **Jack D. Gordon Institute for Public Policy**, n. 39, 2021.

MUSALO, Karen; LEE, Eunice. Seeking a Rational Approach to a Regional Refugee Crisis: Lessons from the Summer 2014 “Surge” of Central American Women and Children at the US- Mexico Border. **Journal on Migration and Human Security**, v. 5, n.1, 2017.

NEILSON, Brett; DE GENOVA, Nicholas; MEZZADRA, Sandro. Border Regime. *In*: CASAS-CORTES, M. *et al.* New Keywords: Migration and Borders. **Cultural Studies**, v. 29, n.1, 2014.

OIM BRASIL. **Nova Rede sobre Migrantes Desaparecidos nas Américas visa impulsionar ações para salvar vidas de migrantes**. 30 de março de 2023. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/nova-rede-sobre-migrantes-desaparecidos-nas-americas-visa-impulsionar-acoes-para-salvar-vidas-de-migrantes>. Acesso em 07 de junho de 2023.

OLSON, Eric L. Respuestas de Estados Unidos a la crisis de los niños migrantes centroamericanos. **Centro Internacional Woodrow Wilson para Académicos**, n. 8, 2016.

OSTERMANN, Marlies. LUMLERTG, Nuttha. Migration and health in Latin America during the COVID-19 pandemic and beyond **The Lancet Infectious Diseases**, v. 397, n. 10281, 2021.

OWEN, Quinn. What is Title 8 immigration law? **ABC News**. 13 de maio de 2023. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/title-8-immigration-law/story?id=99226848>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

PADDEN, Brian. Biden Calls Trump’s New Immigration Ban a Distraction. **Voa News**. 24 de junho de 2020. Disponível em: https://www.voanews.com/a/usa_us-politics_biden-calls-trumps-new-immigration-ban-distraction/6191626.html. Acesso em: 17 de maio de 2023.

PALACIOS, Simón Pedro Izcara. Las caravanas de migrantes, las economías de tráfico humano y el trabajo excedente. **Andamios**, v. 18, n. 45, p. 21-45, 2021

PALICER, Raony. **O Centro Periférico: a América Central e a Política Internacional**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2017.

PALLISTER-WILKINS, Polly. Walking, Not Flowing: The Migrant Caravan and The Geoinfrastructuring of Unequal Mobility. **Society and Space**. 2019.

PANEBIANCO, Stefania; FONTANA, Iole. When responsibility to protect ‘hits home’: the refugee crisis and the EU response. **Third World Quarterly**, v. 39, n. 1, p. 1–17, 2018.

PAPADOPOULOS, Dimitris; VASSILIS, S. Tsianos. After Citizenship: Autonomy of Migration, Organisational Ontology and Mobile Commons. **Citizenship Studies**, v. 17, n. 2, 2013.

PAPADOPOULOU-KOURKOULA, Aspasia. **Transit migration**: The missing link between emigration and settlement. Londres: Palgrave Macmillan, 2008.

PARKER, Noel; VAUGHAN-WILLIAMS, Nick. Lines in the Sand? Towards an Agenda for Critical Border Studies. **Geopolitics**, v. 14, n. 3, 2009.

PASSEL, J. S.; COHN D. V. U.S. unauthorized immigrant total dips to lowest level in a decade. **Pew Research Center**. 2018.

PASTOR, Rodolfo. **Historia Mínima de Centroamérica**. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos. 2011.

PEDERZINI, Carla; RIOSMENA, Fernando; MASFERRER, Claudia; MOLINA, Noemy. Three Decades of Migration from the Northern Triangle of Central America: A Historical and Demographic Outlook. **Canamid Policy Brief Series**. 2015.

PERKOWSKI, Nina; STIERL, Maurice; BURRIDGE, Andrew. The evolution of European border governance through crisis: Frontex and the interplay of protracted and acute crisis narratives. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 41, n. 1, p. 110 – 129, 2023.

PERRE, Nick *et al.* Refugee Crisis: Three Perspectives on the Makings of a Crisis. **Border Criminologies**, 6 de junho de 2018. Disponível em: <https://blogs.law.ox.ac.uk/research-subject-groups/centre-criminology/centreborder-criminologies/blog/2018/06/refugee-crisis>

PFLEGER, Sabine. Las dos caras del framing mediático de la migración en México: las personas-peligro y las personas-víctima contra el Estado-nación. **Discurso & Sociedad**, n. 4, p. 647-669, 2019.

PHILLIPS, Amber. ‘They’re rapists.’ President Trump’s campaign launch speech two years later, annotated. **The Washington Post**. 16 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2017/06/16/theyre-rapists-presidents-trump-campaign-launch-speech-two-years-later-annotated/>

PHILLIPS, Nicole; RICKER, Tom. The Invisible Wall: Title 42 and its Impact on Haitian Migrants. **Haitian Bridge Alliance**. 2021.

PLOTNIKOV, Dmitry. Mayor crecimiento, ¿menos delincuencia? **IMFBlog**. 24 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.imf.org/es/Blogs/Articles/2020/02/24/blog-higher-growthlowercrime#:~:text=En%20Am%C3%A9rica%20Central%2C%20que%20sigue,5%25%20de%20la%20poblaci%C3%B3n%20mundial>. Acesso em: 07 de outubro de 2022.

PIERCE, Sarah; BOLTER, Jessica. Dismantling and Reconstructing the U.S. Immigration System: A Catalog of Changes under the Trump Presidency. **Migration Policy Institute**. 2020.

PIGUET, Etienne. The ‘refugee crisis’ in Europe: Shortening Distances, Containment and Asymmetry of Rights- a Tentative Interpretation of the 2015–16 Events. **Journal of Refugee Studies**, v. 34, n. 2, 2021.

POMBO, Maria Dolores París. Externalización de las fronteras y bloqueo de los solicitantes de asilo en el norte de México. **REMHU – Revista Interdisciplinar Movilidad Humana**, v. 30, n. 64, 2022.

POMBO, María Dolores París. La extraterritorialización de la espera y la negación del derecho al asilo en Estados Unidos. **El Colegio de la Frontera Norte**. 2020.

POMBO, María Dolores París; CARNERO, Emiliano Ignacio Díaz. La externalización del asilo a la frontera Norte de México: protocolos de protección al migrante. *In*: CRUZ, Alberto Isaí Baltazar; RUIZ, Elizabeth Figueroa; GRACIDA, Sara Elia Salazar. **Migraciones en México: fronteras, omisiones y transgresiones**. Puerto Vallarta: REDODEM. 2020, p. 85-119.

POMBO, Maria Dolores París; MONTES, Verónica. Hostility, Humanitarianism, and Radical Solidarity with Migrants in Tijuana, Mexico. *In*: FARET, Laurent; SANDERS, Hilary (org.) **Migrant Protection and the City in the Americas**. Londres: Palgrave Macmillan, 2021. p. 211 - 235.

POMBO, María Dolores París; MONTES, Verónica. Visibilidad como estrategia de movilidad: el éxodo centroamericano en México (2018-2019). **Entre Diversidades: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, v. 7, n. 14, p. 9-37, 2020.

REICHMAN, Daniel. Honduras: The Perils of Remittance Dependence and Clandestine Migration. **Migration Policy Institute**. 2013. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/honduras-perils-remittance-dependence-and-clandestine-migration>

RIGAUD, Kanta Kumari; SHERBININ, Alex de; JONES, Bryan; BERGMANN, Jonas; CLEMENT, Viviane; OBER, Kayly; SCHEWE, Jacob; ADAMO, Susana; MCCUSKER, Brent; HEUSER, Silke MIDGLEY, Amelia. Groundswell: Preparing for Internal Climate Migration. **The World Bank Group**. 2018.

RIZZO, Rosario de la Luz Lara. La Caminata del Migrante: A Social Movement. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 47, n. 17, 2021.

ROJAS, Ana Carolina. Caravana de migrantes: “¡Ayúdenos, no nos regresen!”, miles ya caminan por México. **BBC News Mundo**. 21 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-45932801>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

ROJAS-WIESNER, Martha Luz; DeVARGAS, Maria. Strategic Invisibility as Everyday Politics for a Life with Dignity: Guatemalan Women Migrants' Experiences of Insecurity at Mexico's Southern Border. *In*: TRUONG, Thanh-Dam; GASPER, Des; HANDMAKER, Jeff; BERGH, Sylvia (orgs.). **Migration, Gender and Social Justice: Perspectives on Human Insecurity**. Berlin: Springer, 2014.

ROJAS-WIESNER, Martha Luz; WINTON, Ailsa. 2019. Precarious Mobility in Central America and Southern Mexico: Crises and the Struggle to Survive. *In*: MENJÍVAR, Cecilia, RUIZ, Marie; NESS, Immanuel. **The Oxford Handbook of Migration Crises**. Oxônia: Oxford University Press. 2019, p. 245–260.

ROJAS-WIESNER, Martha Luz. More than a Northward Migratory Corridor: Changes in Transit Migration and Migration Policy in Mexico. *In*: FELDMANN, Andreas E.; BADA, Xochitl; DURAND, Jorge; SCHÜTZE, Stephanie. **The Routledge History of Modern Latin American Migration**. Abingdon: Routledge, 2022.

ROMERO, Luis; RODRÍGUEZ, Néstor. Inmigración de menores centroamericanos y reacciones en Estados Unidos. **Revista Ecuador Debate**, n. 97, p. 123-141, 2016.

ROSENBLOOM, Raquel; BATALOVA, Jeanne. Mexican Immigrants in the United State. **Migration Policy Institute**. 13 de outubro de 2022. Disponível em: [https://www.migrationpolicy.org/article/mexican-immigrants-united-states#:~:text=In%202021%2C%20there%20were%20about,percent\)%20between%202010%20and%202021](https://www.migrationpolicy.org/article/mexican-immigrants-united-states#:~:text=In%202021%2C%20there%20were%20about,percent)%20between%202010%20and%202021)

ROSENBLUM, Marc. Unaccompanied child migration to the United States. The Tension between Protection and Prevention. **Migration Policy Institute**. 2015. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/research/unaccompanied-child-migration-united-states-tension-between-protection-andprevention>.

RUIZ, Ariel. Un año después del Acuerdo Estados Unidos-México: La transformación de las políticas migratorias mexicanas. **Migration Policy Institute**. 2020. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/research/un-ano-acuerdo-estados-unidos-mexico>. Acesso em: 05 de março de 2023.

RYGIEL, Kim; BABAN, Feyzi; ILCAN, Suzan. The Syrian Refugee Crisis: The EU-Turkey 'Deal' and Temporary Protection. **Global Social Policy**, v. 16, n. 3, 2016.

SANCHÍZ, Alejandro Agudo *et al.* Desafíos y riesgos enfrentados por albergues, organizaciones civiles y personas migrantes en Tijuana 2019. **Universidad Iberoamericana Ciudad de México - Tijuana**. 2020.

SANTOS, Enrique Coraza de los; VEJA, Luis Alfredo Arriola (orgs.). **Crises and Migration. Critical Perspectives from Latin America**. Berlin: Springer, 2022.

SARMIENTO, Érica. **Migrações Forçadas, resistências e perspectivas: América Central, México e Estados Unidos (2016-2020)**. São Paulo: Intermeios, 2021.

SAVE THE CHILDREN. **Why Are Unaccompanied Minors Traveling Alone to the U.S. Border?** Disponível em: <https://www.savethechildren.org/us/charity-stories/unaccompanied-minors-border-crisis>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2023.

SCHAPENDONK, Joris. Turbulent Trajectories: African Migrants on Their Way to the European Union. **Societies**, v. 2, 2012.

SEELE, Andrew. Un año de cambios profundos en la política migratoria entre Centroamérica, México y Estados Unidos. **Análisis Fundación Carolina**. 2020. Disponível em: <https://www.fundacioncarolina.es/wp-content/uploads/2020/01/AC-2.20.pdf>

SERVENT, Ariadna. A New Form of Delegation in EU Asylum: Agencies as Proxies of Strong Regulators. **Journal of Common Market Studies**, v. 56, n. 1, 2018.

SHIFF, Talia. Regulating organizational ambiguity: unsettled screening categories and the making of US asylum policy. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 48, n. 7, p. 1802-1820, 2019.

SIQUEIRA, Sueli. Projeto migratório. In: CAVALCANTI, Leonardo *et al* (ed.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB. 2017. p. 570-74.

SMITH, Emma Smith; ALYSWORTH, Scarlett; GARYANTES, Molly; DOUNG, Francesca; KRISHEN, Medha. U.S. Involvement in the Northern Triangle and its Effects on Immigration. **University of Michigan Undergraduate Research Journal**, n. 14, p. 25-32, 2020.

SMITH, Milenna. The Search for the American Dream: Interpersonal, Cultural, and Structural Constraints on Immigrants. **Silicon Valley Notebook**. V. 14, n. 9, 2016, p. 98-123.

SOLANO, Priscilla; MASSEY, Douglas S. Migrating through the Corridor of Death: The Making of a Complex Humanitarian Crisis. **Journal on Migration and Human Security**, v. 10, n. 3, p. 147-172, 2022.

SØRENSEN, Ninna Nyberg. Indústria das Migrações. In: CAVALCANTI, Leonardo *et al* (ed.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora UnB. 2017. p. 404-8.

SOTO, Ariel G. Ruiz; BOTTONE, Rossella; WATERS, Jaret; WILLIAMS, Sarah; LOUIE, Ashley WANG, Yuehan. Charting a New Regional Course of Action: The Complex Motivations and Costs of Central American Migration. **World Food Programme**. 2021.

SOUZA, André de Mello; NASSER, Reginaldo Mattar; MORAES, Rodrigo Fracalossi (orgs.). **Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI**. Brasília: Ipea, 2014.

STIERL, Maurice *et al*. STRUGGLE. In: DE GENOVA, Nicholas; TAZZIOLI, Martina. Minor Keywords of Political Theory: Migration as a Critical Standpoint. A collaborative project of collective writing. **Environment and Planning C: Politics and Space**. 2021. p. 25-41.

TALLIS, Benjamin. Operationalising the borderscape: making sense of proliferating (in)securities and (im)mobilities. **International Politics**, n.3, p. 410–427, 2021.

TAPIA, Bertha Alicia Bermudez. El campamento de Matamoros: símbolo de las restricciones de movilidad y vulnerabilidad migrante. **Migracion Nexos**. 30 de junho de 2021. Disponível em: <https://migracion.nexos.com.mx/2021/06/el-campamento-de-matamoros-simbolo-de-las-restricciones-de-movilidad-y-vulnerabilidad-migrante/>

TAPIA, Bertha Alicia Bermudez. From Matamoros to Reynosa: Migrant Camps on the U.S.-Mexico Border. **Contexts**, v. 22, n. 1, p. 30-37, 2023

TAZZIOLI, Martina *et al.* Autonomy of Asylum? The Autonomy of Migration Undoing the Refugee Crisis Script. **South Atlantic Quarterly**, v. 117, n. 2, 2018.

TAZZIOLI, Martina, *et al.* Migrant struggles. In: CASAS-CORTES, M. *et al.* New Keywords: Migration and Borders. **Cultural Studies**, v. 29, n. 1, 2014.

TAZZIOLI, Martina. Containment through mobility: migrants' spatial disobediences and the reshaping of control through the hotspot system. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 44, n.16, p. 1-16, 2017.

TAZZIOLI, Martina. Governing migrant mobility through mobility: Containment and dispersal at the internal frontiers of Europe. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 38, n. 1, p.3–19, 2020.

TISCAREÑO-GARCÍA, Eduardo. Encuadres noticiosos sobre la Caravana Migrante del 2018 en periódicos digitales mexicanos. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 27, n. 1, p. 281 -293, 2021.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. **Corruption Perceptions Index 2022**. 2022. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/cpi/2022>

U.S. DEPARTMENT HOMELAND SECURITY. **Secretary Kirstjen M. Nielsen Announces Historic Action to Confront Illegal Immigration**. 20 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.dhs.gov/news/2018/12/20/secretary-nielsen-announces-historic-action-confront-illegal-immigration>

U.S. DEPARTMENT OF STATE. **Mexico Travel Advisory**. 17 de agosto de 2022. Disponível em: <https://travel.state.gov/content/travel/en/traveladvisories/traveladvisories/mexico-travel-advisory.html>. Acesso em: 04 de julho de 2022.

UNHCR. **Global Trends: Forced Displacement in 2022**. 2023. Disponível em: <https://www.unhcr.org/sites/default/files/2023-06/global-trends-report-2022.pdf>. Acesso em 07 de agosto de 2023.

UNHCR. **Un agencies begin processing at Matamoros**. 2021. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/press/2021/2/6035b7db4/un-agencies-begin-processing-matamoros.html>. Acesso em: 07 de junho de 2022.

UNITED STATES CONSTITUTION. **Part G - Quarantine and Inspection**. Disponível em: <https://uscode.house.gov/view.xhtml?path=/prelim@title42/chapter6A/subchapter2/partG&edition=prelim>

VARGAS, Rosalba Jasso. Espacios de estância prolongada para la población migrante centroamericana en tránsito por México. **Frontera Norte**, v. 33, n. 4, 2021.

VARGAS, Rosalba Jasso; LARA, César Barboza. Migración centroamericana en tránsito: estimaciones del periodo de estancia en la frontera norte de México. **Carta Económica Regional**, n. 119, 2017.

VILLALEVER, Ximena Alba; SCHÜTZE, Stephanie. Trayectorias migratorias y violencia organizada en el corredor Centroamérica-México-Estados Unidos. **Periplos: Revista de Investigación sobre Migraciones**, v. 5, n. 1, pp. 82-107, 2021.

VILLEGAS, Rodrigo Dominguez Central American Migrants and “La Bestia”: The Route, Dangers, and Government Responses. **Migration Policy Institute**. 14 de setembro de 2014. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/central-american-migrants-la-bestia>

VITORINO, Juliana Mércia Guilherme. **Sobre diásporas e ausências: limites do Estado e a construção de uma sociedade civil migrante centro-americana**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2016.

VRIES, L. A. D; GUILD, Elspeth. Seeking refuge in Europe: spaces of transit and the violence of migration management. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 45, n. 12, p. 2156-2166, 2018.

WALTERS, William. Mapping Schengen and: Denaturalizing the Border. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 20, n. 5, p.561–580, 2002.

WALTERS, William. Migration, vehicles, and politics: Three theses on viapolitics. **European Journal of Social Theory**, v. 18, n. 4, p. 2156-2166, 2015.

WARD, Nicole; BATALOVA, Jeanne. Central American Immigrants in the United States. **Migration Policy Institute**. 2023. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/central-american-immigrants-united-states-2021>

WASEM, Ruth Ellen. More than a Wall: The Rise and Fall of US Asylum and Refugee Policy. **Journal on Migration and Human Security**, v. 8, n. 3, 2020.

WELANDER, Marta. The Politics of Exhaustion and the Externalization of British Border Control. An Articulation of a Strategy Designed to Deter, Control and Exclude. **International Migration**, v. 59, n. 3, 2020.

WELANDER, Marta; VRIES, L. A. D. Calais demolition: mission accomplished’, the politics of exhaustion and continued struggles for mobility. **Mediterranean Journeys in Hope**, Londres, 2016b. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/mediterranean-journeys-in-hope/calais-demolition-mission-accom/>.

WELANDER, Marta; VRIES, L. A. D. Refugees, displacement, and the European ‘politics of exhaustion’. **Mediterranean Journeys in Hope**. Londres, 2016a. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/mediterranean-journeys-in-hope/refugees-displacement-and-europ/>.

WINTERS, Nanneke. Beyond the bird in the cage? Translocal embodiment and trajectories of Nicaraguan female migrants in Seville, Spain. **Geoforum**, v. 116, p. 243-251, 2020.

WOLA. **10 Things to Know About the End of Title 42**. 09 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.wola.org/analysis/end-title-42/>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

WOLF, Sonja. Forced Migration from the Northern Triangle of Central America Drivers and Experiences. **Center for Economic Research and Teaching (CIDE)**. 2020.

WURTZ, Heather Marie. **The Paradoxes of Im/mobility in Central American Transit Migration in Mexic**. Tese. (Doutorado em Filosofia). Columbia University. Nova Iorque. 2021.

YAYBOKE, Erol, NZUKI, Catherine; MYERS, Maxwell. The Biden-Harris Strategy on the Root Causes of Migration (and Fragility) in Central America. **Center for Strategic and International Studies (CSIS)**. 12 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/biden-harris-strategy-root-causes-migration-and-fragility-central-america>

YOUNG, Julia. Making America 1920 Again? Nativism and US Immigration, Past and Present. **Journal on Migration and Human Security**, v. 5, n. 1, p. 217-235, 2017.

ZACCARA, Luciano; GONÇALVES, Maria do Carmo dos Santos. Migrants, Refugees, and Displaced Persons in the Middle East and North Africa: An approach from the Global South. **REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana**, v. 29, n. 63, 2021.

ZAPATA, David. Reducción de la pobreza, el ODS más desafiante de alcanzar para Honduras. **La Prensa**. 20 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.laprensa.hn/honduras/honduras-reduccion-pobreza-ods-mas-desafiante-alcanzar-pais-KB13126941>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

ZIEBARTH, Astrid. Broken systems: the 2014 humanitarian crisis in the US and policy insights for Europe. **European View**, v. 14, p. 191–200, 2014.